



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
VICE-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO E PÓS-
GRADUAÇÃO – VRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA –
PPGSC**

**A PRÁXIS DA ABORDAGEM SISTÊMICA COMUNITÁRIA
COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL
DE MULHERES EM FORTALEZA-CEARÁ**

Ottorino Bonvini

Fortaleza – CE
Outubro, 2022

OTTORINO BONVINI

**A PRÁXIS DA ABORDAGEM SISTÊMICA COMUNITÁRIA
COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL
DE MULHERES EM FORTALEZA-CEARÁ**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Fortaleza como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Saúde Coletiva.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Aline Veras Moraes Brilhante

Fortaleza – CE
Outubro, 2022

Ficha catalográfica da obra elaborada pelo autor através do programa de geração automática da Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza

Bonvini, Ottorino.

A PRÁXIS DA ABORDAGEM SISTÊMICA COMUNITÁRIA COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DE MULHERES EM FORTALEZA-CEARÁ / Ottorino Bonvini. – 2022.
174 f.

Tese (Doutorado) - Universidade de Fortaleza. Programa de Doutorado em Saúde Coletiva, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof.a Dr.a Aline Veras Morais Brilhante.

1. Saúde Mental. 2. Sofrimento Psicológico. 3. Serviços Comunitários de Saúde Mental. 4. Assistência Integral à Saúde. 5. Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. I Prof.a Dr.a. Brilhante, Aline Veras Morais. II.

OTTORINO BONVINI

A PRÁXIS DA ABORDAGEM SISTÊMICA COMUNITÁRIA COMO ESTRATÉGIA DE
PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DE MULHERES EM FORTALEZA-CEARÁ

Área de Concentração: Ciências Sociais e Epistemológicas em Saúde.

Linha de Pesquisa: Estudos de gênero e decolonialidade.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Aline Veras Moraes Brilhante – Orientadora
Universidade de Fortaleza – UNIFOR

Prof. Dr. Sidney Greenfield– Membro Efetivo
University of Wisconsin-Milwaukee, EUA

Prof. Dr. Claudio Moreira – Membro Efetivo
University of Massachusetts-Amherst, EUA

Prof. Dr. Nelson Filice de Barros – Membro Efetivo
Universidade Estadual de Campinas – DSC/FCM/UNICAMP

Prof.^a Dr.^a Maria Zelfa de Souza Feitosa Oliveira– Membro Efetivo
UNIFAMETRO - PITAGORAS

Prof. Dr. Rosendo Freitas de Amorim – Membro Suplente
Secretaria de Educação do Estado do Ceará - SEDUC

Prof.^a Dr.^a Andréa Stopiglia Guedes Braide – Membro Suplente
Escola de Saúde Pública do Ceará – ESP/CE

Aprovado em: 28/10/2022

AGRADECIMENTO

Dedico este trabalho ao meu amigo irmão, Doutor Antônio Mourão Cavalcante, *in memoriam*.

Agradeço aos meus pais, familiares, amigos e amigas que sempre apoiaram a nossa missão.

Agradeço a todos os que me ajudaram a realizar este trabalho.

Agradeço à orientadora, Professora e Doutora Aline Brilhante, pela coragem e pela vontade de pesquisar e construir algo novo com as mulheres do Bom Jardim.

Agradeço aos professores e às professoras da Banca Examinadora, que enriqueceram, com suas preciosas contribuições, a nossa experiência de partilha de conhecimentos.

Agradeço aos povos indígenas que, com suas culturas milenares, nos ajudam a manter viva a esperança de novos tempos, mais humanos e fraternos, respeitando a natureza e cuidando da Mãe Terra.

Agradeço ao Deus da Vida e do Amor, pela força e sabedoria que nos proporcionou para concluir este trabalho.

Mitakuye Oyasín!

RESUMO

Neste estudo, apresenta-se uma pesquisa qualitativa com um grupo de 15 mulheres moradoras da periferia de Fortaleza, as quais participaram das atividades terapêuticas do Movimento Saúde Mental, uma Organização da Sociedade Civil que, desde 1996, oferece serviços de prevenção e de implementação da saúde mental. A Abordagem Sistêmica Comunitária é uma tecnologia socioterapêutica que foi criada por meio da experiência de acolhida, de escuta, de cuidado e de promoção da vida da população de baixa renda da periferia de Fortaleza. Essa metodologia interdisciplinar e de múltiplo impacto cuida da pessoa em todas as suas dimensões biopsicossocioespirituais, ao unir o saber acadêmico com o saber popular, valorizar as culturas originárias, fortalecer os vínculos interpessoais e favorecer um processo de Autopoiese Comunitária. A Autopoiese estimula a capacidade da comunidade de se auto-organizar, de buscar os novos equilíbrios e a emergência de novas soluções. Os indicadores de desenvolvimento humano entre os piores do país e um contexto social caracterizado pela violência, o racismo multidimensional e as altas taxas de desemprego provocam um sofrimento psíquico e existencial que aumenta as estatísticas dos transtornos de ansiedade e depressivos, e que favorece a dependência química de múltiplas drogas. O Movimento Saúde Mental oferece várias Práticas Integrativas Complementares, com vivências de autoconhecimento para o fortalecimento da autoestima. A Abordagem Sistêmica Comunitária é uma experiência de decolonização da saúde mental que redimensiona o modelo biomédico hegemônico, integrando, nas práticas de cuidado, vários recursos terapêuticos complementares para efetivar um processo de *“healing the illness”*. A participação no processo socioterapêutico no Movimento Saúde Mental das 15 mulheres deste estudo revela como a colonialidade afeta a saúde mental, a autoaceitação, a autoestima, a autonomia e a autorrealização de cada uma delas. Na interseccionalidade da raça, classe, do gênero, da sexualidade e dos saberes culturais, as consequências da colonialidade se manifestam de forma intensa e profunda. As relações abusivas e os preconceitos determinam comportamentos caracterizados pela falta de reconhecimento social e pela dependência que afetam o inconsciente coletivo das mulheres excluídas da periferia, reduzindo e distorcendo a dignidade e o valor da pessoa. Nos

depoimentos das 15 mulheres deste estudo, foram observados vários condicionamentos e atitudes bem como um conjunto de sintomas que denominamos de Síndrome da Colonialidade Internalizada. A experiência de autoconhecimento nas Práticas Integrativas Complementares (PICS) facilita a superação da paralisia existencial caracterizada por complexos de inferioridade, submissão, subalternidade e resignação, estimulando um processo de empoderamento e de emancipação, restabelecendo a saúde mental e uma melhor qualidade de vida. A Abordagem Sistêmica Comunitária é uma Tecnologia Socioterapêutica reconhecida como inovação pela Mental Health Innovation Network em 2018.

Palavras-chave: Saúde Mental. Sofrimento Psicológico. Serviços Comunitários de Saúde Mental. Assistência Integral à Saúde das Mulheres. Práticas Integrativas e Complementares em Saúde.

ABSTRACT

In this study, qualitative research is presented concerning a group of 15 women living on the outskirts of Fortaleza, who participated in therapeutic activities of the Mental Health Movement, a nonprofit organization that has offered prevention and implementation services related to mental health since 1996. The Community Systemic Approach is a sociotherapeutic technology that was created by receiving, caring for, and promoting the life of the low-income population on the outskirts of Fortaleza. This interdisciplinary and multiple-impact methodology takes care of the person holistically, addressing the person's bio-psycho-social-spiritual dimensions, joining academic knowledge with popular knowledge, valuing originating cultures, strengthening all interpersonal bonds and promoting a process of Community Autopoiesis. Autopoiesis stimulates the community's ability to self-organize, to create new balances and the emergence of new solutions. Human development indicators for those living on the outskirts of Fortaleza are among the worst in the country and the social context characterized by violence, multidimensional racism, and high unemployment rates causes psychological and existential suffering that increases the statistics of anxiety and depressive disorders, and leads to chemical dependence on multiple drugs. The Mental Health Movement offers several Complementary Integrative Practices, with self-knowledge experiences to strengthen self-esteem. The Community Systemic Approach is an experience of decolonization of mental health that resizes the hegemonic biomedical model, integrating, in care practices, several complementary therapeutic resources to affect a process of "healing the illness". The participation in the sociotherapeutic process in the Mental Health Movement of the 15 women in this study reveals how coloniality affects mental health, self-acceptance, self-esteem, autonomy, and self-fulfillment of each of them. In the intersectionality of race, class, gender, sexuality, and cultural knowledge, the consequences of coloniality are manifested in an intense and profound way. Abusive relationships and prejudice determine behaviors characterized by a lack of social recognition and dependence, that affect the collective unconscious of the excluded women of the outskirts, reducing and distorting the dignity and value of the person. In the testimony of the 15 women in this study, several conditionings and attitudes and a set of symptoms that we called Internalized Coloniality Syndrome were observed. The experience of self-knowledge in Complementary Integrative Practices (PICS) facilitates the overcoming of existential paralysis characterized by inferiority, submission, subalternity, and resignation complexes, stimulating a process of empowerment and emancipation, restoring mental health and a better quality of life. The Community Systemic Approach is a Sociotherapeutic Technology recognized as an innovation by the Mental Health Innovation Network in 2018.

Keywords: Mental Health. Psychological Suffering. Community Mental Health Services. Comprehensive Assistance to Women's Health. Integrative and Complementary Practices in Health.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Curso de Terapia Comunitária.	12
Figura 2 – Atividades formativas.	14
Figura 3 – Perfil do MSM no Instagram.	15
Figura 4 – Abordagem Sistêmica Comunitária.	17
Figura 5 – Plataforma virtual.....	18
Figura 6 – Giardino Buffet (Instagram MSM).	19
Figura 7 – Grupos de participantes.....	29
Figura 8 – Grupo Biodança.	30
Figura 9 – Projetos de qualificação profissionalizantes.	30
Figura 10 – Escola de Robótica.....	31
Figura 11 – Desenvolvimento de habilidades.....	33
Figura 12 – Práticas de cuidados.	34
Figura 13 – Etapas de implementação da ASC.	35
Figura 14 – Pinturas de Leonardo Da Vinci.	48
Figura 15 – Festa da Mangueira Sagrada.	50
Figura 16 – Bond of Union (MC Escher) 1956.....	61
Figura 17 – Mão com esfera refletora.	61
Figura 18 – Percepções da “gestalt”.....	62
Figura 19 – Princípios da implantação da ASC.....	67
Figura 20 – Os três domínios interagindo: surgimento da vida.....	69
Figura 21 – Representação gráfica da equação cosmológica baseada em energia/tempo/massa.	73
Figura 22 – ASC: A emergência de novas soluções.....	88
Figura 23 – Mapa das Regionais de Fortaleza: Grande Bom Jardim – IDH.....	91
Figura 24 – Vaticano, povos indígenas.	137

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Núcleos de sentido relacionados aos desafios enfrentados.....	95
Tabela 2 – Número de feminicídios Brasil x Ceará (2021).....	131
Tabela 3 – Número de medidas protetivas de urgência distribuídas e concedidas pelos Tribunais de Justiça para mulheres vítimas de ameaças.....	131
Tabela 4 – Número e tipos de crimes contra a população LGHBTQI+, referentes a 2021....	131
Tabela 5 – Número de casos registrados por injúria racial, racismo e racismo por homofobia ou transfobia, referentes a 2021.....	132
Tabela 6 – Número de suicídios Brasil x Ceará (2021).....	132

LISTA DE ABREVIATURAS

ABRATECOM	Associação Brasileira de Terapia Comunitária
AME	Arte, Música e Espetáculo (Casa AME)
ASC	Abordagem Sistêmica Comunitária
BTS	Banco de Tecnologias Sociais do Banco do Brasil
CABJ	Centro de Aprendizagem do Bom Jardim
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CAPS-COM	Centro de Atenção Psicossocial Comunitário do Bom Jardim
CBM	Christian Blind Mission
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CEDECA	Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente
CEDECA-SP	Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Paulo
CID-10	Classificação Internacional de Doenças
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COEP	Comitê de Entidades no Combate à Fome e pela Vida
COMDICA	Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Fortaleza
CPS	Centro Psico Sociale
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
DSM	Diagnostic and Statistical Manual
FBB	Fundação Banco do Brasil
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
MISMEC-CE	Movimento Integrado de Saúde Mental Comunitária do Ceará - Projeto 4 Varas
MSM	Movimento Saúde Mental
ONG	Organização Não Governamental
OPAS	Organização Pan-americana de Saúde
OSC	Organização da Sociedade Civil
PQ	Pesquisa Qualitativa
SENAD	Secretaria Nacional Antidrogas

SER V	Secretaria Executiva Regional V
SMS	Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza
SUS	Sistema Único de Saúde
TC	Terapia Comunitária
TCI	Terapia Comunitária Integrativa
TEPT	Transtorno do Estresse Pós-Traumático
TGS	Teoria Geral do Sistema
TTL	Teoria dos Tipos Lógicos
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense

SUMÁRIO

1 DE ONDE EU FALO E POR QUE FALAR DE ABORDAGEM SISTÊMICA COMUNITÁRIA	12
1.1 Contextualização do problema	19
1.2 Pressupostos	20
1.3 Justificativa.....	20
2 OBJETIVOS.....	22
2.1 Geral.....	22
2.2 Específicos.....	22
3 GÊNESE E HISTÓRICO DO MOVIMENTO SAÚDE MENTAL (MSM).....	23
3.1 Primeiros passos da Abordagem Sistêmica Comunitária	27
3.2 Abordagem Sistêmica Comunitária e formação permanente.....	29
3.3 Processo de evolução da Abordagem Sistêmica Comunitária: o modelo biopsicossocial	34
3.4 A construção do pensamento sistêmico.....	43
3.5 Abordagem Sistêmica Comunitária	67
3.5.1 Autopoiese comunitária.....	67
3.5.2 Trofolaxe humana (troca de informações entre os membros do sistema autopoietico).....	70
3.5.3 Sintropia	72
4 POR ONDE EU ANDEI, QUE CAMINHO PERCORRI E QUEM ESTAVA COMIGO.....	89
4.1 Nosso cenário.....	90
4.2 Sobre as mulheres participantes, entrevistas e análises	92

4.3	Analizando e interpretando.....	93
4.4	<i>Belittling</i> : um olhar por novos espelhos	95
4.5	Sobre os aspectos éticos	96
5	DECOLONIZAÇÃO DA SAÚDE MENTAL (Síndrome da Colonialidade Internalizada (SCI).....	97
5.1	Colonização.....	103
5.2	Colonialismo	104
5.3	Descolonização	104
5.4	Colonialidade.....	108
5.5	Degeneração de gênero: a mulher coisificada	120
5.6	Decolonial e Descolonial	127
5.7	O sistema moderno-colonial de gênero	130
5.8	Regeneração de Gênero.....	137
5.9	Uma terra árida, quinze sementes e um jardim que floresceu	139
5.9.1	Autoconhecimento.....	139
5.9.2	Autoaceitação (amor próprio e espiritualidade)	141
5.9.3	Autoestima (autovalorização – reconhecimento)	142
5.9.4	Autonomia (aprendizados e sonhos realizados)	143
5.9.5	Autorrealização: (quando a autonomia encontra a segurança).....	146
	CONCLUSÃO.....	148
	REFERÊNCIAS	153
	APÊNDICES	165
	ANEXOS	170

1 DE ONDE EU FALO E POR QUE FALAR DE ABORDAGEM SISTÊMICA COMUNITÁRIA

Esta pesquisa parte dos fundamentos teóricos que qualificam a Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC) para avaliar os efeitos de uma tecnologia socioterapêutica multidisciplinar sobre a saúde mental de mulheres residentes em uma comunidade vulnerável de Fortaleza, Ceará, Brasil. Todavia, antes de falar da pesquisa, é preciso colocar de onde eu falo. Eu sou Ottorino Bonvini, padre missionário comboniano, médico psiquiatra, italiano de nascimento e participo, ativamente, de um trabalho realizado há mais de 26 anos pelo Movimento Saúde Mental (MSM). O MSM é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) situado na periferia de Fortaleza que vem, durante esse período, atuando na promoção da saúde mental, tendo como eixo inicial a terapia comunitária e a terapia da autoestima. Uma grande quantidade de famílias já foi beneficiada com essas ações obtidas nos serviços de acolhida, escuta e atenção socioterapêutica realizados pelo MSM. O MSM começou suas atividades em 1996, acolhendo as pessoas e oferecendo um espaço de escuta e de cuidados para a população do Grande Bom Jardim, proporcionando várias atividades terapêuticas com a formação dos primeiros grupos de terapia da autoestima e terapia comunitária.

Em 1997, em uma parceria do MSM com a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a supervisão do Professor Dr. Adalberto Barreto, médico psiquiatra, idealizador da Terapia Comunitária (TC) (BARRETO, 2005), foi organizado o primeiro curso de TC no Bom Jardim, formando trinta terapeutas comunitários que começaram a atender, semanalmente, a população em várias comunidades, fazendo da TC a porta de entrada para as outras atividades socioterapêuticas.

Figura 1 – Curso de Terapia Comunitária.



Fonte: (MSM, 2021 [online]).

No ano seguinte, por meio dos relatos nas rodas de conversas e nos grupos terapêuticos, identificamos, como um dos maiores problemas nas famílias, o alcoolismo e a dependência química. Assim, teve início um projeto de extensão universitária vinculado ao Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da UFC com o apoio do Professor Dr. Antônio Mourão Cavalcante, psiquiatra e antropólogo. O projeto para a prevenção de dependência química foi denominado “Sim à Vida não às Drogas” (CAVALCANTE; BONVINI, 2015) que, sucessivamente, virou referência nacional e foi valorizado na realização de um projeto de prevenção em parceria com a União Europeia (MSM, 2021).

O MSM foi inserido na pesquisa do Centro Latino-Americano de Estudos Sobre Violência e Saúde (CLAVES) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), financiada pelo Ministério da Saúde, como exemplo de experiência exitosa em prevenção à violência entre crianças, adolescentes e seus familiares vulneráveis. Por meio desta pesquisa, foi produzido o artigo intitulado “Êxitos e limites na prevenção da violência: estudo de caso de nove experiências brasileiras”, em que os autores analisam experiências bem-sucedidas de instituições como o MSM, observando os resultados que enfatizam o desenvolvimento da consciência cidadã, oportunidades de geração de emprego e renda, atividades lúdicas e educativas e, ainda, práticas para o fortalecimento da autoestima (GOMES; MINAYO et al., 2006).

Foi, também, significativa a parceria com a Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD) na formação de 60 terapeutas comunitários, o que levou ao reconhecimento do prêmio Mérito de Valorização da Vida 2007.

Figura 2 – Atividades formativas.



Fonte: (MSM, 2021 [online]).

O Movimento Saúde Mental desenvolveu várias atividades formativas em Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC), incluindo as técnicas de Terapia Comunitária, Terapia Familiar, Prevenção à Dependência Química, Eneagrama, Terapia da Respiração, Constelação Familiar, Arte Terapia e Cuidar dos Cuidadores e Cuidadoras. Esta última ação visa à realização de momentos de alívio do estresse para os membros do MSM e para os voluntários, ao realizar a circularidade do cuidado.

O MSM é reconhecido como Polo Formador da Associação Brasileira de Terapia Comunitária (ABRATECOM) e tem contribuído para a expansão da TC que hoje é uma das 29 modalidades de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) (APS, 2021 [online]) da política pública do Sistema Único de Saúde (SUS). Como espaço didático e socioeducativo, o MSM se caracteriza pela amplitude e qualidade de sua proposta educacional específica tanto na Abordagem Sistêmica Comunitária, quanto na Saúde Mental e em outras atividades socioterapêuticas. Com esse serviço, o MSM vem-se constituindo em referência nos âmbitos local, estadual, nacional e internacional e integra a formação nas atividades da autossustentabilidade da instituição.

Em 2007, iniciou-se uma experiência de replicação da ASC com o povo indígena Pitaguary nas aldeias indígenas de Maracanaú e Pacatuba, ao serem realizadas as atividades do projeto Sim à Vida e o programa Juventude Indígena Realizando Sonhos, os quais favoreceram

a inserção de vários jovens indígenas em colégios do ensino médio, escolas técnicas e universidades.

Figura 3 – Perfil do MSM no Instagram.



Fonte: (MSM, 2021 [Instagram]).

Em julho 2008, foi apresentada a experiência do MSM em Washington para a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), contribuindo para a elaboração de estratégias e de políticas públicas de saúde mental que poderiam ser expandidas na América Latina.

Logo após, em 2010, o mesmo modelo foi apresentado na Columbia University, em Nova Iorque (EUA), mostrando a evolução teórica e a práxis da Abordagem Sistêmica Comunitária (GREENFIELD, 2010). No decorrer dos anos, observou-se que as pessoas que participavam das atividades do MSM estabeleciam novas formas de sociabilidade, o que possibilita o resgate da autoestima individual e coletiva, proporciona maior participação e autonomia no processo de transformação da realidade em que estão inseridas, bem como contribui para a construção de uma sociedade mais justa e solidária (SECULT, 2020). Nesse processo de transformação do contexto social, muitas pessoas foram envolvidas, inclusive, aquelas que, inicialmente, foram beneficiárias do MSM, para depois se tornarem membros da rede de voluntários, ampliando suas ações e seus conhecimentos à medida que se envolviam na dinâmica da ASC.

É também significativa a parceria do Movimento Saúde Mental (MSM) com vários órgãos e instituições nacionais e internacionais, conquistada por meio da Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC), reconhecida como uma tecnologia replicável por sua eficácia e eficiência, incluída no Banco de Tecnologias Sociais (BTS) (FBB, 2009).

Em outubro de 2012, a coordenação do MSM se reuniu com o Reitor da Universidade Estadual do Ceará, Jackson Sampaio, para tratar de convênio entre as instituições, visando à

implementação de um Programa de Pós-Graduação com foco na Abordagem Sistêmica Comunitária (UECE, 2012). Logo em seguida, foi realizada a primeira formação em Abordagem Sistêmica Comunitária com profissionais de saúde bolivianos mediante parceria entre a Universidade Estadual do Ceará (UECE) e a Universidade Salesiana de La Paz. Sucessivamente, foram firmadas outras parcerias com a Universidad Mayor de San Andrés (UMSA) de La Paz, com a finalidade de replicação da ASC no sistema de saúde daquele país que continua até hoje (MSM, 2019).

Em janeiro de 2013, o MSM foi escolhido para apresentar a experiência desenvolvida no Bom Jardim para professores da Harvard School of Public Health (HARVARD, 2013). Vários trabalhos acadêmicos sobre a experiência do MSM foram desenvolvidos, ao longo desses anos, por estudantes de diversas faculdades nacionais e internacionais (SOUSA; COSTA, 2017). Evidenciam-se aqui as publicações científicas: “Inovação em saúde mental sob a ótica de usuários de um movimento comunitário no nordeste do Brasil”; “Inovação em saúde mental: subsídios à construção de práticas inovadoras e modelos avaliativos multidimensionais que apontam a inovação em Saúde Mental” e, “O compartilhamento do cuidado em saúde mental: uma experiência de cogestão de um centro de atenção psicossocial em Fortaleza-CE, apoiada em abordagens psicossociais”. Esses trabalhos foram realizados pelo MSM e seus colaboradores sob a ótica dos seus usuários (BOSI et al., 2011, 2012; GODOY et al., 2012).

A doença mental tem elementos sócio-históricos e “a dimensão ético-política compreende a necessidade de delimitar concepções de saúde mental que englobem práticas transformadoras da realidade social”. A circularidade do cuidado, a criatividade e a consciência social assim como a dimensão ecológica promovem uma reconexão com as raízes culturais e com o sagrado, favorecendo processos que superam a alienação e facilitam o desenvolvimento do fortalecimento pessoal e coletivo (BOSI et al, 2011).

Em 2018, a ASC foi reconhecida como inovação em saúde mental pela Mental Health Innovation Network (MHIN) vinculada à Organização Mundial da Saúde (OMS) (MNH, 2022).

Figura 4 – Abordagem Sistêmica Comunitária.



Fonte: (MNH, 2022).

Em 2019, no início de agosto, durante o Workshop de Disseminação de Tecnologias Sociais, organizado em parceria com o Child Fund Brasil, foi lançada a Cartilha da Abordagem Sistêmica Comunitária (MSM, 2019). A ASC foi apresentada no Congresso Mundial de Psiquiatria de Lisboa, em Portugal, como metodologia multidisciplinar para fortalecer as comunidades, abordando as dimensões biopsicossocioespirituais do sujeito (MSM, 2019).

A mais recente proposta autopoiética da ASC, no começo de 2020, surgiu como resposta aos desafios do isolamento físico da pandemia de Covid - 19 e gerou uma experiência inovadora em parceria com a Fiocruz-Fiotech, com o programa “Saúde Mental em Casa” (FIOCRUZ, 2020). Foi organizada a plataforma virtual (FIOCRUZ, 2020) que ofereceu atendimentos psicológicos, vídeos e podcast sobre assuntos relacionados à saúde mental e à prevenção da dependência química, dando continuidade *on-line* às atividades terapêuticas do MSM.

Figura 5 – Plataforma virtual.



Fonte: (MSM, 2021 [Instagram]).

Em novembro de 2021, foi inaugurado o Giardino Buffet (SABORES DA CIDADE, 2022), um negócio social que, por meio da Escola de Gastronomia Autossustentável (EGA), projeto de extensão da Faculdade de Gastronomia da UFC, atua para a autossustentabilidade do MSM, gerando um impacto social no Bom Jardim.

Figura 6 – Giardino Buffet (Instagram MSM).



Fonte: (MSM, 2021 [Instagram]).

O MSM continua movimentando-se e renovando, contribuindo para gerar uma pandemia de solidariedade com as pessoas que, neste momento histórico, particularmente difícil, necessitam de apoio e suporte terapêuticos. O reconhecimento científico, bem como os resultados satisfatórios obtidos por um número expressivo de usuários do MSM mostram como essa experiência de uma comunidade, considerada socioeconomicamente excluída e socioculturalmente marginalizada, pode organizar um processo autopoiético que responde às próprias necessidades biopsicossocioespirituais de seus componentes e converte-se em modelo de referência nacional e internacional. (FIOCRUZ, CNS, OPAS, MSM, 2022).

1.1 Contextualização do problema

Minha aproximação com o tema se dá desde 1996, quando se iniciaram as primeiras atividades socioterapêuticas do Movimento Saúde Mental MSM. Diante dessa experiência e da minha vivência profissional, emergiu a pergunta da pesquisa: “Como uma tecnologia socioterapêutica multidisciplinar pode contribuir para a promoção da saúde mental de mulheres de uma comunidade socioeconomicamente vulnerável?” A Abordagem Sistêmica Comunitária pode influenciar no processo evolutivo integral das mulheres? Pode haver uma transformação

na perspectiva biopsicossocioespiritual dessas mulheres atendidas nas atividades socioterapêuticas da ASC?”.

1.2 Pressupostos

Pressupõe-se a urgência de um processo de decolonização do mundo acadêmico e a valorização dos saberes populares para favorecer um diálogo e uma ecologia de saberes para a construção de uma nova epistemologia (SANTOS, 2021).

É importante lembrar que promover a Abordagem Sistêmica Comunitária como tecnologia socioterapêutica valoriza os princípios fundamentais do SUS, *universalidade*, *integralidade* e *equidade*, como imprescindíveis para o fortalecimento e o desenvolvimento dos serviços de saúde mental no Brasil.

Neste sentido, esta tese estrutura-se em um estilo de escrita diferente do que, usualmente, encontramos nos textos acadêmicos. Parto do princípio de que a forma do texto comunica e que, se falo de decolonizar a assistência, devo começar descolonizando meu texto. É assim que este material busca não privilegiar o referencial teórico em detrimento das falas das mulheres participantes, já que é delas que parte o maior conhecimento emergente destas laudas.

1.3 Justificativa

Esta pesquisa se justifica diante da importância de se descrever e analisar os efeitos socioterapêuticos associados ao processo de autopoiese comunitária da ASC e da necessidade de registro dessa tecnologia social. A autopoiese comunitária pode contribuir para a humanização da saúde mental e alcançar a população mais desfavorecida e vulnerável das periferias das grandes cidades, oferecendo serviços de qualidade que não são acessíveis às famílias de baixa renda, partindo do princípio de que descolonizar a saúde mental é necessário. A integração biopsicossocioespiritual da ASC favorece o diálogo intercultural e facilita a evolução etnopsiquiátrica necessária para a compreensão dos fenômenos psíquicos em diferentes contextos e outras experiências espirituais.

A avaliação dos resultados das ações e estratégias do MSM é de fundamental importância para que se proceda a uma sistematização científica de sua experiência, gerando novos instrumentos e ferramentas que permitem a evolução e a replicação da ASC em outras comunidades e lugares, contribuindo, também, para a formação de novas políticas públicas em outros contextos geográficos e sociopolíticos, particularmente nas periferias urbanas.

Também poderá contribuir para a formação acadêmica e humana de profissionais abertos para uma abordagem sistêmica que aceita e compreende a complexidade da essência do ser humano. A fim de responder a esse questionamento, evidencia-se, como objetivo geral do estudo, analisar a experiência de Saúde Mental de mulheres inseridas nas atividades socioterapêuticas, desenvolvidas no Movimento Saúde Mental (MSM).

Entretanto, antes de trazer as mulheres, que aqui estão representadas por suas falas, a discussão e o referencial que com estas dialogam, apresentamos o histórico do Movimento Saúde Mental e uma introdução aos princípios da Abordagem Sistêmica Comunitária — importantes para a contextualização do processo — bem como o percurso percorrido no processo deste estudo.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Compreender as contribuições da Abordagem Sistêmica Comunitária, como estratégia de enfrentamento da Síndrome da Colonialidade Internalizada, na experiência de Saúde Mental de mulheres inseridas nas atividades socioterapêuticas desenvolvidas no Movimento Saúde Mental (MSM).

2.2 Específicos

- ✓ Descrever as percepções no cotidiano por meio da autoimagem das participantes;
- ✓ Avaliar o processo de evolução pessoal de mulheres participantes das atividades socioterapêuticas desenvolvidas pela Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC);
- ✓ Compreender o processo de decolonização na experiência terapêutica vivenciada pelas mulheres no MSM.

3 GÊNESE E HISTÓRICO DO MOVIMENTO SAÚDE MENTAL (MSM)

No final dos anos de 1980, o Grande Bom Jardim era uma realidade urbana caracterizada pela miséria socioeconômica e pela exclusão da maior parte da população a uma qualidade de vida digna.

Moradia, saúde, educação, transporte, trabalho e renda, opções culturais e lazer sempre foram muito precários e insuficientes e, apesar da presença de dezenas de associações comunitárias e de organizações da sociedade civil, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) era, e ainda está, entre os piores do país.

A pobreza associada ao estigma de território violento e colonizado pelas facções do tráfico de drogas, as poucas escolas, as centenas de crianças sem registro de nascimento, uma única linha de ônibus, os dois postos de saúde e um único colégio de ensino médio, com uma população em constante aumento, por causa da migração do campo para a cidade, geraram uma mobilização para reconquistar os direitos fundamentais e ter uma vida mais saudável.

O território do Grande Bom Jardim, onde se iniciaram as ações do Movimento Saúde Mental, está localizado a sudoeste de Fortaleza-Ceará, na Secretaria Executiva Regional V, fazendo fronteira com os municípios de Caucaia e Maracanaú. Consiste em uma área de 18.700 hectares de extensão, que abrange cinco bairros: Granja Lisboa, Granja Portugal, Canindezinho, Siqueira e Bom Jardim. A população total do Grande Bom Jardim é de mais de 200 mil habitantes, com a faixa etária predominante de jovens (IBGE, 2021).

No início dos anos de 1990, as Comunidades Eclesiais de Base de Fortaleza (CEBs), com o apoio dos Missionários Combonianos, iniciaram uma atividade pastoral caracterizada por uma promoção dos direitos humanos, especialmente o direito à moradia. A Constituição de 1988 animava a esperança de novos tempos, garantindo o respeito aos direitos humanos e a prática de uma nova experiência de cidadania depois de 21 anos de Ditadura Militar no Brasil com a trágica marca inesquecível da repressão, da tortura e dos desaparecidos (ARNS, 1985)¹. Uma guinada para o retrocesso, manifestando, de novo, as mesmas práticas coloniais como

¹ O que foi o projeto “Brasil: nunca mais” No mundo todo, a questão da repressão política é quase sempre levantada por meio de denúncias dos atingidos ou de relatos elaborados por entidades que se dedicam à defesa dos Direitos Humanos. Emotivos ou equilibrados, são testemunhos que ajudam a revelar uma história oculta. Mas tropeçam, às vezes, na desconfiança daqueles que alegam ser depoimentos tendenciosos, por partirem de vítimas que, na sua maioria, teriam motivações políticas. A pesquisa “BRASIL: NUNCA MAIS” (BNM) conseguiu superar esse dilema, estudando a repressão exercida pelo Regime Militar por meio de documentos produzidos pelas próprias autoridades encarregadas dessa tão controvertida tarefa (ARNS, 1985, p. 25).

estupro, tortura, massacre, extermínio e genocídio dos primeiros invasores europeus para acabar com os dissidentes.

Em 1990, era promulgada a Lei nº 8.069, que estabeleceu o Estatuto da Criança e do Adolescente, uma nova maneira de enxergar os direitos das crianças, especialmente, as mais desfavorecidas, abandonadas e excluídas, como as do Bom Jardim.

No mesmo ano, foi instituído o Sistema Único de Saúde (SUS), iniciando com a Lei Orgânica da Saúde de nº 8.080, uma reforma na Política de Saúde mediante os princípios da universalidade de cobertura dos serviços, com atendimento integral e gratuito e com a descentralização dos serviços para os estados e municípios, fortalecendo uma cooperação entre as ações de saúde da União, dos estados e dos municípios. Outra vertente importante foi a proposta de uma participação complementar do setor privado na oferta de serviços, focando na prioridade das atividades preventivas, incluindo a integração das comunidades mediante a corresponsabilidade social dos Conselhos de Saúde (BRASIL, 2018).

Em Fortaleza, com o apoio do arcebispo Dom Aloísio Lorscheider, as pastorais sociais adquiriram uma maior visibilidade na perspectiva de realizar as diretrizes da doutrina social da Igreja Católica renovada e fortalecida com os documentos (LORSCHIEDER, 2010) da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (CELAM).

A primeira conferência se realizou no Rio de Janeiro, em 1955, antes do Concílio Vaticano II. Podemos dizer que a Igreja estava, ainda, condicionada por uma visão colonialista, preocupada com seus problemas internos, como o número insuficiente de padres, as crenças, a catequese, a preocupação com os infiéis.

Não houve nenhum sinal de uma real preocupação com a injustiça estrutural, a desigualdade e as graves consequências da miséria da maioria da população. A preocupação com os indígenas era mais na perspectiva de uma maior integração no mundo civilizado e evangelizado, deixando transparecer uma distorção do valor e da dignidade do ser indígena, considerado ainda como primitivo (LORSCHIEDER, 2010).

A segunda conferência em Medellín (1968) foi o início de um processo de decolonização cultural do Vaticano centrismo, que favoreceu a superação de uma postura eclesiocêntrica, baseada na visão conservadora tradicionalista, para poder traduzir a novidade profética do Concílio Vaticano II. A palavra-chave foi libertação!

A nova descoberta do CELAM foi a tomada de consciência de uma realidade de miséria e de pobreza da maioria da população, oriunda de uma história de escravidão, exploração e de genocídio desde o primeiro momento da invasão dos colonizadores europeus, o que continua

até hoje, mediante as consequências da colonialidade. A dependência opressora dos mecanismos econômicos orquestrados pelos novos colonizadores do mundo financeiro e dos mercados gera uma injustiça estrutural, incompatível com uma vida em abundância para todos.

Em 1979, em Puebla, o CELAM deu continuidade ao caminho profético e decolonizador já iniciado, ousando proclamar uma opção preferencial e solidária com os mais pobres abandonados e excluídos. Na cultura hegemônica, o consumismo altera o conceito de comunhão e de partilha, mas a proposta é que o cristão seja mais solidário ao invés de acumular mais para si mesmo. O maior desafio foi a defesa ou a proclamação da dignidade da pessoa humana e a proclamação dos direitos fundamentais. Por isso, é necessário unir a fé com a vida, a fim de construir uma verdadeira libertação integral do ser humano.

O modelo pastoral da ação evangelizadora proposto em Puebla foi o das CEBs, com a metodologia ver, julgar e agir. Ver a realidade pelo ponto de vista das famílias de baixa renda e colonizadas, julgar por meio da leitura dos textos sagrados e agir, tomando decisões e atitudes para transformar a realidade injusta das periferias como o Grande Bom Jardim.

Nos anos de 1990, o aumento progressivo dos sintomas de ansiedade e depressão na população, assim como os sintomas do transtorno pós-traumático de estresse, da dependência química, entre outros problemas de saúde mental, trouxe a necessidade de fundar o Movimento Saúde Mental para acolher, escutar, cuidar, conscientizar e empoderar as pessoas com sofrimento psíquico e existencial, incluindo aquelas dos movimentos e pastorais sociais que, frequentemente, não tinham o hábito de cuidar de si com o necessário descanso e lazer. Isso gerava estresse e exaustão com os sintomas depressivos típicos da Síndrome do Burnout, afastando os líderes da missão e dos compromissos comunitários e enfraquecendo o processo de transformação social.

Os militantes viravam “militontos”, perdendo a proatividade e resiliência necessárias para sustentar os novos desafios. Foi-se abrindo, assim, uma nova fase no processo de decolonização da saúde mental, superando os preconceitos e o estigma em relação aos processos terapêuticos e ao desenvolvimento da inteligência intrapessoal, desenvolvida nas vivências de autoconhecimento, necessárias para nutrir uma autoestima saudável, compreendendo que a terapia não era algo que afastava a pessoa dos processos de transformação sociopolítica, reduzindo o ímpeto das conquistas dos direitos, e que não se limitava a uma experiência individualista, desligada da realidade, mas que, pelo contrário, proporcionava um espaço sagrado no qual era possível fortalecer todas as dimensões do ser humano, aprendendo a reconhecer sua complexidade biopsicossocioespiritual.

Na época, as demandas de atendimento para a saúde mental eram encaminhadas para os postos de saúde e os hospitais, que não tinham como atender ao aumento constante de pessoas em busca de apoio. Inclusive, como observamos nos depoimentos das mulheres deste estudo, várias pessoas consideravam o encaminhamento para o hospital psiquiátrico como uma ameaça, com medo de serem estigmatizadas como loucas e, pior, o medo de uma eventual internação. Assim, várias pessoas acabavam sem ter acesso à necessária assistência médica, ocorrendo a piora da sintomatologia e o aumento das tentativas de suicídio.

A questão específica da saúde mental era considerada como uma demanda secundária, se comparada à emergência de outros problemas sociais. No entanto, tudo está interligado, e a agressão aos direitos humanos, com as várias fontes de estresse da vida na periferia, atinge, diretamente, as pessoas mais vulneráveis, gerando vários transtornos mentais. Daí a necessidade de uma atenção específica nesse campo.

O MSM nasceu em 1996, para aliviar esse sofrimento psíquico e inventar novas maneiras de lidar com os problemas relacionados com a saúde mental. As mulheres do Bom Jardim são oriundas de uma população que foi marcada, profundamente, pelas feridas provocadas pela violência dos colonizadores e as consequências da colonialidade, que trazem as cargas psíquicas da matriz machista, patriarcal, reforçadas no contexto rural, juntas ao estigma racial que contribui ao processo de coisificação e de submissão.

O trabalho iniciado no Grande Bom Jardim, orientado pela abordagem sistêmica comunitária, vai esclarecendo a importância da ampliação do trabalho para outras áreas do desenvolvimento humano, como a formação acadêmica, a geração de emprego e renda, o ingresso no mercado de trabalho, a prevenção à dependência química, o resgate da autoestima, o fortalecimento da identidade étnica, a autossustentabilidade e uma economia solidária, entre outros.

Para este trabalho, é necessário o auxílio da etnopsiquiatria, uma ciência que nos ajuda a considerar os aspectos culturais no processo de cura dos transtornos mentais, permitindo o resgate das raízes culturais e da compreensão de fenômenos que podem explicar a complexidade da interseccionalidade entre raça, gênero, classe e culturas e a gênese de transtornos como a Síndrome da Colonialidade Internalizada. A etnopsiquiatria contribui para explicar como a complexidade biopsicossocioespíritual da pessoa é afetada pelas consequências incorporadas e internalizadas no inconsciente coletivo que paralisam e freiam o processo evolutivo e de emancipação da pessoa.

3.1 Primeiros passos da Abordagem Sistêmica Comunitária

O primeiro passo para implementar a Abordagem Sistêmica Comunitária iniciou-se em 1997 com a formação de um grupo de 30 lideranças do Bom jardim no curso de Terapia Comunitária, em parceria com a Universidade Federal do Ceará e com a assessoria do Doutor Adalberto de Paula Barreto (2005), criador dessa prática integrativa e complementar de cuidado (BRASIL, 2022)². Por meio desse grupo inicial, começaram a funcionar oito centros de escuta na região do Grande Bom Jardim. Em cada um deles, uma noite por semana, sempre havia uma sessão de terapia comunitária. Naquele momento, percebíamos que havia uma resposta da comunidade e uma corresponsabilidade que se manifestava com o trabalho voluntário. Em seguida, as pessoas passaram a frequentar regularmente, toda terça-feira, a palhoça do MSM onde encontravam atendimento psiquiátrico e as Práticas Integrativas e Complementares (PICS). Com aquela “célula” originária, o processo evoluiu, expandindo-se para outros lugares, tendo como propulsor esse primeiro núcleo de Abordagem Sistêmica Comunitária que, sucessivamente, foi reconhecido como inovação em saúde mental, com a formação de facilitadores em vários lugares no Brasil e na América Latina.

Então, podemos dizer que o projeto do MSM é uma forma e uma experiência de “autopoiese comunitária”, ou seja, quando a comunidade é acolhida e escutada e são fornecidas as ferramentas e as oportunidades necessárias para o autoconhecimento, o tecido vivo do sistema comunitário se autorreproduz e se regenera com uma nova configuração existencial. Quando a pessoa e a coletividade são convidadas a ser protagonistas do próprio desenvolvimento, surgem, sintropicamente, as respostas apropriadas às demandas e às necessidades que elas têm, orientadas pelo princípio de autoequilíbrio e de homeostase sistêmica. É uma questão de autoconfiança e de independência. Por isso, quem cuida de comunidades tem que ser um facilitador de processos autopoieticos e não o realizador de projetos paternalista e assistencialista, que reproduzem o padrão da dependência e da exploração típica do colonialismo.

A primeira resposta foi proporcionar um espaço terapêutico para o fortalecimento da autoestima, porque se viu que o problema maior não era a questão da carência limitada ao

² Práticas Integrativas e Complementares (PICS); Terapia Comunitária Integrativa: Prática terapêutica coletiva que atua em espaço aberto e envolve os membros da comunidade numa atividade de construção de redes sociais solidárias para promoção da vida e mobilização dos recursos e competências dos indivíduos, famílias e comunidades. Nela, o saber produzido pela experiência de vida de cada um e o conhecimento tradicional são elementos fundamentais na construção de laços sociais, apoio emocional, troca de experiências e diminuição do isolamento social. Atua como instrumento de promoção da saúde e autonomia do cidadão.

contexto econômico-financeiro ou de emprego, por exemplo. Era fundamental solucionar o problema da autoestima fragilizada e diminuída culturalmente; a pessoa precisava voltar a acreditar que tem valor, que pode ser diferente, que pode transformar a vida dela, que pode voltar a sonhar e a realizar sonhos, porque, sem isso, as influências da Síndrome da Colonialidade Internalizada paralisam o processo evolutivo, cristalizando uma autoimagem subalterna e submissa.

Em seguida, iniciou-se um projeto que acoplava a profissionalização para a geração de emprego e renda, com o fortalecimento da autoestima. O público-alvo era um grupo de mulheres da Favela do Pantanal, uma das áreas mais empobrecidas e violentas da região do Grande Bom Jardim. A maioria das mulheres era fragilizada pela exclusão socioeconômica e pela Síndrome da Colonialidade Internalizada, carregando o estigma cultural de que pobre e favelada não têm mais saída, melhor se conformar e aceitar a vontade de Deus, resignar-se, aceitar a invisibilidade social.

Entretanto, com a acolhida, a escuta, os cuidados, o acesso às PICS, o encaminhamento para oportunidades de solução concretas e de superação do isolamento social, aos poucos, esse estigma foi redimensionado e, finalmente, destruído, deixando espaço para a esperança que brota, cresce e floresce, favorecendo o ressurgimento da alegria de viver e de se sentir corresponsável pela construção de uma vida digna e a conquista de seus direitos, envolvendo a família e a comunidade. Esse é o ponto-chave de uma autoestima saudável, que corresponde a uma boa saúde mental.

A Terapia da Autoestima é um trabalho pioneiro, desenvolvido pelo MSM como instrumento fundamental para o resgate da cidadania ativa, que fortalece a autonomia, a dignidade e a sabedoria em cada ser (BRANDEN, 2002). As vivências são baseadas na Abordagem Sistêmica Comunitária, em que se ressalta a múltipla dimensão biopsicossocioespiritual. Vivenciar a autoestima é trazer o ser humano para assumir o seu lugar, conectando as raízes com a mãe-terra, o sistema familiar e a comunidade. Por meio do processo orgânico de suas técnicas, dinâmicas e partilhas, a autoestima prioriza o acolhimento do ser para o despertar do seu potencial criativo, de forma lúdica e participativa (BRANDEN, 2002).

Assim, iniciou-se um processo de empoderamento e de autorrealização com vários grupos de participantes, incluindo a circularidade do cuidado com os colaboradores, a formação continuada, e a construção de parcerias com órgãos públicos, ampliando o número de atendimento de poucas centenas para milhares de pessoas, mensalmente.

Figura 7 – Grupos de participantes.



Fonte: (MSM, 2021 [Instagram]).

3.2 Abordagem Sistêmica Comunitária e a formação permanente

Por meio da “porta de entrada” na palhoça do MSM, as pessoas acessam as várias técnicas e as PICS que integram o processo sistêmico da ASC. (RELATORIO MSM, 2021).

A massoterapia é uma prática milenar de restauração da saúde, que promove o bem-estar pessoal. No MSM, são utilizadas técnicas de massagem relaxante, Shantala, Shiatsu, Reflexologia, entre outras, que proporcionam efeitos terapêuticos de relaxamento, antiestresse e emocionais.

Outra complementação vem com a Biodança, que experimenta o sentido originário da dança da vida, pois é conectada por movimentos plenos de sentido e emoção. É um sistema que promove o desenvolvimento humano, por meio da utilização da música, o movimento e a própria vivência. Ela estimula a catarse, gerando nos participantes a alegria de viver, contribuindo para a melhoria nas relações pessoais, familiares e comunitárias.

Biodanza é um sistema de integração humana, renovação orgânica, reeducação afetiva e reaprendizado das funções originárias da vida. Sua metodologia consiste em induzir vivências integradoras por meio da música, do canto, do movimento e de situações de encontro em grupo”. Rolando Toro 2002. (Definição acadêmica de Biodanza). Biodanza é um sistema de aceleração de processos integrativos nos níveis celular, metabólico, neuroendócrino, imunológico e existencial, através de ambiente enriquecido, com música específica, movimento integrado, carícias e encontro grupal, que desencadeiam vivências integrativas (TORO, 2009).

Figura 8 – Grupo Biodança.



Fonte: (MSM, 2021 [Instagram]).

Na acolhida aos colaboradores, em geral, o MSM oferece qualificações técnicas profissionalizantes que têm por base a Abordagem Sistêmica Comunitária, fundamentada na corresponsabilidade, autonomia e valorização de si, do outro e da comunidade. Normalmente, são ofertados cursos de Terapia Comunitária, Abordagem Sistêmica da Família, Prevenção da Dependência Química, Eneagrama, Relações Humanas, Constelação Familiar, Autoestima, Saúde Mental, entre outros. O MSM também elabora propostas formativas em diálogo com instituições das áreas de saúde, educação e desenvolvimento social. Hoje, como Polo Formador, o MSM integra a Associação Brasileira de Terapia Comunitária (ABRATECOM) e participa da implementação da Terapia Comunitária como política pública do Ministério da Saúde.

Na perspectiva da inclusão social e econômica dos moradores do Grande Bom Jardim, o MSM também investe na profissionalização de adolescentes e jovens por meio de projetos de qualificação profissionalizantes. Entre essas formações, está o Programa Jovem Aprendiz; para efetivá-lo, o MSM obteve credenciamento do Ministério do Trabalho e Emprego e do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Fortaleza (COMDICA).

Figura 9 – Projetos de qualificação profissionalizantes.



Fonte: (MSM, 2021 [Instagram]).

Ações de inclusão digital também são desenvolvidas visando diminuir a distância entre as pessoas detentoras dos recursos financeiros e aquelas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, com a realização de uma escola de robótica (LABINEC) em parceria com o Instituto Nordeste Cidadania (INEC).

Figura 10 – Escola de robótica.



Fonte: (MSM, 2021 [Instagram]).

O projeto “Sim à Vida”, iniciado em 1999, desenvolve um conjunto de ações com crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, com o objetivo de prevenir o contato primário com as drogas e evitar, assim, a dependência química. Atividades lúdicas, esporte, arte e cultura animam os grupos dos participantes, efetivando o Estatuto da Criança e do Adolescente, construindo e reelaborando, conjuntamente, com os acolhidos a consciência sobre os seus direitos e deveres. O diferencial mais significativo é o desenvolvimento da inteligência intrapessoal, que, por meio das vivências de autoconhecimento e de fortalecimento da autoestima, criam as condições para criar a consciência do próprio potencial e da própria autonomia.

Os principais beneficiários dessa ação habitam as áreas mais vulneráveis e fragilizadas da periferia. O serviço também é estendido a comunidades indígenas da Região Metropolitana de Fortaleza, visando ao fortalecimento étnico com a valorização da cultura indígena, das danças tradicionais, das pinturas corporais e do artesanato, estimulando a aprendizagem da língua originária Tupi Guarani que, infelizmente, devido ao genocídio cultural, não permaneceu no tecido social do povo Pitaguary.

Inaugurada em janeiro de 2006 a Casa Arte, Música e Espetáculo (AME), Dom Franco Masserdotti, acolhe as pessoas que têm sensibilidade, gosto e prazer pela Arte, Música e

Espetáculo. O objetivo da Casa é, também, proporcionar às comunidades do Grande Bom Jardim um espaço de encontro, escuta, cidadania, lazer e cultura, por meio das oficinas de teclado, violão, bateria, piano, flauta, percussão, canto, cartões orgânicos, pintura em tela, pintura em tecido, fuxico, bonecas, contações de histórias, biblioteca comunitária (ponto de leitura), cinema, vídeo e teatro popular de rua.

Por meio da Arteterapia, a Casa beneficia crianças, adolescentes, jovens e mulheres da comunidade, além de usuários/as do Centro de Atenção Psicossocial Comunitário do Bom Jardim. Por meio da arte, eles/as passam a expressar e compreender as situações vivenciadas, adquirem informações e, a partir daí, podem intervir na realidade com mais segurança, em busca da conquista de sua cidadania. Em 2008, a Casa AME foi reconhecida como Ponto de Cultura, resultado da seleção do Movimento Saúde Mental pelo Ministério da Cultura. O Ponto de Cultura é um elo entre a Sociedade e o Estado para o desenvolvimento de ações culturais.

Todo o trabalho dessa casa é guiado pela metodologia da Abordagem Sistemática Comunitária que visa ao desenvolvimento das inteligências múltiplas (GARDNER, 1995). A ASC, nas várias atividades complementares oferecidas no MSM, visa à integração sinestésica das várias inteligências como a pictórica, musical, corporal-cinestésica, e espacial complementando essas inteligências artísticas com as outras inteligências relacionais, como a intrapessoal e interpessoal, e com a inteligência naturalista relacionada com o meio ambiente, e, finalmente, com as inteligências tipicamente acadêmicas, como a inteligência logico-matemática e a linguística.

Também vinculada à Casa Ame está a Horta Comunitária, que proporciona à comunidade o contato com a terra, estimulando a comunhão entre a natureza e o ser humano, em uma perspectiva pedagógica transformadora que ajuda a resgatar as raízes culturais. Com os saberes próprios da comunidade, são descobertas e desenvolvidas habilidades no trato com a terra e pensada a sua sustentabilidade. Na Horta, são cultivadas frutas, verduras, hortaliças, plantas medicinais e ornamentais. Ali também são recebidos os pacientes do Centro de Atenção Psicossocial que, para complementar seu tratamento, desenvolvem atividades de horticultura. O resultado é o desenvolvimento da inteligência naturalista (GARDNER, 1995) que estimula a ecofilia e o cuidado com a natureza.

Figura 11 – Desenvolvimento de habilidades.



Fonte: (MSM, 2021 [Instagram]).

Em 2005, foi inaugurado o Centro de Atenção Psicossocial Comunitário no Bom Jardim (SECULT, 2022), voltado para as pessoas com transtornos mentais, a serviço de toda a Regional Administrativa V de Fortaleza, compreendida por 18 bairros, com uma população de mais 600 mil pessoas.

O CAPS Comunitário oferece terapia para pessoas portadoras de sofrimentos psíquicos graves e dá assistência a seus familiares. O CAPS evita internações em hospitais psiquiátricos, cuida da pessoa e promove a sua reinserção social por meio de atividades personalizadas e comunitárias. Além dos atendimentos de psiquiatria, psicologia, serviço social, enfermagem, terapia ocupacional e farmácia, são incluídos trabalhos corporais, arte e grupos terapêuticos. O Movimento coopera com o CAPS Comunitário em cogestão com a Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza, disponibilizando ali sua experiência de mais de 26 anos em Abordagem Sistêmica Comunitária, proporcionando as PICS e as outras atividades socioterapêuticas (MSM, 2011).

Em 2011, foi integrada no convênio a cogestão da segunda Residência Terapêutica do Município, recebendo moradores com transtornos mentais do sistema público e acolhendo-os em ambiente com formato de residência, acompanhados por profissionais da Saúde e da Assistência Social. Ali, diferentemente da internação hospitalar, as pessoas têm a possibilidade de se sentir em família. São pessoas que estavam afastadas dos vínculos familiares, às vezes, abandonadas, experimentando, agora, uma nova maneira de se relacionar com a comunidade e participando das atividades socioterapêuticas do MSM.

Com serviços desenvolvidos em oito distintos locais na região sudoeste de Fortaleza, além de um trabalho de acompanhamento a comunidades indígenas Pitaguary, nos municípios de Pacatuba e Maracanaú, o MSM realiza o atendimento de, aproximadamente, três mil pessoas mensalmente, com projeção de 36 mil atendimentos ao ano, consolidando-se como uma Política Pública de Saúde com características preventivas e sociais que extrapola o âmbito da saúde mental, distinguindo-se como uma prática de saúde coletiva. O que, inicialmente, era somente um serviço de escuta e acompanhamento terapêutico aos transtornos psicológicos e mentais enfrentados por pessoas de famílias em situação de risco, que viviam em situação de extrema pobreza, prosperou para uma ampla tecnologia socioterapêutica de múltiplo impacto, reconhecida com prêmios e reconhecimentos nacionais e internacionais.

Figura 12 – Práticas de cuidados.



Fonte: (MSM, 2021).

3.3 Processo de evolução da Abordagem Sistêmica Comunitária: o modelo biopsicossocial

O modelo biopsicossocial pode ser considerado como complementar ao modelo biomédico tradicional e não se limita à descoberta da química ou dos processos neurofisiológicos do ser humano, mas integra os aspectos psicológicos e sociais envolvidos no

processo saúde-doença (ENGEL, 1977). As atividades da Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC) desenvolvidas no Movimento Saúde Mental seguem os seguintes passos: acolher, escutar, cuidar, gerar novos caminhos de solução e, finalmente, assumir a própria corresponsabilidade e autonomia, consigo mesmo e com a comunidade.

Figura 13 – Etapas de implementação da ASC.



Fonte: (MSM, 2019, p. 21).

No desenvolvimento da metodologia socioterapêutica da ASC, os terapeutas acolhem e escutam as pessoas que vivenciam um sofrimento psíquico, existencial, frequentemente verbalizado como uma dor da alma. As práticas de cuidado complementares (PICS) e a amorosidade proporcionadas nas vivências individuais ou grupais favorecem uma intensificação da comunicação (trofolaxe comunitária) caracterizada por três eixos. O intrapessoal consigo mesmo, o interpessoal com os outros e o transpessoal, com a dimensão sagrada de cada ser, de acordo com a própria mística e espiritualidade.

Esse processo de troca, de partilha, de experiências, conhecimentos e sabedoria favorece a emergência sintrópica de novas soluções, surpreendentes e inesperadas, fruto do processo autopoietico e da tendência homeostática dos sistemas vivos.

Na anamnese e no histórico familiar das pessoas atendidas, percebe-se o desvelar de sintomas de origem muito parecida que caracterizam a Síndrome da Colonialidade Internalizada.

A maior parte dos participantes e dos usuários das atividades socioterapêuticas da ASC são oriundos da cultura rural, com as suas características comunitárias de partilha e solidariedade, que, no meio urbano precário, deparam-se com um território socioeconomicamente vulnerável e com relacionamentos sociais fragmentados e anônimos. Sem uma rede afetiva que ajuda a sustentar as dificuldades, não sabem lidar com os medos e as angústias geradas nesse ambiente frequentemente hostil e perigoso. Nesse contexto, a violência urbana — com assaltos, tiroteios e homicídios tipo “queima de arquivos”, que aumenta a cada ano, integra o cotidiano dessas pessoas³, e, em Fortaleza, em 2022, a violência mata ainda mais do que o Corona Vírus (OLIVEIRA, 2020).

Uma resposta de vital importância, por meio das atividades socioterapêuticas, consiste em suscitar na pessoa que busca ajuda uma reação positiva, estimulando sua autoestima, seus próprios potenciais e, ainda, os recursos da sabedoria da cultura popular. Em um contexto de imigração e de miscigenação cultural, característico das periferias das grandes cidades brasileiras, é fundamental uma abordagem que acolhe, respeita e valoriza a cultura e a história das pessoas. Veremos a seguir que o processo terapêutico é um fenômeno que vem determinado e definido pela cultura na qual acontece a cura da pessoa adoecida.

As pessoas que escolhem migrar sonham com a mudança de um lugar para viver uma vida melhor com a própria família e buscam a superação de todas as dificuldades. Mas, frequentemente, experimentam uma insegurança emocional e uma sensação de vulnerabilidade, um progressivo isolamento que leva à perda do sentimento de pertencimento ao ambiente e ao contexto cultural.

Todos esses elementos podem-se enquadrar em um grupo de sintomas que definem uma síndrome mais específica que poderia ser nominada de Síndrome do Migrante (CAVALCANTE MOURÃO; BONVINI, 2002).

³ Pesquisa Cartografia da Criminalidade e da Violência na cidade de Fortaleza, realizada pelos Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética (Labvida) e Laboratório de Estudos da Conflitualidade e Violência (Covio), ambos da Universidade Estadual do Ceará, e o Laboratório de Estudos da Violência (LEV), da Universidade Federal do Ceará.

A experiência de desenraizamento cultural provoca uma série de consequências, como enfatiza James (1997). Pesquisando os efeitos da mudança de cultura, de comunidade e do idioma nos filhos dos imigrantes oriundos de outros países e que foram morar nos EUA, James observou que os jovens experimentam uma variedade de ajustes emocionais e cognitivos que aumentariam o risco de desenvolver problemas psicossociais como evasão escolar, dependência química e maior contatos com os traficantes. Esta é uma grande preocupação das mães atendidas nos grupos terapêuticos do MSM, que, também, frequentemente, são as provedoras da família, que é caracterizada pela ausência do pai por causa de diferentes fatores como dependência química, desemprego, promiscuidade com outras famílias, migração definitiva para outras cidades, entre outros.

Neste estudo, a experiência clínica e terapêutica com a comunidade de comunidades do Bom Jardim, com uma grande quantidade de pessoas que moram em condições de extrema pobreza, é caracterizada por relatos de frequentes mudanças. A maioria conta uma história de migração, que iniciou do interior para a cidade e, sucessivamente, de bairro em bairro, buscando melhorar a qualidade de vida.

Esta vivência comum possibilitou a identificação de uma série de sintomas que, em termos biomédicos, apontam para o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). O sintoma principal para esse diagnóstico é a presença de um fato muito estressante que, quando lembrado, desenvolve um gatilho que desencadeia uma crise com vários sintomas de mal-estar na maior parte das pessoas. Somam-se a isso os fatores advindos da violência urbana e da ausência de atenção básica, como segurança pública, infraestrutura sanitária, saúde pública, espaços culturais de recreação e lazer, entre outros. Esta situação desorganizada e precária favorece o surgimento de patologias como transtornos de ansiedade, depressão reativa e uso de drogas lícitas e ilícitas, caracterizando a população atendida no MSM, a maioria constituída por mulheres de baixa renda e com sua saúde mental frequentemente fragilizada. Como veremos neste contexto complexo e problemático, é necessária uma abordagem biopsicossocioespiritual, que considera as várias dimensões do sofrimento psíquico. As feridas ancestrais oriundas da escravidão e as consequências do racismo estrutural ressaltam a necessidade da valorização das crenças e dos referenciais culturais e espirituais, que podem ser ativados para as respostas terapêuticas e a ressignificação da dor existencial e clínica.

Segundo Worsley (1982), fora do mundo ocidental, o conceito de saúde e de doença vai muito além do âmbito da saúde corpórea e física. A saúde, por exemplo, é interligada, também, com a sorte. Dessa forma, fortuna ou desgraça podem derivar do respeito ou da transgressão às

regras constituídas, normas sociais ou morais. As ofensas aos valores da cultura podem desencadear um evento nefasto para a comunidade e para o indivíduo.

Consequentemente, para compreender os conceitos de doença, saúde e cura, é de fundamental importância conhecer, em profundidade, os valores da cultura e as normas que a sociedade reconhece como necessárias em sua organização. São os valores e as crenças da pessoa que determinam a identificação da doença e de suas causas; em seguida, as respostas apropriadas ou inapropriadas para o eventual tratamento.

Murdock (1980) utiliza os conceitos da medicina moderna e da antropologia para distinguir as causas naturais e sobrenaturais pensadas como responsáveis pelo surgimento da doença. O estudo se desenvolve com a análise de 139 diferentes grupos sociais, em diversas culturas. O autor assinala que a ciência não reconhece a validade das causas sobrenaturais e que sua classificação dependerá, sobretudo, do trabalho do antropólogo, que fornece uma válida indicação do âmbito no qual a interdisciplinaridade e, às vezes, a transdisciplinaridade, entre as diversas ciências, tornam-se de fundamental importância.

As conclusões de Murdock (1980) revelam que, entre as populações observadas, as teorias de causas sobrenaturais das doenças prevalecem sobre as causas naturais. As mais difundidas são: “Agressão Espiritual, Sorcery (Macumba), Retribuição Mística, e Witchcraft (Bruxaria)”. A teoria de “Agressão Espiritual” é quase universalmente presente. O trabalho do autor indica a necessidade de incluir a dimensão da espiritualidade na abordagem biopsicossocial. Aqui ressaltamos, novamente, a importância da ASC como metodologia socioterapêutica multidisciplinar, que integra as várias dimensões ontológicas do ser humano.

Por que teorias etiológicas que carecem de credibilidade científica recebem um reconhecimento bem maior do que teorias demonstradas por pesquisas e evidências experimentais?

A resposta a esta pergunta não se refere tanto à problemática da aceitabilidade da teoria sobrenatural; o ponto é, pelo contrário, como estas teorias influenciam o conceito de doença, saúde e cura nas diversas culturas, fato inegável, pelo menos, do ponto de vista antropológico, mas abundantemente ignorado pela nosologia oficial ocidental. Como conjugar esta influência com a perspectiva monocultural do mundo científico ocidental, que, de fato, nega a dimensão multicultural da doença? Como superar a perspectiva estritamente biológica que vê a doença mental como o resultado de um desequilíbrio neurofisiológico, como o produto de uma variação dos neurotransmissores, e que não considera a importância da cultura, do ambiente social e da espiritualidade da pessoa? (CAVALCANTE; BONVINI, 2002).

Uma fonte de informação extremamente interessante para refletir sobre esse argumento vem dos estudos antropológicos sobre a depressão. Arthur Kleinmann, psiquiatra-antropólogo,

é um pioneiro que, há anos, pesquisa os limites entre antropologia, medicina e psiquiatria. Do seu trabalho, emerge uma visão holística da relação entre mente, corpo, sociedade, cultura e natureza. Kleinmann (1980) é considerado uma das vozes mais significativas no âmbito do estudo transcultural da depressão. Uma das suas intenções fundamentais é demonstrar que a depressão, não obstante seja diagnosticada em todo o mundo como uma desordem psicobiológica, seja, na realidade, as características de uma "desordem social".

A depressão é, de fato, considerada um distúrbio das relações do sujeito consigo mesmo e com mundo social externo. A doença coloca em foco como o indivíduo perde a capacidade de relacionar-se de maneira normal com a sociedade, mas também sugere como a sociedade interfere com o equilíbrio da pessoa. As estruturas sociais, econômicas, políticas, o ambiente, as características da comunidade na qual o paciente vive são parte das causas que podem provocar a doença. Para Kleinmann (1980), a valorização e a consideração do contexto moral local são imprescindíveis na abordagem terapêutica necessária para uma cura eficaz e integral (healing) da doença (illness).

Portanto, um estudo interdisciplinar que desenvolve a relação dialética entre doença e cultura se torna sempre mais necessário para realizar terapias atualizadas e eficazes. Uma abordagem integral ao problema da pessoa, que considera os aspectos físico, psíquico, emocional, espiritual, social, (cultural, político, ecológico e econômico) produz um progresso qualitativo em nível pessoal, comunitário e social.

A Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC) está fundada e estruturada nesta visão biopsicossocioespiritual que orienta todas as atividades dos serviços socioterapêuticos realizados no Movimento Saúde Mental (MSM). A idealização e o processo de construção da ASC iniciaram em 1996 com a atuação do autor desta tese, como padre e médico psiquiatra na comunidade de comunidades do Bom Jardim. Nesta experiência, o maior desafio foi buscar caminhos terapêuticos para além do modelo biomédico tradicional, integrando os conhecimentos populares e as crenças na cura das várias patologias, aprendendo a reconhecer a diferente ênfase por cada situação.

A palavra inglesa *sickness*, em antropologia médica, é um termo que descreve a realidade de uma doença de forma geral, enquanto as palavras *disease* e *illness* são conceitos explicativos e termos úteis para explorar diferentes facetas daquela única realidade (PILCH, 1991, p. 191). Arthur Kleinman (1988b, p. 5) esclarece e aprofunda a diferença que existe entre os conceitos de *illness* e *disease*. Kleinman afirma que o conceito de *illness* está intimamente relacionado às características da cultura local.

A experiência de *illness* inclui a tentativa de classificar e explicar o evento usando as categorias do senso comum, tornando-o acessível e orientando para uma primeira interpretação da doença (KLEINMAN, 1988b, p. 5). Essa explicação não corresponde, necessariamente, à realidade, mas torna-se uma descrição de como a pessoa percebe a experiência, dando, também, informações sobre a maneira culturalmente correta de expressar a dor. “Por paradoxal que pareça, há maneiras de estar doente que a nossa sociedade considera como apropriadas, da mesma forma, existem maneiras consideradas anômalas”⁴ (KLEINMAN, 1988b, p. 5).

A percepção comunitária é condicionada por “expectativas convencionais” que são o produto de interações na rede de relações no grupo. Dessa forma, o conceito de doença (*illness*) envolve a realidade pessoal, comunitária e social em um processo de cocriação cultural. Em última análise, “a cultura dita e prescreve o que é esperado perceber, avaliar, expressar e como viver a doença” (PILCH, 1993, p. 159). Ou seja, a doença (*illness*) contém as respostas para a doença (*disease*) e tenta providenciar uma forma significativa, uma explicação, bem como o controle. “Por mais contraditório que possa parecer, a doença (*illness*) faz parte dos cuidados. Trata-se de uma resposta adaptativa psicossocial e cultural” (KLEINMAN, 1980, pag.72), possibilitando uma função de enfrentamento dos sistemas de saúde e os primeiros estágios de cura (*healing*).

Para Kleinman (1988b), o conceito de doença (*disease*) é mais centrado na figura do curador, que pode ser um médico, um psicoterapeuta, um xamã ou um curandeiro local. “O profissional reconfigura os problemas atrelados à doença (*illness*) do paciente e da família como questões estritamente técnicas” (KLEINMAN, 1988b, p. 5).

A tarefa do curador é codificar, interpretar e classificar a doença, dentro dos critérios que a taxonomia e a nosologia locais assumem como oficiais (KLEINMAN, 1988a, p. 9). Emerge uma nova entidade de diagnóstico: “*the disease*”. A *disease* não é uma realidade em si, mas, sim, um conceito para descrever as mudanças em órgãos, aparelhos ou funções do organismo. Isso inclui todos os estados patológicos, inclusive, aqueles que não são culturalmente reconhecidos como tais.

A *disease* é um conceito puramente biomédico e um terreno em que se jogam todos os desafios para alcançar o controle político e econômico, que determina as escolhas de diagnóstico, prognóstico e as medidas terapêuticas, para a joia e satisfação das empresas farmacêuticas multinacionais e seus mercados.

⁴ Tradução feita pelo autor.

Neste ponto, podemos reconsiderar o conceito de *healing* (cura) mais especificamente por meio de uma perspectiva médico-antropológica que se coloca de forma crítica em relação às soluções propostas pela moderna biomedicina, preocupada, principalmente, com uma maneira de curar a doença (*Curing the Disease*), enquanto a pessoa que sofre busca outro tipo de cura da doença (*Healing the Illness*).

A cura *healing* é mais voltada para o conceito de *illness*, visto como uma tentativa de dar um sentido mais aceitável ao sofrimento pessoal e social causado pela doença. Na verdade, "significados culturais marcam a pessoa doente, rotulando-a com uma interpretação do significado da doença, muitas vezes, indesejada, evitada e não enfrentada. "A marca pode ser o estigma ou a morte social" (KLEINMAN, 1988b, p. 26). Podemos observar este fenômeno, especialmente com os transtornos mentais e as doenças infecciosas graves como a AIDS e hoje com as vítimas da pandemia do novo Corona Vírus.

No contexto pandêmico, caracterizado por atitudes negacionistas e fanáticas que chegam a negar a importância da vacina demonstrada cientificamente e a impor o uso de outros remédios comprovadamente ineficazes, como a cloroquina, deparamo-nos com a complexidade do significado de doença. Uma "gripezinha" pode-se transformar em um genocídio.

Como lidar com hermenêuticas e narrativas peculiares, que envolvem profissionais de saúde qualificados, e que provocam consequências graves na gestão da pior tragédia sanitária da história do nosso país? Como sair de um condicionamento ideológico que provocou um aumento exponencial das vítimas da doença? As estratégias adotadas em outros países mostram que poderia ter sido muito diferente. A Síndrome da Colonialidade Internalizada pode ter contribuído indiretamente com esta tragédia coletiva, favorecendo uma paralisia das reações populares, necessárias e uma passividade típica da submissão. O povo consciente dos seus direitos poderia ter mobilizado o poder público, em busca de soluções mais apropriadas.

Na Abordagem Sistêmica Comunitária, percebemos a importância de uma visão biopsicossocioespiritual e, portanto, do '*healing the illness*' no lugar de se limitar ao '*cure the disease*'. Percebemos que a espiritualidade é um elemento essencial e indispensável na ativação de todos os recursos terapêuticos disponíveis para favorecer a recuperação das pessoas doentes. *Healing the illness* é algo sagrado, que integra a essência do ser humano, que respeita as diferenças de raça, de gênero, de classe social, ideológicas e religiosas.

Rudolf Kaiser (1997), em seu livro "Dio dorme nella pietra", apresenta uma análise etimológica muito interessante que nos ajuda a compreender o significado da palavra '*healing*'. Analisando os vocábulos alemães *heil*, (inteiro), *heilen*, (samar), *heilig*, (sagrado), o autor revela

que a palavra *sagrado*, etimologicamente, significa saudável, inteiro, não quebrado, e o verbo *sasar* significa retornar ao estado de globalidade, superando a cisão e a fragmentação.

Em inglês, existe uma parentela ainda mais evidente entre saudável e sagrado: a palavra *holy*, (sagrado), *whole*, (inteiro) e *healthy*, (saudável), confirmando que sagrado significa algo inteiro, completo, intacto.

No Antigo Testamento, a expressão usada é *qadôs* = *tahôr* que deriva do verbo hebraico que significa separar, revelando uma visão dualística, de separação entre Deus e o mundo, entre sagrado e profano (KAISER, 1997).

A palavra símbolo deriva do latim *symbolum* que, por sua vez, vem do grego *śumbolon* (sinal) do verbo *symbollo* com as raízes (*sym-*, "junto") e (*bolé*, "jato"), que significa, aproximadamente, juntar duas partes distintas. Neste conceito, o símbolo (*syn+ballein*) reforça a função de unir, opondo-se ao conceito de diábolo (*dia+ballein*) aquilo que divide.

As vivências socioterapêuticas da ASC proporcionam atitudes solidárias, unindo e integrando os vários elementos da complexidade do ser humano, estimulando a cooperação e a corresponsabilidade, enquanto a tendência da cultura colonial dominante com a proposta da competição e da meritocracia é mais próxima do “dia+bólico” no sentido que divide, que separa, alimentada pela competição, pela concorrência e pelos fins comerciais, “distorcendo a verdadeira imagem do sagrado” (BOFF, 1998).

É sagrado o que une, o que junta, o que alimenta a sinergia, o que potencializa, o que empodera e o que cura todas as dimensões do ser humano. É sagrado o que considera a natureza como parte da família humana, que sente que somos uma família cósmica, assim como o povo indígena Lakota Sioux⁵ sintetiza na frase *Mitakuye Oyasin*, que significa *All My Relatives*⁶ (ROSS, 1998). Em outubro de 2020, o Papa Francisco reforçou esse conceito em sua encíclica “Fratelli Tutti” sobre a amizade e a fraternidade social, que significa, exatamente, Todos Irmãos e Irmãs (FRANCISCO, 2020). Esta é a concepção do sagrado que é desenvolvida na ASC e que é retomada, também, na encíclica “Laudato Sí” de Papa Francisco com o conceito de Casa Comum (FRANCISCO, 2015).

A acolhida, a escuta, o cuidado, o encaminhamento para as várias práticas integrativas e complementares (PICS) (APS, 2022) e as outras socioterapias proporcionadas no MSM

⁵ Durante a minha experiência missionária e universitária nos Estados Unidos, tive a oportunidade de conhecer o povo indígena Lakota Sioux. Depois de várias visitas e participação nos rituais sagrados, fui adotado na família do *medicine man* (xamã) Adam Little Elk e recebi o meu nome Lakota: Oyate Oyshakya Mani, (Helps the People as He Walks).

⁶ Tradução: Somos Todos Parentes.

favorecem a emergência de novas soluções para a superação das doenças (*illness*) e da exclusão. O fortalecimento da autoestima e o empoderamento para assumir a corresponsabilidade da cidadania no respeito da cultura e das crenças individuais são os passos que a Abordagem Sistêmica Comunitária oferece ao povo para construir uma sociedade mais justa, fraterna e solidária.

3.4 A construção do pensamento sistêmico

Neste capítulo, desenvolve-se uma revisão de literatura que procura descrever a evolução do processo epistemológico da produção do conhecimento científico. Em uma perspectiva não linear, identificam-se saltos qualitativos que partem da dimensão mítica vinculada à construção de sentido que leva o ser humano à procura de uma explicação para compreender os fenômenos interligados com a sua sobrevivência e as questões sobrenaturais. Em seguida, explora-se a literatura que explica os principais conceitos e princípios da evolução da visão sistêmica e da cibernética. Essa reflexão teórica é a tentativa de uma síntese que fundamenta a Abordagem Sistêmica Comunitária que, por assim dizer, é a “alma” das ações do MSM.

Acompanhando o raciocínio de Vasconcelos (2003), observa-se que, quando o ser humano se confronta com o desconhecido e com o perigo, o medo leva à criação de mitos que possam explicar a origem da vida, do mundo e de como a psique reage aos desafios da natureza.

Na cultura grega, o ser humano começou a questionar o mundo externo, superando a visão mítica e desenvolvendo a cognição racional. As observações dos fenômenos naturais facilitaram processos empíricos e reflexões que aprimoraram uma abordagem mais racional e menos mítico-mágica.

Nesse sentido, o pensamento grego se destaca e se consolida no mundo ocidental, com o surgimento da razão — que dá ênfase ao *logos* — desmontando uma visão mítica predominante e desconsiderando a mera formulação da *doxa*⁷, que justificava o senso comum, elaborando “terraplanismos ideológicos” e sem nenhuma comprovação empírica.

Heráclito de Éfeso, filósofo grego pré-socrático, é famoso por algumas frases muito conhecidas como: “de que tudo flui”, e “de que o sol é novo a cada dia”. Tudo nasce, se transforma e se dissolve (REALE; ANTISERI, 2007, p. 23).

⁷ *Doxa* (δόξα) é uma palavra grega que significa crença comum ou opinião popular e de onde se originaram as palavras modernas ortodoxo e heterodoxo.

Para ele, tudo está em evolução e transformação. Nada é estável e poderia facilmente concordar com o fato que, na realidade, o universo está expandindo-se à velocidade da luz, como foi descoberto por Edwin Hubble em 1929 (BAHCALL, 2015), analisando a intensidade da luz emitidas pelas estrelas supernovas. Heráclito está aberto para as mudanças, para as novidades, para superar as dicotomias fundamentalistas e para explorar a incerteza.

Por outro lado, Parmênides, afirmava que só a razão pode nos garantir a compreensão da verdade. Tudo é fixo, imutável, único e eterno, e esta certeza sustenta a realidade do ser, em oposição ao não ser (REALE; ANTISERI, 2007, p. 32). Portanto, na perspectiva dele, uma mente aberta à intuição e à percepção extrassensorial, ousada e criativa não seria valorizada.

Para Heráclito, pensamentos e pontos de vista diferentes podem ser complementares e, no jogo dialético dos opostos, manifesta-se a busca de uma síntese real. Pelo contrário, para Parmênides, esse ponto de vista é insustentável.

A disputa entre métodos qualitativo e quantitativo iniciou-se com esses grandes filósofos, gerando a primeira confrontação de paradigmas que estará sempre presente no desenvolvimento epistemológico. A polaridade na base dessa dicotomia chama-se 'essência e forma' e, neste mesmo grupo, achamos, também, os conceitos de 'onda e partícula' na física quântica, como veremos mais adiante.

Resumindo, para Heráclito, o ser é a mudança, tudo está em constante movimento e não existe um ponto fixo e permanente e “de que não entramos no mesmo rio duas vezes”. Ele, para definir a luz, escolheria o conceito de onda em vibração. Mas, para Parmênides, não pode haver mudanças, tudo é estável, e o movimento é uma ilusão, seria mais confortável definir a luz como partícula.

A verdade é que a dualidade da luz depende do método usado para observá-la. Isaac Newton, com a sua teoria corpuscular, definiu a luz como partícula, e Thomas Young, em 1801 (BELÉNDEZ, 2015), com o experimento da interferência luminosa, definiu a luz como onda. Podemos, assim, observar que minha verdade depende do meu ponto de vista, que é a vista de um ponto. Por isso, a Abordagem Sistêmica Comunitária acolhe, escuta e cria as condições para facilitar a comunicação, a troca de ideias, de pontos de vista em um processo autopoiético que, por meio da trofolaxe humana, favorece o aquecimento da comunicação, da partilha e da transmissão de conhecimentos.

A Trofolaxe vem do grego *trophé*, que significa nutrição e *allaxis*, que significa troca e é uma forma de comunicação típica dos insetos eussociais como as formigas, as abelhas e os cupins capazes de dividir as tarefas e de cuidar da prole. A Trofolaxe é baseada na troca de

alimentos e de moléculas como os fenormônios que permitem a transmissão de informações necessárias para o desenvolvimento da inteligência coletiva e da construção dos vários papéis sociais.

O mecanismo de acoplamento entre a maioria dos insetos sociais se faz por meio do intercâmbio de substâncias. É, portanto, um acoplamento químico. Estabelece-se um fluxo contínuo de secreções entre os membros de uma colônia: eles trocam conteúdos gástricos cada vez que se encontram, como se pode constatar observando qualquer fila de formigas na cozinha. Desse contínuo intercâmbio químico — chamado trofolaxe — resulta a distribuição por toda a população, de uma certa quantidade de substâncias, entre elas, os hormônios responsáveis pela diferenciação e especificação de papéis. Assim, a rainha só é rainha na medida em que é alimentada de um certo modo e não por hereditariedade (...) Vale dizer: toda ontogenia de um dado indivíduo, como membro da unidade social, está atrelada à sua contínua história de interações trofoláticas seletivas (...) que mantém ou modifica sua maneira particular de desenvolvimento (MATURANA; VARELA, 2004, p. 207).

Na Abordagem Sistêmica Comunitária, falamos de Trofolaxe Humana como fenômeno que estimula o aquecimento dos vários níveis de comunicação nos grupos socioterapêuticos. Observa-se a “comunicação interpessoal” entre as pessoas que participam do grupo, “intrapessoal” consigo mesmo, nas vivências de autoconhecimento, e “transpessoal” nas vivências e rituais que proporcionam o encontro com o sagrado e o transcendente. A Trofolaxe humana intensifica o nível de compreensão e de conscientização, favorecendo a emergência sintrópica de novas soluções. Algo novo que se manifesta como caminho de cura e de evolução. Tudo evolui e tudo se transforma e, como veremos mais na frente, com a percepção dos fenômenos sintrópicos, sabemos que todo sistema vivo possui, em si, a tendência sintrópica ao autoaperfeiçoamento.

A racionalidade lógica, elaborada por Aristóteles, ainda sustenta o método e os padrões de pesquisa científicos e filosóficos atuais. O termo silogismo foi usado fixando as regras para decidir se um discurso é ou não racional e se têm consistência lógica.

Em 335 a.C., Aristóteles fundou o Liceu como centro de investigação e pesquisa sistemática com a presença dos famosos peripatéticos, passeando e aprendendo ao ar livre. Na Academia com o mestre Platão, Aristóteles aprendeu o idealismo e a especulação teórica rigorosa. Em seguida, aproximou-se dos estudos empíricos da natureza com um trabalho de biologia marinha. Foi o primeiro a tentar uma classificação sistematizada dos conhecimentos. Mas Reale e Antiseri nos recordam que:

A lógica não encontra lugar no esquema com base no qual o Estagirita subdividiu e sistematizou as ciências porque considera a forma que deve ter qualquer tipo de discurso que pretenda estimular algo e, em geral, que queira ser probante. A lógica mostra como procede o pensamento quando pensa, qual é a estrutura de raciocínio, quais são os seus elementos, como é possível apresentar demonstrações, que tipos de modos de demonstração existem, de que é possível fornecer demonstrações e quando” (REALE; ANTISERI, 2007, p.226).

Aristóteles é precursor dos cientistas baseados em demonstrações empíricas e evidências, que acolhem “o conceito e o fim da lógica aristotélica, que pretende, precisamente, fornecer os instrumentos mentais necessários para enfrentar qualquer tipo de investigação.” (REALE; ANTISERI, 2007).

Os autores explicam que: “As premissas e os princípios da demonstração são captados por indução ou por intuição” (REALE; ANTISERI, 2007, p. 230). Cada ciência tem princípios e premissas específicas e peculiares e tem o seu próprio âmbito ou sujeito, buscando os termos adequados para explicitar os conteúdos e para provar que as características pesquisadas pertencem ao seu objeto de estudo. “As ciências devem usar de certos ‘axiomas’, ou seja, de preposições verdadeiras de verdade intuitiva, e são esses os princípios pelos quais acontece a demonstração”.

Existem axiomas comuns que valem para “todas as ciências, sem exceção, como o princípio de não contradição (“não se podem negar e afirmar dois predicados contraditórios do mesmo sujeito no mesmo tempo e na mesma relação”) ou do terceiro excluído (“não é possível haver um termo médio entre dois contraditórios”).

Ou é ou não é! O que não se ajusta dentro desse modelo fica excluído. A lógica aristotélica origina um modelo mental e epistemológico linear e rígido.

Edgar Morin defende que essa racionalidade despreza a complexidade e as incertezas e subjetividades dos fenômenos, em que as territorialidades se apresentam difusas. Para ele, o novo pensamento complexo “deve enfrentar e aceitar o difuso, o confuso, o inesperado, o imprevisível e a contradição” (MORIN, 2008).

Para Morin, a complexidade é conviver entre certezas e incertezas, entre o elementar e o global, entre o separável e o inseparável. Do mesmo modo, podemos utilizar a lógica clássica, mas conhecemos seus limites e sabemos que, em certos casos, é preciso transgredi-los. Não se trata, portanto, de abandonar os princípios da ciência clássica: ordem, separabilidade e lógica; mas de integrá-los em um sistema que é, ao mesmo tempo, amplo e mais rico. Não se trata de opor um holismo global e vazio a um reducionismo sistemático, mas, sim, de ligar o concreto das partes à totalidade, articulando os princípios da ordem e da desordem, da separação e da junção, da autonomia e da dependência que estão em diálogos (complementares, concorrentes

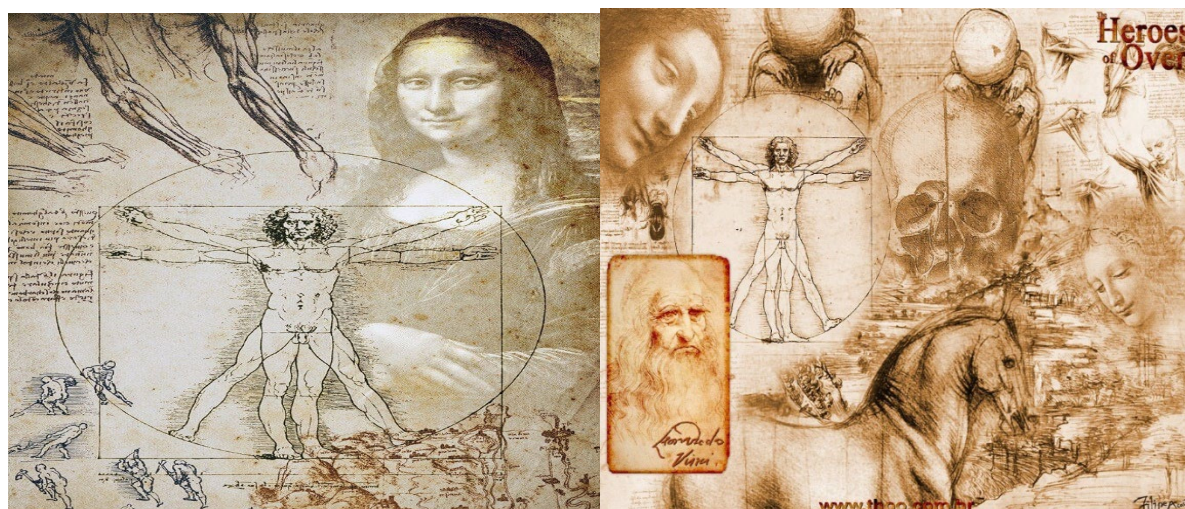
e antagônicos) no seio do universo. Em síntese, o pensamento complexo não é o contrário do pensamento simplificador, mas ele integra este último, operando a união da simplicidade e da complexidade. “O pensamento complexo é, pois, essencialmente, o pensamento que trata com a incerteza e que é capaz de conceber a organização e de reunir, contextualizar e de globalizar, mas o mesmo tempo, capaz de reconhecer o singular, o individual e o concreto” (MORIN, 2000, p. 206).

O ser humano medieval vivia em uma sociedade caracterizada pelo medo e pela insegurança. As escrituras sagradas eram a única fonte das verdades, e era proibido questionar a teologia. Portanto, o conhecimento era um dom da providência divina, e a verdade da fé superava a verdade da razão.

No entanto, naquele mesmo período, conforme descreve Fritjof Capra (2007), Leonardo Da Vinci foi o primeiro cientista a tentar apresentar os resultados das próprias descobertas, provenientes de pesquisas científicas, em forma de um conjunto coerente e integrado de conhecimento, iniciando o novo método da visão holística e ecológica moderna.

Leonardo Da Vinci estudava várias ciências simultaneamente, anatomia humana, arquitetura, física, química, engenharia, mostrando uma contínua exploração das conexões entre os diversos âmbitos científicos e os fatos observados, iniciando, assim, uma práxis que hoje pertence aos pesquisadores sistêmicos e das teorias complexas. Ele foi um cientista e um artista com profundo respeito pela vida em todas as suas manifestações e sentia o desejo de trabalhar para o bem comum. Esta essência transparece em suas obras e descobertas, mostrando a sua capacidade de síntese e de um olhar capaz de interligar as várias dimensões da realidade, percebendo o conjunto dos fenômenos da natureza como um organismo vivo. Esta é a mesma visão de mundo dos índios norte-americanos Lakota Sioux, sintetizada na oração Mitakuye Oyasin, que significa Somos Todos Parentes. Na cosmovisão Lakota, todos os seres vivos estão interligados por um vínculo de parentesco, incluindo os animais, os vegetais, os minerais e os seres invisíveis.

Figura 14 – Pinturas de Leonardo Da Vinci.



Fonte: Pixel (2010).

Na época de Da Vinci, durante o Renascimento, um período que se estende no início do século XV até o final do século XVI, a cosmovisão era vinculada ao pensamento medieval, a ciência no sentido moderno do termo, ou seja, um método empírico para conhecer a realidade da natureza ainda não existia. Os conhecimentos sobre os fenômenos naturais eram o resultado das crenças dos filósofos da Antiguidade, principalmente Aristóteles, que foi o primeiro filósofo a escrever tratados sistemáticos, sintetizando e organizando todos os conhecimentos científicos da época e um sistema que virou o fundamento imutável da ciência ocidental por mais de dois mil anos, que, fundido à teologia cristã, transformou-se em dogma religioso (CAPRA, 2007).

Para integrar as disciplinas mais importantes do seu tempo como biologia, física, metafísica, ética e política em um modelo teórico coerente, Aristóteles criou o sistema lógico formal, afirmando que o objetivo da sua lógica era aprender a arte da investigação e do raciocínio científico. Foi assim que a lógica aristotélica teve a função de instrumento racional para a ciência. Aristóteles foi o primeiro a falar sobre o processo de autorrealização da matéria que chamava de enteléquia, do grego entelecheia, que significa a realização de si.

Para Aristóteles, a matéria e a forma eram ligadas em um processo de vir a ser, por meio da forma, a matéria vira real e se faz ato. Ele definia que todas as ações espontâneas eram naturais e tinham um fim ou finalidade (télós), contribuindo para o funcionamento harmonioso do todo (VASCONCELOS, 2003). Portanto, os objetos iam na direção do destino natural previsto para eles. Assim, o método correto para estudá-los era a observação. Os experimentos que alteram as condições naturais para descobrir eventuais propriedades escondidas da matéria

eram considerados inaturais e, portanto, não poderiam revelar a verdadeira essência dos fenômenos. Essas noções integradas com a doutrina cristã, elaboradas pelos teólogos escolásticos, representavam a única verdade oficialmente autorizada. As autoridades classificavam os experimentos científicos como subversivos e consideravam os ataques à ciência aristotélica como um ataque direto contra a Igreja (CAPRA, 2007).

Voltando ao trabalho de Leonardo Da Vinci, percebe-se que ele elaborou uma nova abordagem, usando a observação sistemática da natureza, o raciocínio lógico e algumas fórmulas matemáticas, ou seja, as características fundamentais daquilo que hoje é conhecido como método científico (CAPRA, 2007).

Tudo desenvolvido um século antes de Bacon, considerado o pai do empirismo. Para Da Vinci, compreender um fenômeno significava colocá-lo em relação com outro fenômeno por meio de uma afinidade de esquemas, mostrando uma capacidade excepcional de relacionar observações e ideias de disciplinas diferentes, sendo, conseqüentemente, um precursor da ‘inter’ e ‘transdisciplinaridade’, elementos da visão sistêmica e da complexidade.

Leonardo Da Vinci amava os animais, ao ponto de se tornar vegetariano e a se maravilhar e encantar diante da complexidade, da beleza e da riqueza da natureza, que respeitava e admirava. A síntese entre a arte e ciência revela uma profunda consciência de uma ecologia sistêmica, que levou Leonardo a antecipar a teoria científica atual, segundo a qual a terra é um sistema vivente que se auto-organiza e se autorregula, a Hipótese de Gaia (LOVELOCK, 1979).

Podemos observar que alguns dos elementos que caracterizam a ASC, como a multidisciplinariedade e a transdisciplinaridade, a ecologia sistêmica, a ecofilia e a síntese entre arte e ciência, têm as próprias raízes na grande inteligência criativa do gênio de Leonardo.

A cogestão entre o MSM e a Secretaria Municipal de Fortaleza, com a administração do Centro de Atenção Psicossocial Comunitário e da Residência Terapêutica, apresenta as características de uma interdisciplinaridade e transdisciplinaridade entre os vários profissionais envolvidos no cuidado com as pessoas portadoras de graves sofrimentos psíquicos e existenciais. Os usuários, além do serviço e do atendimento convencional, têm acesso às várias atividades do MSM, como a Escola de Gastronomia, e a Casa Ame, espaço voltado para a prática de arte, música e espetáculo, cultivando dons e talentos, e a horta comunitária onde podem desenvolver uma sensibilidade ecológica e ecofílica, potencializando, assim, os efeitos terapêuticos, “apresentando desafios e possibilidades na tentativa de construção da integralidade no campo da atenção psicossocial” (GODOY, 2012, p. 152).

Visitas à aldeia indígena Pitaguary durante eventos como a “Festa da Mangueira Sagrada”; bem como a participação em rituais, caracterizados pelo contato com a natureza rica e verdejante das matas, promovem um processo de integração entre “diversidades”, normalmente excluídas e estigmatizadas, favorecendo a geração de novas interações afetivas e transculturais.

Figura 15 – Festa da Mangueira Sagrada.



Fonte: Acervo MSM (2021).

Ao longo desta experiência com o povo Pitaguary, foi possível, também, desenvolver uma relação interdisciplinar e de confiança recíproca com o pajé Barbosa, líder espiritual das aldeias. Vários casos de pessoas que apresentavam uma sintomatologia psiquiátrica, com sintomas depressivos e psicóticos, foram atendidas, integrando as dimensões culturais e espirituais típicas da identidade indígena e da maneira de vivenciar a crise com os rituais necessários. A abertura do pajé para usar a medicação adequada prescrita pelo padre e psiquiatra, que ele chama de índio branco, permitiu e permite acompanhar a pessoa mantendo e valorizando os conhecimentos populares e acadêmico, em prol da melhor solução terapêutica. A ASC integra à visão biopsicossocioespiritual algumas dessas manifestações consideradas anormais. Às vezes, fenômenos considerados paranormais e percepções extrassensoriais podem ser parte de um processo chamado emergência espiritual (GROF; GROF, 1989).

A psiquiatria e psicologia tradicionais não fazem distinção entre uma experiência mística, uma percepção extrassensorial e uma manifestação psicopatológica. Os estados incomuns de consciência podem envolver emoções intensas, pensamentos estranhos ou totalmente irracionais, visões e manifestações psicossomáticas. Às vezes, as pessoas relatam uma sensação de união com o universo, memórias de vidas passadas, encontros com figuras mitológicas. Normalmente, essas experiências são provocadas por estados de estresse, no limite do suportar, como graves perdas, esforços exagerados, físicos ou mentais, acidentes, quebras

afetivas e relacionais. Como veremos sucessivamente, no Livro Vermelho de Jung (2010), encontram-se relatos mitopoiéticos parecidos.

Para Mircea Eliade (1998), um xamã conhece e pratica as técnicas tradicionais que induzem estados alterados de consciência que podem provocar percepções extrassensoriais e atingir níveis de cognição extraordinárias que, também, podem parecer, para um psiquiatra não preparado para o diálogo intercultural, como manifestações psicóticas e delirantes, típicas da loucura.

Como veremos em seguida, a ASC integra, em sua prática, alguns elementos da psicologia transpessoal que, a partir dos anos de 1960, contribuiu para reconhecer que, em algumas pessoas, esse tipo de fenômeno é associado a uma evolução espiritual.

Voltando ao processo histórico, observamos que os novos princípios da ciência moderna impulsionaram a sociedade a superar a restrita e fundamentalista visão medieval e abrir o caminho da Idade Moderna. Três grandes cientistas, Galileu, Descartes e, mais tarde, Newton questionaram as explicações aristotélicas baseadas no mundo organizado dos seres vivos por uma concepção matemático-positivista. Eles não percebiam a presença de nenhuma força organizadora particular; para eles, os fenômenos naturais eram todos explicáveis com leis físicas.

O pensamento cartesiano estabeleceu que os fatores físicos e químicos eram os únicos fatores presentes na organização dos sistemas vivos e que nenhuma força organizadora vital não material era necessária para explicar o modelo (VASCONCELOS, 2003).

Esta perspectiva mecanicista expulsou Deus e a espiritualidade de qualquer fenômeno biológico e científico. Nos estágios iniciais, a ciência ocidental rejeitou os dogmas da Igreja Medieval, que escolheu a lógica aristotélica como referência teórica, gerando, assim, uma cisão entre o método científico matemático e o método reflexivo filosófico. Os cientistas passaram a acreditar que o mundo era o produto de cálculos geométricos e matemáticos, e que tudo poderia ser explicado com números. Nasceu um novo padrão de racionalidade centrado na matemática e na importância da medição, o qual se preocupa, excessivamente, com a demonstração das causas eficientes (a causa precede um efeito) (VASCONCELOS, 2003).

Nesse sentido, Bacon, Galileu, Descartes, Newton e Comte foram os protagonistas da renovação científica, moldando alguns princípios fundamentais e considerando insuficiente a evidência da razão, instituindo, assim, a busca pela evidência da experiência, como se destaca a seguir.

De acordo com Francis Bacon, a observação da natureza, a experimentação e o raciocínio indutivo iam além do raciocínio dedutivo ou silogístico. O método consistia na regiseração e na conservação das observações feitas, para poder compará-las entre si. Galileu Galilei estabeleceu que a matemática era o novo modelo de racionalidade. Com sua invenção revolucionária do telescópio, conseguiu confirmar as hipóteses de Copérnico, realizando vários experimentos que mostravam a contradição com a física aristotélica e com a hermenêutica literal de algumas passagens da Bíblia que causaram a sua perseguição do Tribunal da Inquisição.

Com a publicação, em 1637, do tratado filosófico e matemático de Rene Descartes, “Discurso sobre o Método”, foram apresentadas as bases epistemológicas do cartesianismo. A reflexão de Descartes levou à separação entre corpo-mente-espírito e, conseqüentemente, entre ciências e filosofia e, assim, a razão substitui a fé. Foi assim que nasceu o método analítico do raciocínio, da dúvida e das evidências.

Foi assim que a realidade começou a ser desmembrada e fragmentada e, conseqüentemente, o método de investigação usado visava decompor, separar e analisar os elementos mínimos do objeto investigado. Por meio desses dados, pretendia-se reconstituir o objeto material e conceitualmente, esperando que as propriedades da totalidade obtida seja o resultado da soma das propriedades de suas partes (princípio da somatividade).

No contínuo histórico da elaboração da produção científica, Isaac Newton conseguiu sintetizar os princípios da física, com a teoria da gravitação universal, a teoria corpuscular da luz e as leis da mecânica. Dessa forma, o mundo é considerado como uma máquina, e o ser humano é separado da natureza.

No século seguinte, Augusto Comte, fundador do positivismo, sustenta a explicação da natureza por meio da observação e da experiência, buscando as leis que regem os fenômenos (matemática, astronomia, física, química, biologia). Ele introduz a sociologia, funda o conhecimento no objeto em que o sujeito não deve interferir, reproduzindo a cópia fiel das coisas pesquisadas. Nessa perspectiva, o pesquisador deve ser separado do objeto de sua pesquisa e deve apresentar as suas conclusões baseadas nos resultados, sem opinar pessoalmente (VASCONCELOS, 2003).

Sucessivamente, confirmando as novas tendências da ciência moderna, Wilhelm Dilthey criou dois grandes grupos: o grupo das ciências naturais e o grupo das ciências humanas, hermenêuticas ou históricas. O primeiro grupo, baseado na busca da causa eficiente dos fenômenos naturais e o segundo grupo que aplica o método da compreensão da realidade.

Por consequência, neste modelo epistemológico, só as ciências da natureza, ou positivas, podem satisfazer as exigências do novo padrão de cientificidade. A consequência desta ruptura é a fragmentação do saber (VASCONCELOS, 2003).

Nesse breve resgate histórico, procurei oferecer indícios que contribuíram para a construção do paradigma⁸ tradicional da ciência, que continua em uso. Esta abordagem é insuficiente para integrar a complexidade da ASC que, como expressão de um modelo biopsicossocioespiritual, apresenta a necessidade de buscar sempre a meta comunicação sutil presente entre os vários elementos biológicos, psicológicos, os relacionamentos sociais, as dimensões da transcendência e da espiritualidade para interligar e interconectar todos os elementos presentes no contexto das experiências consideradas que não podem ser compreendidos com a lógica do pensamento linear, o qual tende a separar, fragmentar, excluir e a delimitar.

Charles Darwin, em 1859, explicou a diversidade do mundo vivente com a teoria da evolução, descrevendo que a diversidade dos seres viventes era um produto do acaso e da seleção natural e não, necessariamente, fruto de uma força divina como era descrita literalmente nas explicações bíblicas no livro do Gênesis. Assim, tornou-se um dos precursores da complexidade organizada, enfatizando a dimensão biológica do indivíduo e da espécie desde a origem até sua determinação ancestral. Em seguida, apareceu uma série de novas teorias que abalaram as leis universais e eternas da física clássica. As principais foram os novos conceitos do segundo princípio da termodinâmica; a teoria da relatividade de Einstein; e o princípio de incerteza de Heisenberg na física quântica.

Quando associamos esta dimensão complementar da natureza da matéria com o princípio da incerteza de Heisenberg, podemos extrapolar uma analogia afirmando que o indivíduo não está separado do seu contexto, que objeto e sujeito estão, intrinsecamente, relacionados, e que a dimensão social da nossa existência condiciona nosso ser. Somos, ao mesmo tempo, um ser individual e um ser social, um hólón, como veremos adiante, no trabalho de Ken Wilber (2001b).

Quando falamos de paradigmas, entendemos um conjunto de princípios, metodologias crenças e leis gerais que sustentam o pensamento e as ações científicas. Thomas Kuhn (1962) define o paradigma como um conjunto de supostos teóricos gerais, adotados pelos membros de uma comunidade científica em uma determinada época e que chama ciência “normal” aquela

⁸ Paradigma (do grego *parádeigma*) literalmente modelo é a representação de um padrão a ser seguido.

indicada pela cultura dominante. Quando a ciência “normal”, que pretende explicar tudo a partir dos próprios princípios, encontra anomalias e contradições nas metodologias usadas e não consegue mais encontrar as respostas esperadas, gera-se uma crise de paradigmas que se pode resolver somente com a emergência de um novo paradigma, capaz de interpretar, explicar e solucionar esses problemas até então não resolvidos.

Kuhn fala de um câmbio qualitativo denominado de revolução científica, uma espécie de tsunami conceitual que gera bastante repercussão e desentendimentos na comunidade científica, gerando grandes resistências à mudança.

Kuhn (1962) define esse fenômeno como “paralisia de paradigma”. Mas, aos poucos, um novo paradigma se manifesta e surge uma nova maneira de explicar fenômenos, até então, incompreensíveis. O novo paradigma será assumido e aceito no meio da comunidade científica até quando não voltará a se chocar com outros problemas contraditórios, que levam, ciclicamente, a uma nova crise da qual se manifestará outra emergência evolutiva.

Por exemplo, na modernidade, a ciência clássica era dominada pelas ideias de Galileu e Descartes, e muitos fenômenos que não se podiam explicar, por meio desses princípios científicos, eram considerados efeitos de forças sobrenaturais. Essas crenças se estendiam do campo científico ao pensamento da sociedade como um todo. Daí o paradigma dominante cartesiano deu origem a uma série de regras para ordenar o mundo e resolver problemas, influenciando a maneira de agir das pessoas. Quando acontece uma troca de paradigma, toda a sociedade é afetada, gerando um conflito geracional.

Para quem adota o paradigma tradicional, é muito difícil incorporar as novas ideias, porque isso significa recomeçar do zero e requer, frequentemente, um grande esforço. Por exemplo: antes da era da informática, o processo da digitação era feito com máquinas de escrever, tudo era resolvido com folhas de papéis, o armazenamento das informações requeria espaços enormes, depósitos, almoxarifados. Esses dados agora são armazenados em um pequeno disco rígido. Para quem estava acostumado a usar a máquina de escrever, não foi fácil aceitar fazer o grande esforço de aprender a usar o computador. Para quem não passou por isso foi simples aprender o novo conhecimento sem ter que renunciar a um “poder” que já resolvia, de outra forma, determinadas tarefas. Em geral, não é fácil desaprender determinadas formas de pensar e incorporar novas categorias de pensamento, daí a grande resistência às mudanças. Kuhn apreciou a aparição do paradigma sistêmico como uma autêntica revolução científica.

A Teoria Geral dos Sistemas (VON BERTALANFFY, 2009) assume um valor transdisciplinar, gerando a possibilidade de obter modelos que exibem características comuns

também se referidas a sistemas diferentes; aparece, assim, uma nova linguagem conceitual, uma ponte, uma conexão entre numerosas disciplinas. É a noção de isomorfismo que faz da Teoria Geral dos Sistemas (TGS) uma ciência transdisciplinar. Os isomorfismos são correspondências estruturais que aparecem em diferentes disciplinas ou em diferentes níveis de uma mesma disciplina, permitindo a formulação das mesmas leis gerais, dos conceitos e modelos em entidades de naturezas distintas, com a única condição de que possa se interpretar como interação entre as partes (sistemas). Os isomorfismos são o ponto central da TGS (VON BERTALANFFY, 2009) e a base da interdisciplinaridade.

Na ASC, é possível observar o fenômeno do isomorfismo na aplicação sinérgica de diferentes técnicas e vivências, que se fundamentam em distintas disciplinas, escolas e tradições, incluindo a dimensão do sagrado e da espiritualidade. Às vezes, práticas de evolução espiritual se sobrepõem às técnicas de autoconhecimento e de desenvolvimento da autoestima. Na ASC, um exemplo de interdisciplinaridade é o diálogo entre os vários profissionais envolvidos nas várias atividades do atendimento, no MSM. A pessoa pode ser acolhida e acompanhada por um psiquiatra ou por um psicólogo, ou por uma terapeuta ocupacional, enfermeiro, assistente social, assim como por terapeutas comunitários, massoterapeutas, facilitadores de biodança, entre outros. Todos participam e, às vezes, a síntese de diferentes pontos de vista pode facilitar e potencializar a qualidade do atendimento. Pode acontecer nas práticas, ainda timidamente, por causa do corporativismo e do temor de possíveis providências por parte dos conselhos regionais das várias profissões, uma experiência de transdisciplinaridade. Por exemplo, se existe um grau de confiança e reciprocidade entre profissionais, às vezes, é possível assumir o papel do outro, compartilhando conhecimentos e competências, mantendo a consciência dos próprios limites, mas sabendo que, em prol do bem dos usuários, é possível preencher um espaço comum de diálogo transdisciplinar em ações conjuntas.

Não é raro, nas rodas de conversa dos vários grupos terapêuticos, escutar depoimentos ou reflexões que revelam uma sabedoria profunda e iluminada com o poder terapêutico típico do espaço sagrado, que pode ser partilhado por uma pessoa que não tem preparação acadêmica ou até por uma criança. A abertura transdisciplinar nos leva a receber algo novo, imprevisto e, muitas vezes, revolucionário. Esta é uma característica da Abordagem Sistêmica Comunitária.

Morin afirma que, diante dos problemas complexos que as sociedades contemporâneas enfrentam atualmente, apenas estudos de caráter interpolitransdisciplinar podem realizar análises satisfatórias de tais complexidades. Para ele, a razão cartesiana impôs um paradigma e

nos ensinou a separar a razão da “des-razão”. Hoje, faz-se necessário religar tudo o que a ciência cartesiana separou, pois somos seres complexos, estamos inscritos em uma longa ordem biológica e somos produtores de cultura; somos 100% natureza e 100% cultura, (MORIN, 2002).

Com as leis da TGS, acontece algo parecido ao que acontece com a matemática elementar que pode aplicar-se a todos os objetos contáveis, podem ser frutas, objetos, pessoas, comunidades etc. A existência de conceitos e modelos sistêmicos leva a possibilidade de uma ação global, respeitando as interconexões entre as partes que nossa mente se acostumou a desmembrar mediante a análise, e isso favorece um enfoque macroscópico e ferramentas para lidar com a complexidade, superando modelos e metodologias de ação local e parcial utilizada até então.

A TGS utiliza o conceito de organização (VON BERTALANFFY, 2009) para compreender a complexidade dos sistemas vivos, integrando a noção de retroalimentação e seus mecanismos de controle negativo e positivo com a cibernética (WIENER, 1948). Wiener é um dos precursores do desenvolvimento do pensamento complexo e chamou de cibernética uma ciência cujos princípios convergem com a Teoria Geral dos Sistemas.

A ASC estende e expande os princípios teóricos da Terapia Familiar que é baseada na Abordagem Sistêmica da Família. Quando os elementos da TGS se aplicam no nível suprassistêmico comunitário, podemos perceber o isomorfismo com a visão teórica elaborada por Norbert Wiener (1948), matemático norte-americano, conhecido como o fundador da Cibernética.

A grande contribuição que a Terapia Familiar traz na atuação da ASC é o papel do terapeuta. O relacionamento sistêmico não implica separação que possa gerar hierarquias baseadas na percepção da diversidade e da diferença como algo que favorece uma pontuação hierárquica, frequentemente hegemônica. O terapeuta interage com o sistema familiar, relaciona-se afetivamente, corre o ‘risco’ de ter acesso e de ser aceito no contexto familiar e acaba sendo considerado como um ‘novo membro’. Essa atitude pode ser reconsiderada como uma espécie de ‘encarnação’, que tem a função de levar um elemento novo ao ambiente adoecido que pode mobilizar novos processos de cura. Para não alimentar complexos messiânicos e não fragilizar as fronteiras éticas necessárias, a terapeuta da ASC utilizará uma perspectiva pedagógica orientada pela maiêutica⁹, descobrindo e valorizando a riqueza e a

⁹ Maiêutica s. f. ([dal gr. *μαιευτική (τέχνη)*, propr. «(arte) ostetrica», «ostetricia», der. di *μαῖα* «mamma, levatrice»]. – Termine con cui viene generalmente designato il metodo dialogico tipico di Socrate, il quale, secondo

sabedoria do sistema acompanhado. O objetivo fundamental da terapia é a facilitação de um processo que o sistema já tem a capacidade de desenvolver, despertando a consciência de novas oportunidades de solução.

Este novo olhar é particularmente significativo no contexto do projeto para a prevenção à dependência química com crianças e adolescentes (Sim à Vida). É de fundamental importância incluir, no processo terapêutico, a família como um todo, que, frequentemente, revela que o problema apresentado pelo paciente designado, na verdade, é a ponta de um iceberg que esconde graves problemas de relacionamento no contexto familiar, ajudando os pais a entenderem que eles fazem parte do problema e também fazem parte da solução.

Norbert Wiener deu o nome de cibernética a uma ciência que é baseada nos mesmos princípios da TGS e que define como “o estudo científico do controle e comunicação no animal e na máquina”. Durante os seus estudos sobre canhões antiaéreos, inventou um mecanismo que permitia ao canhão corrigir sua pontaria automaticamente, permitindo ao armamento receber uma informação (*feed back*) sobre o desvio entre a trajetória percorrida pela bala e a trajetória necessária para acertar o alvo: “para que uma máquina submetida a um ambiente variável funcione adequadamente, é necessário informá-la sobre os resultados de suas próprias ações, como parte dos dados de acordo com os que deve atuar” (WIENER, 1948).

Os sistemas cibernéticos são criados para manter um estado de estabilidade do sistema e sustentam-se no princípio de retroalimentação negativa, (*feedback* negativo). Em um sistema cibernético, a informação sobre o desvio a respeito do estado que se deseja manter ou sobre a meta que se deseja alcançar é reenviada da saída do sistema para sua entrada, ativando mecanismos autorreguladores que garantem sua estabilidade. Em um sistema cibernético, todo efeito retroage sobre a causa, neutralizando o desvio a respeito do efeito desejado mediante autocorrekções sucessivas, em um processo de causalidade circular; quando o sistema é estimulado, o que acontece depende da interação dos componentes e de tudo que o sistema tem como propósito no futuro (finalidade): alcançar uma meta ou manter um estado.

Wiener imprimiu o caráter universal a esse conceito, estabelecendo que o mesmo princípio de correção de erros opera na máquina e no animal; o mesmo processo que regula o disparo do canhão pode-se estender a regulação da temperatura corporal e a qualquer outro sistema de autorregulação que segue o mesmo processo de casualidade circular.

Platone (dialogo Teeteto), si sarebbe comportato come una levatrice, aiutando gli altri a «partorire» la verità: tale metodo consisteva nell'esercizio del dialogo, ossia in domande e risposte tali da spingere l'interlocutore a ricercare dentro di sé la verità, determinandola in maniera il più possibile autonoma.

Vários processos biológicos possuem autorregulação fundada no princípio da retroalimentação negativa, que é quando um estímulo qualquer, proveniente do exterior ou do interior do organismo que o afasta do seu estado estável, ativa mecanismos autorreguladores homeostáticos que o devolvem ao estado de equilíbrio biológico habitual mediante este processo de autorregulação. Os seres vivos mantêm sua organização básica, apesar de suas constantes mudanças internas e do meio externo.

Cannon (1932) define a homeostasia de um organismo vivo como um conjunto de processos reguladores chamados de *feedback*, típicos fenômenos da cibernética. Quando o *feedback* é negativo, pode ajudar a reduzir um desvio do equilíbrio interno do sistema e, quando é positivo, pode amplificar o círculo de retroação. Cannon (1932) descreve o processo da interação entre o cérebro e o corpo e uma mútua regulação para manter a homeostase; por exemplo, a regulação da temperatura do corpo normalmente é de 36.5°, e essa temperatura se mantém apesar de temperaturas externas muito diferentes. Essa estabilidade requer múltiplos níveis de autorregulação.

Cannon (1932, p. 287) notou que a homeostase pode aplicar-se não só aos sistemas biológicos, mas também aos sistemas sociais. A homeostase social, segundo ele, explica como as pessoas mantêm os vínculos familiares e de amizade, ressaltando que a conexão é o pré-requisito para a autorregulação e, quando isso se enfraquece, gera desequilíbrios e patologias. A essência da autorregulação é manter o equilíbrio do sistema; a essência da desregulação é a desordem do sistema e é provocada pela desconexão. Uma desregulação no nível celular pode provocar um câncer; uma desregulação no nível psicológico pode gerar pensamentos ou comportamentos patológicos.

O laço circular entre os componentes do sistema deu um salto qualitativo das explicações baseadas em matéria e energia, dando espaço às novas explicações baseadas na noção de informação. A informação é o elemento conceitual básico da cibernética, e responder a uma diferença é o básico de todo sistema cibernético. A Trofolaxe Humana é um exemplo de comunicação cibernética, composta de uma série de informações que proporcionam o desenvolvimento do processo autopoiético da ASC.

Bateson (1972) observou que, se algo não acontece do ponto de vista material e energético, o fenômeno pode-se manifestar como uma informação. A mensagem que você não visualiza ou não devolve, um silêncio que grita, a ausência em uma reunião ou um atraso podem ser mensagens significativas e eficazes, porque, também, uma falta de comunicação pode,

dentro do contexto, provocar algo que se define como metacomunicação. Quem cria o contexto é o receptor da mensagem (BATESON, 1972).

Informação é a notícia de uma diferença. Para que haja uma diferença, precisa haver, no mínimo, duas fontes. De acordo com Bateson (1972, p. 457-459), “a difference which makes a difference”, ou seja, a comunicação consiste em diferenças que estabelecem uma diferença. A diferença não está situada no tempo e no espaço, mas na relação entre as fontes. Responder à diferença é o básico de todo o sistema.

A explicação do paradigma tradicional dos fatos estabelece uma relação linear entre a causa e efeito. Gregory Bateson contrapõe a explicação da cibernética ou da entropia negativa, afirmando que, se consideramos as possíveis alternativas que poderiam ter ocorrido e nos perguntamos por que muitas delas não aconteceram, observamos que o acontecimento particular, que realmente ocorreu, era um dos poucos que, de fato, podia, realmente, ocorrer (BATESON, 1972). A resposta a esta questão é dada no fato de que as alternativas estão sujeitas a restrições. Por exemplo: a conduta de um membro dentro de uma família se explica mediante a análise das restrições impostas pelas regras explícitas e implícitas que regulam as interações entre seus membros.

A cibernética formula princípios gerais de autorregulação. Assim como para a TGS, a noção central são os isomorfismos, a noção central da cibernética é a autorregulação. A cibernética é a ciência que estuda as relações entre os componentes do sistema para que se constitui uma entidade autônoma e, potencialmente, autopoietica.

O processo autopoietico comunitário da ASC é um exemplo de como o sistema vivo está capacitado ciberneticamente para alcançar novos níveis de equilíbrio e de autorregulação, buscando a recuperação da harmonia e o autoaperfeiçoamento.

Para Von Bertalanffy (2009), a cibernética constitui um caso particular da TGS. Pressupõe sistemas que possuem dispositivos estruturais fixados previamente para guiá-lo dentro de uma gama de mudanças, e, nos seres vivos, aplicam-se as denominadas regulações secundárias. Quando se superam os limites dessas normas, o processo se interrompe.

A TGS entrou mais no campo das ciências sociais, e a cibernética ficou mais limitada ao mundo dos sistemas artificiais. Sem dúvida, suas convergências surpreendem mais que suas diferenças e, hoje, ambas as disciplinas estão integradas no que se conhece como a visão sistêmica.

Para a Abordagem Sistêmica Comunitária, o autoconhecimento é o primeiro passo do processo terapêutico e evolutivo, uma auto-observação de si mesmo, observando o observador.

Na cibernética de segunda ordem, é o conceito de observador incluindo o sujeito observador no sistema observado que questiona as evidências objetivas da ciência moderna.

Para Heinz von Foerster (1981), sobrinho de Ludwig Wittgenstein, este passo fundamental gera uma nova epistemologia, uma disciplina que se ocupa não só da estrutura ontológica da realidade, mas também do conhecimento dessa realidade, seus limites e possibilidades.

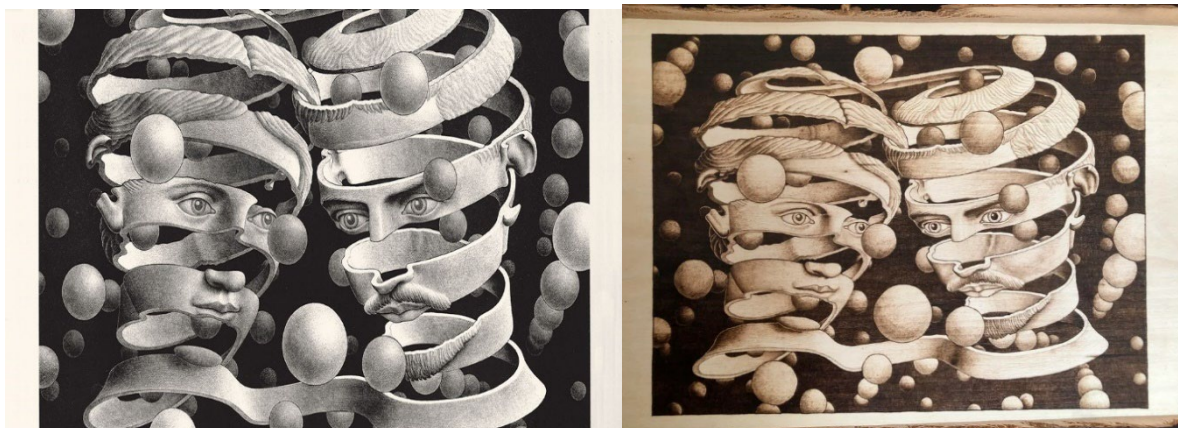
Nesta perspectiva, a objetividade é só uma ilusão, uma vez que, quando o observador está implicado no sistema que observa, a sua objetividade está constantemente em jogo; portanto, os atributos descritos como próprios dos sistemas observados passam a ser concebidos como um produto emergente no observador.

O processo de observação delimita outro sistema autônomo no qual o observador e o sistema observado interagem, de modo que tudo o que se diz sobre o sistema observado resulta estar relacionado com a nossa capacidade e nossas propriedades para fazer essas observações. O observador é um componente do sistema que observa, entendendo toda observação como dependente do observador. O observador não está separado ou independente do sistema observado, mesmo sendo uma entidade autônoma.

Quando falamos em conhecimento como objeto de conhecimento, ou seja, um exemplo de autorreferência, instala-se o problema da geração do paradoxo. Von Foerster (1996a) demonstrou que existem soluções estáveis, livres de paradoxos, para expressões autorreferenciais. Ele afirmava que a autorreferência é a semente dos paradoxos, mas que não necessariamente os gera.

Para Von Foerster (1996a, p. 73), a questão é: “Como podemos observar-nos a nós mesmos?”. O autor responde: “A única maneira de vermos a nós mesmos que lhes posso sugerir é ver-se através dos olhos dos demais”.

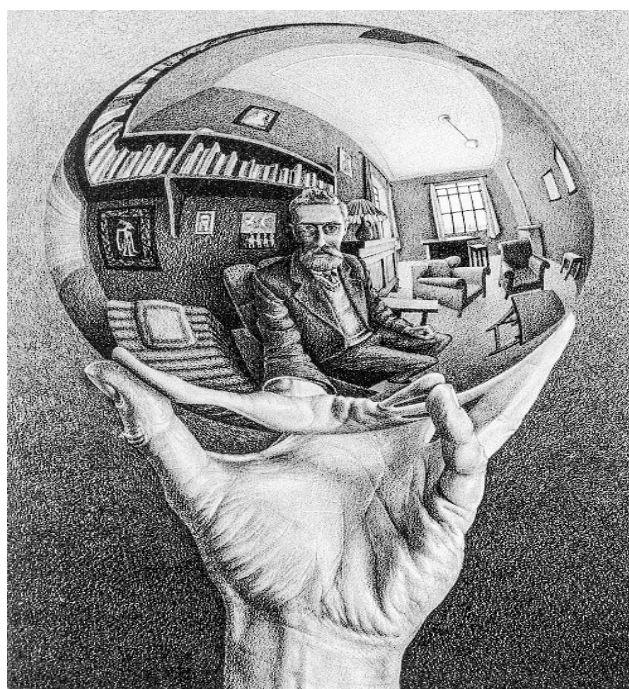
Figura 16 – Bond of Union (MC Escher) 1956.



Fonte: (SHUMEN, 2020).

Foerster descreve o conceito de “compreender o compreender”, desenvolvido por Gregory Bateson, definindo-o como um fascinante conceito de “segunda ordem”, assim como a ideia de aprender a aprender. Segundo Foerster, quando se fala do conceito de “ver”, faz-se necessário empregar esse termo no sentido que lhe dava William Blake, quando afirmava que ele não via com os olhos, mas por meio deles. “Isto significa que ver equivale a um *insight*, equivale a alcançar a compreensão de algo, utilizando todas as explicações, metáforas etc. com que contamos.” (FOERSTER, 1996a, p.59). Isso acontece quando observamos, em algumas obras de arte, como os desenhos de Escher ou representações de imagens da Gestalt.

Figura 17 – Mão com esfera refletora.



Fonte: (ESCHER, 2016).

Figura 18 – percepções da “gestalt”.



Fonte: (BRANDÃO, 2019).

Neste tipo de observação do objeto, damos-nos conta de que não estamos, necessariamente, obrigados a pensar amarrados às categorias verdadeiro ou falso, positivo ou negativo, sagrado ou profano, mas também que é válido pensar em isso e aquilo, e não isso ou aquilo. Um casal que briga e discute sobre quem tem razão e quem está errado pode descobrir que os dois têm razão cada um por meio de um ponto de vista diferente. Uma disputa na comunidade pode encontrar saídas quando as partes entendem que o ponto de vista do outro também faz sentido, como, frequentemente, acontece no contexto dos usuários do MSM.

Para Foerster (1993, p. 203), "informação nenhuma é exterior, ela só se encontra em nós mesmos". O sujeito individual pode ser considerado como uma abstração, enquanto a nossa existência está interligada a uma rede de conexões maior, como família, comunidade, sociedade, nação, podendo, assim, construir novos conhecimentos, no diálogo e no convívio com outros sujeitos que fazem parte dessa rede. O autor diz que é fundamental a relação entre realidade, verdade, objetividade, pois a realidade não é algo a ser descoberto, uma descrição feita pelas convenções, pelos paradigmas e imperativos éticos, mas uma construção individual e coletiva. Segundo ele, a objetividade corresponde à ilusão de que uma observação pode ser feita sem um observador.

Voltando para o conceito de hólon, Ken Wilber aponta 20 princípios referentes ao processo evolutivo da matéria à vida e à mente. Neste texto, analisaremos alguns desses princípios. O primeiro princípio afirma que a realidade é composta por um conjunto de “todopartes” chamados de “*hólons*” (WILBER, 2001b, p. 38).

Este termo inventado por Artur Koestler (1990)¹⁰ descreve uma entidade que é um todo e ao mesmo tempo uma parte de outro todo. Por exemplo: um átomo inteiro (um todo) é parte de uma molécula inteira (um outro todo) e toda molécula inteira é parte de uma célula inteira, toda célula inteira é parte de um organismo inteiro e assim por diante; essas entidades não são só o todo, nem só a parte, mas um todo-partes, um hólón.

Quando falamos que a realidade é composta de partículas subatômicas, privilegia-se um universo físico, a matéria; assim, fica difícil imaginar a dimensão espiritual, o espírito como derivado dessas partículas. O Kosmo (WILBER, 2001b) é composto de hólons e, se observamos o que todos os hólons têm em comum, poderemos começar a ver que a evolução, nos diferentes domínios, apresenta algo muito parecido. Os hólons dos cosmos, do bios, da psique e do teos mostram padrões comuns do desenvolvimento.

O segundo princípio diz que todos os hólons compartilham certas características, e todo o hólón é um todo-parte que pode ou manter sua totalidade, ou manter sua partição. Por exemplo, no átomo, existe uma força nuclear centrípeta que atrai os elétrons, mantendo-os na órbita nuclear, impedindo que mudem de nível; por outro lado, há uma força centrífuga dos elétrons que os impele para um nível superior (WILBER, 2001b).

Para existir os hólons, tem-se que manter uma identidade própria, autônoma, com sua ação e totalidade e, além de manter essas características, tem que, simultaneamente, adaptar-se como uma parte de outra coisa. Portanto, o hólón possui não só a própria ação como um todo, mas também tem que se ajustar às suas comunidades, como parte de outros todos. Se ele muda a sua ação ou muda de comunidade, ele, simplesmente, cessa de existir. Se isso acontece, o hólón se decompõe em seus sub-hólons, na direção inversa em que foi criado. Por exemplo, células, moléculas, átomos etc.

Quando acontece o inverso na formação de novos hólons, falamos de evolução quântica em um fenômeno radicalmente novo e extremamente complexo. Os hólons nascem de um grande salto quântico¹¹, sem qualquer evidência de etapas intermediárias.

¹⁰ A ideia de hólón foi introduzida por Arthur Koestler, no livro *The Ghost in the Machine* e foi apresentada novamente no simpósio Alpbach (1968) em um estudo intitulado: “Atomismo e Holismo – Um conceito de hólón”. Um hólón representa uma maneira muito interessante para superar a dicotomia entre as partes e o todo e para explicar tanto a autorrealização como as tendências integradoras de um organismo. Segundo Koestler, “o hólón pode ser aplicado a qualquer sistema estável biológico ou social, que exibe comportamento governado por regras (...) Assim organelas e órgãos homólogos são hólons evolutivas, campos morfogenéticos são hólons ontogenéticos (...) Fonemas, palavras, frases, são hólons linguísticas; indivíduos, famílias, tribos, nações são hólons sociais” (KOESTLER, 1990).

¹¹ Neste tempo de mudanças, a visão científica materialista da existência deixa espaço para uma visão de mundo multidimensional de múltiplas realidades interconectadas, uma visão mais ampla do universo, da Terra, da vida e de nós mesmos (LASZLO, 2012).

Segundo Érich Jantsch (1980)¹², astrofísico australiano, esse tipo de evolução é definido como autorrealização por meio da autotranscendência, ou seja, a evolução é um processo que tem a surpreendente capacidade de ir além do que já foi. Podemos definir, então, a evolução, como um processo de transcendência que incorpora o que já foi e, em seguida, acrescenta componentes absolutamente novos, uma inclinação criada dentro do próprio Kosmos.

O segundo princípio ainda diz que todos os hólons têm quatro forças: duas horizontais e duas verticais; horizontalmente, temos a ação “o todo” e a parte “a comunidade”, agindo em qualquer nível. Verticalmente, temos a mudança para um nível mais baixo, que é a autodissolução e outra para um nível mais alto, que se chama autotranscendência (WILBER, 2001b).

A disposição autotranscendente produz a vida por meio da matéria e a mente por meio da vida. Mas a mente não pode ser reduzida à vida, e a vida não pode ser reduzida à matéria. Quando o Kosmos se junta, unido por um único processo “Cosmos, bios, psique, teos”, cria-se um universo. É dentro dessa inovação e criatividade que novas entidades e novos modelos se desenvolvem, novos hólons se criam. Esse processo extraordinário promove a união por meio de fragmentos e de “todos”, parece que o Kosmos se desenvolve em saltos quânticos de emersão criativa. O filósofo processual Whitehead, citado por Wilber (2001b, p. 43), listou três conceitos necessários para pensar sobre qualquer coisa:

- a) a criatividade;
- b) um;
- c) muitos.

Como todo hólón é, na verdade, “um/muitos” (todo/partes), essas categorias se reduzem à criatividade e ao hólons. (WILBER, 2001b). Para Whitehead, o princípio metafísico essencial é o avanço criativo dentro daquilo que é novo.

O terceiro princípio afirma que novos hólons emergem de forma criativa; Whitehead define a criatividade como uma exigência, que é necessário possuir a priori. É um princípio metafísico essencial.

Ken Wilber afirma: “Bem, e o que é a criatividade senão um outro nome para o Espírito?” (WILBER, 2001b, p. 44). Para o autor, a origem de tudo, das novas formas, dos novos hólons, seria esse espaço sagrado. Para ele, algo diferente do acaso está impulsionando

¹² Jantsch (1980) define a auto-organização como um paradigma unificador evolutivo que incorpora cosmologia, biologia, sociologia, psicologia e consciência.

o universo. O acaso é exatamente aquilo que a disposição autotranscendente do Kosmos supera. Existe um impulso formativo, um télos (em grego, fim, realização) para o Kosmos. Ele tem uma direção, ele está indo para algum lugar. O seu substrato é o “Vazio”; o seu impulso é a organização da forma em hólons cada vez mais coerente. Resumindo, tudo seria produzido nessas três dimensões: vazio, criatividade e hólons.

O quarto princípio é este: os hólons aparecem de forma holística. Todos os processos de crescimento da matéria à vida, à mente ocorrem por meio de ordens crescentes de holismo e totalidade, todos que se tornam partes de novos todos. E essa hierarquia natural é definida por Koestler como holarquia. Uma hierarquia natural é uma ordem de totalidades crescentes de partículas para átomos, células, organismos etc. O todo de um nível se torna a parte de um todo no nível seguinte.

Quando um hólón usurpa a sua posição e tenta dominar o todo, cria-se uma hierarquia patológica ou dominadora (uma célula cancerosa que domina um corpo, um ditador que domina um sistema social etc.). A cura para as holarquias patológicas não consiste em eliminar a holarquia em si, mas seria redimensionar o “hólón arrogante” e colocá-lo em seu devido lugar.

Retomando a expressão de que “o todo é maior que a soma das suas partes”, aqui isso significa que o todo é mais organizado do que as partes isoladas. Este é o sentido da holarquia, pois, sem ela, obtém-se um amontoado de partes, mas não uns todos organizados.

Todos os modelos de evolução e de desenvolvimento são criados por meio da holarquização dos processos. A dimensão maior funciona como um atrator que restabelece um princípio, que une e liga as partes em uma unidade organizada. A holarquia fornece o espaço melhor, maior e mais profundo, no qual a conexão e a união podem ocorrer. Resumindo, quando um hólón específico usurpa a sua posição em uma holarquia e quer ser apenas um todo e não também uma parte, essa holarquia natural se degenera em uma holarquia patológica e dominadora, que, em outras palavras, é doença, enfermidade, patologia que seja física, emocional, social, cultural, espiritual ou...política.

O quinto princípio afirma que cada hólón que emerge transcende e inclui os seus predecessores; em outras palavras, como todos os hólons são todo-partes, a totalidade transcende, mas as partes são incluídas. Nessa transcendência, amontoados de partes são convertidos em todos. Na inclusão, as partes são igualmente acolhidas e nutridas, ligadas em uma comunidade e em um espaço compartilhado que evita que cada parte se torne um fragmento. Portanto, a evolução é um processo de transcender e incluir, e isso começa a acontecer bem no coração do espírito em ação, o grande segredo do impulso (r) evolucionário.

Podemos perceber, nesta brilhante reflexão de Wilber (2001b), alguns dos elementos fundamentais presentes no processo de autopoiese comunitária do MSM. A presença de uma mística libertadora que se preocupa com a inclusão dos seres humanos mais desfavorecidos, abandonados e excluídos, dentro de um processo de evolução criativa que, em saltos quânticos, inventa novas maneiras de ser, individuais e coletivas, caracterizadas por holarquias que respeitam a essência e a dignidade de todos os seres.

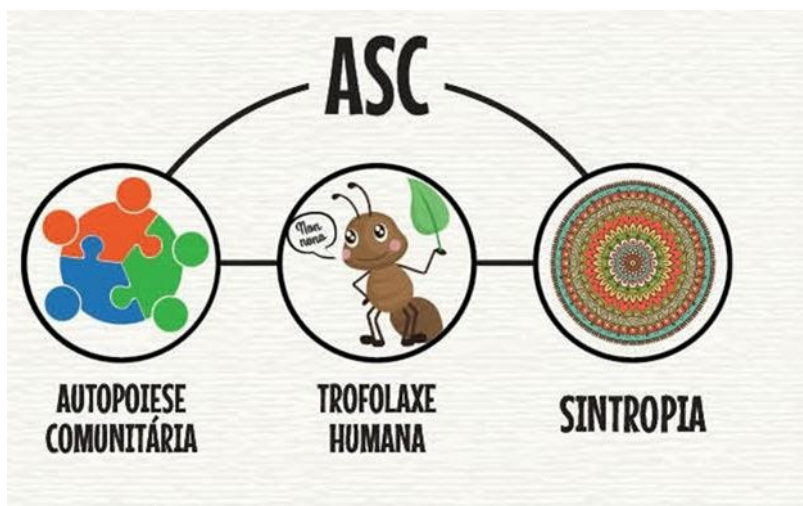
O Movimento Saúde Mental pode-se considerar como um hólón formado por vários sub-hólons, as suas partes, que integram a totalidade do MSM que pertencem a supra-hólons, que, por afinidade, se unem para um objetivo comum ou télos (uma finalidade), que coloca, em seu centro, a vida, um Kosmos, em sua dimensão biológica (bios), sua dimensão psicológica (psiquê), sua dimensão espiritual (teos), impulsionando uma transformação social, orientada por valores e ideias que visam construir um mundo melhor, mais humano, mais fraterno e mais digno, preocupado com o ambiente, com todos os seres vivos que, como sub-hólons, fazem parte dessa imensa e extraordinária Teia da Vida (CAPRA, 2000), praticando uma ecofilia sistêmica comunitária.

O processo de autotranscendência do MSM inicia-se proporcionando espaços e técnicas terapêuticas que favorecem a conscientização e a valorização das pessoas. O autoconhecimento é o primeiro passo para fortalecer a consciência de si, revelando os próprios talentos, os dons e as potencialidades. Isso favorece um sentimento de pertença, sentir-se parte, parte de um todo, um hólón. A união, a colaboração, a participação, a corresponsabilidade de todos os hólons presentes no MSM orientam-se para a autovalorização, autoestima, autonomia, autorrealização e, finalmente, para a corresponsabilidade. Vários são os casos de pessoas que passaram por esse processo de autotranscendência, indo além daquilo que pensavam ou sonhavam ser, promovendo um salto quântico que gerou novos seres, mais felizes e integrados, superando o sofrimento psíquico, a dor da alma, a crise existencial. Tudo isso possibilita a geração de uma nova sabedoria que permite um processo de adaptação e superação das dificuldades, transformando a crise em processos de cura, aprendizagem e integração. Uma sabedoria que se conecta com as raízes ancestrais, que ressignifica os valores e as crenças, por meio de uma nova visão de si, de uma nova cosmovisão, que permite se sentir digno e ser feliz, que, segundo Branden (2002), é a essência da autoestima. Uma autoestima saudável corresponde à superação da Síndrome da Colonialidade Internalizada.

3.5 Abordagem Sistêmica Comunitária

A base teórica da Abordagem Sistêmica Comunitária é baseada em três princípios: 1) a Autopoiese Comunitária, 2) a Trofolaxe Humana e 3) a Sintropia.

Figura 19 – Princípios da implantação da ASC.



Fonte: (MSM, 2019, p. 18).

3.5.1 Autopoiese comunitária

A Autopoiese Comunitária é o processo que acontece durante a interação dos participantes nas várias atividades proporcionadas no MSM: os grupos socioterapêuticos, as reuniões da coordenação, os encontros do cuidar dos cuidadores dos profissionais e voluntários do MSM e todas as oportunidades para trocar ideias e sonhos que acontecem ao longo da história da instituição. A interação das pessoas que são unidas pelas características do campo interativo que é gerado pelos valores, as crenças, os propósitos e o planejamento estratégico da instituição acabam possibilitando a geração de novas ideias e novas soluções ao serviço da comunidade.

Todas as iniciativas do MSM nasceram por meio da escuta das participantes e dos usuários. A comunidade traz, no nível consciente, quais são as suas necessidades e expectativas. A partilha e as trocas de conhecimento, experiências de vida e sabedoria vivenciadas nos grupos socioterapêuticos realizam a possibilidade de transformar um desejo ou uma necessidade em uma oportunidade de solução. Como veremos, o conceito de Autopoiese está associado às propriedades de um sistema vivo considerado como uma unidade autopoietica.

“Quais são as características de um sistema vivo?” (CAPRA; LUISI, 2014, p. 169). Os autores do livro *A Visão Sistêmica da Vida* resgatam a história da teoria da Autopoiese, que foi

desenvolvida por Humberto Maturana e Francisco Varela (1979), biólogos chilenos da Escola de Santiago.

Para responder a uma pergunta extremamente complexa como: “o que é vida?”, foi inventada a palavra Autopoiese, que vem do grego *autos*¹³, que significa ‘de si mesmo’, ou com meios próprios, espontaneamente, de si, que acontece ou funciona automaticamente; e da palavra *poiesi*¹⁴, que significa formação, produção. Autopoiese, então, significa fazer, formar, produzir a si mesmo.

A capacidade de automanutenção seria a principal característica da vida que alcança essa autorreprodução por meio de uma rede autossustentável de elementos intrínsecos do sistema vivo chamado de unidade autopoietica, que pode ser uma célula, (autopoiese de primeira ordem) ou um organismo mais complexo, ou um grupo, ou uma comunidade (autopoiese de segunda ordem). A autorregeneração surge das interações coletivas, e a vida é a propriedade que aparece na união de vários elementos, mas que não está presente nos elementos isolados (CAPRA; LUISI, 2014).

A vida emerge e manifesta-se quando o conjunto dos elementos se sintoniza no estágio terminal do processo, que reúne o todo para alcançar o propósito e a finalidade do sistema vivo naquele momento, que é construir a si mesmo, mantendo a própria individualidade.

Como veremos, a emergência de novas soluções no contexto da evolução pessoal e dos participantes do processo autopoietico da ASC tem as mesmas características. A energia vital não está localizada, mas é uma propriedade global do sistema, integrada e organizada, que emerge quando as condições são favoráveis para a manutenção e a reprodução do sistema. Isso comporta a autorregeneração dos componentes, a automanutenção, a autorreprodução (da identidade e da unidade autopoietica), a auto-organização, que leva à emergência de novas propriedades do todo. “Assim o produto do sistema autopoietico é a sua própria auto-organização e reprodução por meio de um comportamento estruturalmente determinado por forças intrínsecas que buscam e alcançam a homeostasia e o autoequilíbrio do sistema” (CAPRA; LUISI, 2014).

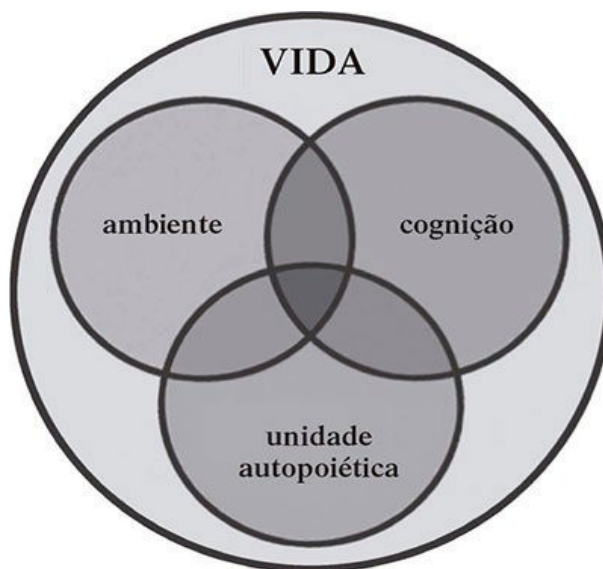
¹³ Disponível em: *Áuto* [dal gr. αὐτός «stesso»]. – Primo elemento di parole composte derivate dal greco o di formazione moderna, nelle quali significa «di sé stesso» (per es., autobiografia, autodifesa, autoscienza, autoconsapevolezza, autocritica, autostima), oppure «da sé, spontaneamente, con mezzi propri, che avviene o si compie o funziona automaticamente».

¹⁴ Disponível em: *-Poièsi* [dal gr. ποίησις (v. poiesi) – Secondo elemento di parole composte della terminologia scientifica (come emopoiesi, leucocitopoiesi, mielopoiesi), per lo più di formazione moderna, che significa «formazione, produzione».

Observando uma unidade autopoietica como uma célula, compreende-se que a lógica da vida é cíclica. A célula é um sistema organizado que vai desenvolvendo uma rede de reações que produzem os componentes moleculares necessários para a automanutenção. Epistemologicamente, considera-se um sistema operacionalmente fechado no sentido que uma célula não necessita de informações externas para definir a sua própria identidade. Mas precisa de energia externa para sobreviver e, por isso, a célula se considera um sistema termodinamicamente aberto. A estrutura da unidade autopoietica é uma espécie de antena que capta a energia necessária para ativar o ciclo. Os nutrientes entram no sistema operacionalmente fechado para provocar a rede de reações metabólicas necessárias para a produção dos componentes moleculares, e, assim, o ciclo se repete e continua. De acordo com Maturana e Varela, o organismo interage com o ambiente de maneira “cognitiva” por meio do qual o organismo “cria” seu próprio ambiente, e o ambiente permite a atualização do organismo (CAPRA; LUISI, 2014, p. 175).

A trilogia da vida é definida como a interação da estrutura orgânica viva ou unidade autopoietica que interage com o meio ambiente por meio da cognição. A cognição é o conjunto de sentidos ou *sensórium*, que seria o produto final da evolução autopoietica. Os três domínios, interagindo sinergicamente, são o substrato do surgimento da vida.

Figura 20 – Os três domínios interagindo: surgimento da vida.



Fonte: (CAPRA; LUISI, 2014, p. 184).

Na ASC, a unidade autopoietica principal é a pessoa, que, em seu processo evolutivo, interage com o meio ambiente do grupo socioterapêutico, formado por outras unidades autopoieticas que formam um grupo interativo. A produção de novos sentidos e de significados

alcançados nas vivências de autoconhecimento e na troca fomentada pela trofolaxe humana produzem um aumento da consciência de si, do grupo e do próprio papel na comunidade e no mundo, aumentando o *sensorium* da inteligência coletiva e o nível de consciência que favorecem a emergência sintrópica de novas soluções pessoais e coletivas.

3.5.2 *Trofolaxe humana (troca de informações entre os membros do sistema autopoietico)*

A aplicação do princípio da emergência está presente no fenômeno de autopoiese comunitária do MSM, que tem uma organização liderada por uma coordenação de coordenações, superando a pirâmide da autoridade tradicional. Essa configuração de cogestão valoriza a inteligência coletiva e criativa existente na instituição e motiva os grupos e os indivíduos para a geração de ideias, buscando soluções inovadoras, para se adaptar às novas situações sem a inflexibilidade dos padrões de organização mais rigidamente hierárquicos. Para a emergência de um novo modo de vida comunitária, temos que “deixar o sistema governar a si mesmo tanto quanto possível, deixá-lo aprender a partir de passos básicos” (JOHNSON, 2003, p.174), apostando no potencial criativo do pensamento coletivo consciente.

Neste caso, podemos falar de uma trofolaxe social¹⁵, linguagem que, por meio da comunicação intensa entre os participantes, permite a circulação das informações necessárias para que o grupo adquira uma maior consciência do próprio papel, realizando o projeto comunitário necessário para melhorar e evoluir.

A obra de Johnson (2003) reúne os trabalhos interdisciplinares de pesquisadores que trabalham em diferentes áreas científicas. Observando sistemas complexos, como o cérebro humano, a gênese do urbanismo das cidades e as colônias de insetos, perceberam que a natureza realiza a sua obra sem a presença de um planejamento prévio ou de alguém que diz o que fazer, descobrindo a emergência de fenômenos auto-organizadores.

A trofolaxe é o processo de comunicação entre insetos, tais como formigas, abelhas e cupins. Esse fenômeno comunicativo possibilita a construção de uma comunidade organizada com várias funções estabelecidas e finalidades de evolução e sobrevivência. A partir desse exemplo, definimos a ‘trofolaxe humana’ como o aquecimento da comunicação intrapessoal (consigo mesmo), interpessoal (com o próximo) e transpessoal (com o transcendente). Ela é continuada e geradora de novas soluções para problemas pessoais e comunitários. O processo da trofolaxe gera a emergência de algo novo que está presente intrinsecamente no sistema vivo, mas que devido à situação de crise interna do indivíduo se encontra estática e adormecida. Esse

¹⁵ Segundo o professor Celso Cândido, coordenador do curso de filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), autor do texto “Trofolaxe Digital”, a linguagem é o grande fenômeno que proporciona a coletividade e as interações entre os seres humanos, construindo uma sociedade com uma cultura específica. Para ele a Web traz novas formas de comunicação, fortalecendo a trofolaxe humana através de uma trofolaxe digital, estimulando a intercriatividade.

processo representa o melhor caminho de soluções necessárias para a evolução e autorrealização do sistema comunitário. O fortalecimento de laços afetivos e sociais advindos do aquecimento da comunicação das pessoas entre si e delas com a comunidade, as capacita para solucionar situações problemáticas; oferecendo novos caminhos de cura, integrados à evolução biopsicossocioespiritual de cada envolvido e sua respectiva conexão com a comunidade. A partir da influência da emergência sintrópica produzida pela trofolaxe, são gerados outros cenários de viver e conhecer; ou seja, novos saberes são advindos da multiplicação dos conhecimentos e do autoaperfeiçoamento (MSM, 2019, p. 19).

Quando existe uma história de interações recorrentes entre organismos e meio de acoplamento estrutural social, sempre vai gerando-se um conjunto de coordenações de condutas consensuais, em nome de um objetivo e finalidade comum, que tende ao equilíbrio homeostático. (MATURANA, 2002).

O consenso, diferentemente do acordo, não precisa ser explícito e emerge, espontaneamente, na convivência, dependendo da história dos relacionamentos. Percebe-se, por instinto, o que é melhor para a coletividade. Essa perspectiva é definidora da proposta que faço de uma Abordagem Sistêmica Comunitária em que o produto das interações entre as pessoas contribui para uma “biologia do amor”, no dizer de Maturana, na qual o bem comum norteia as prioridades e as decisões.

Maturana e D’Ávila (2009) aprofundaram o conceito de Matriz Biológica da Existência Humana como uma dinâmica relacional na qual a biologia do conhecer e a biologia do amor aparecem, conjuntamente, como forma de entendimento da relação entre o indivíduo e o mundo. Dessa forma, entendem a cultura como tramas relacionais geradas por redes de conversações: coordenações de coordenações condutais e consensuais, para que as pessoas realizem as próprias redes de conversações, assumindo novas disposições, em que o amar legitima o outro na convivência.

Essa definição descreve algo muito parecido com o processo que acontece durante as reuniões dos coordenadores das várias atividades do MSM, que chamamos de coordenação de coordenações. Podemos, então, definir essa prática como uma peculiaridade da metodologia organizacional que a Abordagem Sistêmica Comunitária desenvolveu para a construção de novos caminhos de evolução nos trabalhos comunitários. Uma coordenação de coordenações, simbolicamente, é circular, produzindo um espaço de escuta recíproca, de observação dos observadores que se observam reciprocamente, amplificando as percepções e encontrando novos *insights* e intuições nesse processo de sinergia coletiva, caracterizada pelo amor vivenciado e vivenciável a serviço dos outros. Podemos observar algo muito parecido, também, nas dinâmicas de grupo durante as seções de terapia da autoestima, terapia comunitária,

biodança, arteterapia, constelação familiar etc. Tudo isso revela uma autopoiese comunitária, pois a vida é autopoietica, ela se auto-organiza, se reinventa, se recria, a partir de si própria.

Nossa proposta é que os seres vivos se caracterizam por – literalmente – produzirem de modo contínuo a si próprios, o que indicamos quando chamamos a organização que os define de organização autopoietica. Fundamentalmente, essa organização é proporcionada por certas relações [...] os componentes moleculares de uma unidade autopoietica celular deverão estar dinamicamente relacionadas numa rede contínua de interações (MATURANA; VARELA, 2004, p.52).

Podemos concluir afirmando que a ASC é uma experiência de produção de conhecimentos que Boaventura de Sousa Santos define como Epistemologia do Sul. (SANTOS, 2019).

3.5.3 *Sintropia*

O termo Sintropia, definido como a força que faz que os seres vivos alcancem “níveis cada vez mais elevados de organização, ordem e harmonia dinâmica”, foi elaborado pelo biólogo fisiologista Szent-Gyorgyi (1977), húngaro que, em 1937, ganhou o prêmio Nobel de Fisiologia com os estudos sobre a vitamina C, e que, pesquisando a contração muscular, descobriu a função da miosina, actina e ATP. O termo Sintropia substitui o termo Negentropia e é definido como um impulso inato da matéria viva para aperfeiçoar a si mesma. O biólogo chama atenção para o seu equivalente no nível psicológico, definindo como um impulso para a síntese, para o crescimento, para a totalidade e o autoaperfeiçoamento (BERGMAN, 1977).

Di Corpo e Vannini (2011, p. 9-19), no artigo L’Evoluzione della Vita alla luce della legge della sintropia, apresentam a visão sintrópica da evolução, evidenciando a interpretação de uma equação elaborada, em 1941, pelo matemático Luigi Fantappiè, que permite uma representação do universo organizada entre duas polaridades, o Big Bang e o Big Crunch, assim como podemos ver na figura 21.

Figura 21 – Representação gráfica da equação cosmológica baseada em energia/tempo/massa.

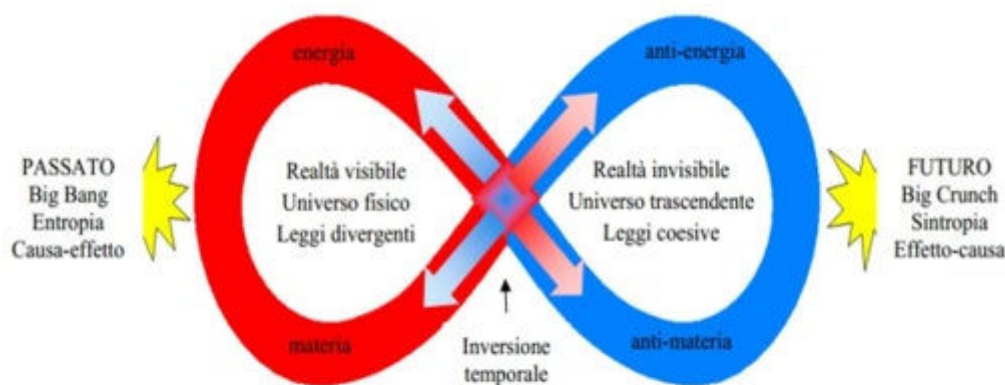


Figura 1 – Rappresentazione grafica della visione cosmologica basata sull'equazione energia/momento/massa

Fonte: (DI CORPO; VANNINI, 2011, p.14).

Fantappiè chegou a formular uma hipótese instigante, segundo a qual a causa da vida vai ter que ser buscada no futuro. Ele descobriu que a fórmula da equação poderia ser resolvida de modo contrário ao modelo tradicional, insinuando que a realidade, feita de matéria e energia, poderia retroagir no tempo. Na solução tradicional positiva da equação, encontramos as causas no passado e os efeitos consequentes na direção do futuro; na solução negativa, temos a causa no futuro e os efeitos consequentes na direção do passado (retrocausalidade), produzindo uma verdadeira inversão temporal.

Vemos, na figura Big Bang (grande explosão), a origem da matéria e da energia, e as leis da mecânica, governadas pela entropia (*en* = divergente, *tropos* = tendência). Na figura Big Crunch (grande contração), percebemos a origem da antimatéria e da antienergia bem como as leis da vida, governadas pela sintropia (*sin* = convergente, *tropos* = tendência). A partir do ponto inicial da grande explosão que deu vida ao universo (Big Bang), a velocidade dos elementos cósmicos que estão expandindo-se no espaço tende a diminuir e, no centro da figura, percebe-se que o universo inicia um processo de implosão; e o tempo começa a se inverter. Analogamente, o tempo do universo transcendente (ou antiuniverso) se inicia à direita como Big Crunch e movimenta-se retroagindo, e, quando chega ao ponto de inversão temporal, inverte-se e inicia-se um movimento para frente. A equação afirma que, no momento do Big Bang, existia, exatamente, tanto a mesma quantidade de matéria, quanto de antimatéria; daí surge a pergunta dos físicos: cadê a antimatéria?

Aceitando a solução negativa da equação de Fantappiè, observa-se que a antimatéria está-se movendo na direção do passado; e, segundo esta equação, o universo é composto da

mesma quantidade de matéria e antimatéria. Essas duas realidades se movimentam em universos simétricos que entram em contato entre si por meio de um filtro, que seria o ponto central da inversão temporal. A análise da propriedade da equação leva a individualizar três níveis de organização do tempo:

- a) Nível causal: caracteriza os sistemas divergentes, como o nosso universo em expansão. Nesse sistema, as causas precedem os efeitos, a entropia prevalece, e o tempo se movimenta do passado para o futuro. Os gregos indicavam o tempo causal com o termo *kronos*;
- b) Nível retrocausal: caracteriza os sistemas convergentes como os buracos negros na astronomia. Nesses sistemas, os efeitos precedem as causas, prevalece a sintropia, e o tempo se movimenta do futuro para o passado. Os gregos indicavam esse tempo com o termo *kairos*, que, segundo Pitágoras, está na base da intuição, da vidência e das percepções extrassensoriais.
- c) Supercausal: caracteriza os sistemas em equilíbrio entre forças divergentes e convergentes, como os átomos. Nesses sistemas, a causalidade e a retrocausalidade estão em equilíbrio, e o tempo é unitário: passado, presente e futuro coexistem. Para os gregos, este tempo é chamado de *Aion*, é o tempo da criação. No *Aion*, que seria o nível quântico dos átomos, a sintropia e a entropia interagem, podendo originar a vida.

A interação entre causalidade e retrocausalidade pode desenvolver um modelo da consciência que se organiza em três níveis:

- a) Nível consciente: associado ao cérebro e ao livre arbítrio. Neste nível, acontece a mediação dos estímulos do sistema nervoso autônomo e das emoções com o plano físico da realidade, ajudando-nos a tomar decisões oportunas para a nossa sobrevivência.
- b) Nível inconsciente: associado às funções vitais involuntárias, como a batida cardíaca, a digestão, a respiração etc.; permite comportamentos complexos sem controle consciente, como dirigir um veículo. Quando encontramos um obstáculo no caminho, o nosso instinto inconsciente freia ou desvia mais rápido do comando consciente. Este nível pode ser acessado somente durante os sonhos, ou por meio de técnicas de relaxamento, ou terapêutica, ou de consciência alterada, como durante rituais e cerimônias.

- c) Nível superconsciente: este nível permite o contato com a fonte da vida. A fonte da vida é um atrator, é a direção, é a meta que a vida está seguindo em seu processo evolutivo. O superconsciente indica o caminho, as soluções, as respostas e a fonte de inspiração, de intuição, para a mente consciente, fornecendo ideias e conhecimentos, *insights* para resolver qualquer problema. Às vezes, o superconsciente se comunica por meio de sonhos premonitórios ou de intuições e inspirações.

Seguindo este raciocínio, os autores sugerem que a lei da sintropia descreve os sistemas viventes como sistemas que convergem na direção de um atrator, um fim, um objetivo. O fim distingue, claramente, o que é vantajoso para a vida daquilo que não é. Um afastamento do atrator provoca reações de alerta com sintomas de ansiedade e preocupação, a presença de uma crise que requer um discernimento para reencontrar o caminho perdido, ou vice-versa, o caminho da integração e do progresso seria caracterizado por sensações de bem-estar e de paz interior.

Na cultura Lakota, este conceito é definido na expressão *the red road* (o caminho vermelho), o caminho do bem, da autorrealização e da dedicação ao bem da aldeia. Para os Lakota Sioux, este é o significado autêntico e mais profundo de ser guerreiro ao serviço dos mais vulneráveis e necessitados, construindo a paz.

Para os autores, o sucesso de uma espécie vivente consiste em fazer emergir o atrator, que já está presente no organismo, e que retroage do futuro. E quando eles lembram a frase de Michelangelo, “la bravura dell’artista sta nel far emergere la figura che è già presente nel marmo”, podemos associá-la à pedagogia sintrópica da Abordagem Sistêmica Comunitária.

Existe, dentro do ser humano, algo que vai além da predestinação genética, memética (MASSIMINI; INGHILLERI, 1993) e sociocultural. Existe algo que está presente na essência do ser, que pode ser percebido em nível inconsciente e superconsciente, que pode orientar o caminho evolutivo e favorecer a realização de todos os potenciais da pessoa. O objetivo principal da ASC, de todo o sistema socioterapêutico, de todas as técnicas, de todas as oportunidades, de todas as vivências proporcionadas pelo MSM é proporcionar a conexão com esta energia, com a fonte da vida, para compreender qual é o propósito da existência.

É neste espaço-tempo sagrado, neste *Aion*, nesta dimensão, que a pessoa pode recriar-se, renascer, transcender. Por isso, o ser humano precisa ser acolhido com a sua

dimensão espiritual, sem preconceitos, valorizando as crenças e respeitando a diversidade de rituais que podem proporcionar o encontro com o transcendente.

O professor Massimini, médico e psicólogo, participou do desenvolvimento do polo de ciência transcultural de Milão, concentrando seus estudos na psicologia humana em relação ao sistema normativo social. Trabalhando com pesquisadores da Universidade de Chicago, particularmente com Mhaly Csikszentmihaly, deu um grande impulso a conceitos como: culturotipo, o pool cultural-social e o conceito biocultural de desenvolvimento psicológico humano ligado aos genes e aos memes (memória cultural) (MASSIMINI; CARLI; CSIKSZENTMIHALYI, 1988).

A ciência transcultural, derivada da antropologia (cultural, psicológica e médica), explica as reações do corpo humano, o comportamento das pessoas e as obras humanas por meio das influências de modos de pensar e pontos de vista que têm origem na herança cultural das várias comunidades. A ciência transcultural integra e enriquece o conhecimento do ser humano, somando os fatores biológico e psicológico ao fator cultural.

Com o professor Massimini, participei dos estudos sobre a memória cultural (Meme) com o povo indígena norte-americano dos Navajos. Aprendi muito sobre a diferença de percepção dos nossos hemisférios cerebrais. A cultura Navajo mostrava que a herança da memória cultural favorecia uma percepção mais simbólica, criativa e intuitiva típica do hemisfério direito, totalmente diferente da cultura dominante, caracterizada pela dominância do hemisfério esquerdo, lógico matemático e analítico.

Esta experiência despertou em mim um interesse muito grande e a vontade de conhecer essas comunidades indígenas. Sentia uma grande atração por este estilo de vida, a visão de mundo, a espiritualidade aberta a uma comunhão com todos os seres, o respeito pela mãe terra, a preocupação com as futuras gerações. Esta ligação me levou, durante a minha formação missionária, a trabalhar como médico com os povos indígenas, o povo Cayapas no Equador, o povo Acholy na Uganda. Finalmente, durante a minha experiência missionária e formativa nos Estados Unidos, fui adotado na família do povo indígena norte-americano Lakota Sioux, um exemplo de cultura sistêmica e biopsicossocioespiritual que se resume na oração *Mitakuye Oyasin*: que significa Somos Todos Parentes. Em Tupi Guarani, língua do povo Pitaguary se traduz *Iandé Memé Maranongara*.

Durante a experiência de expansão da Abordagem Sistêmica Comunitária na Bolívia, em uma parceria com a Universidade Salesiana de La Paz, tivemos contato com nativos do povo Aimara, que nos falaram da concepção andina do tempo.

Josef Estermann (2008), em seu livro “Si el Sur fuera el Norte”, oferece uma explicação muito interessante da diferença entre a concepção dominante ocidental do tempo e aquela indígena. De acordo com o autor, a visão ocidental é a síntese de um processo de interação de duas tradições distintas, a semita (judaico-árabe) e a helênica-romana. A concepção semita do tempo enfatiza o aspecto qualitativo, a periodicidade dos eventos e das eras; assim como a importância dos eventos históricos. Tem fatos de uma importância transcendental no encontro de Deus (transcendência) com o seu povo (imanência), que se convertem em rituais fundamentais para a memória coletiva do povo. Essa concepção inclui o elemento da progressividade com um ponto de início absoluto (alfa) e um ponto final (ômega¹⁶). Fora desse processo e acompanhando-o, só existe o Deus transcendente e eterno, criador do espaço e do tempo. O pressuposto implícito é a unidirecionalidade e a irreversibilidade do tempo.

A concepção helênica-romana do tempo é muito diferente, e a filosofia grega sustenta a ciclicidade eterna do tempo, mostrando uma assimetria clara entre tudo o que é eterno, imaterial, atemporal, essencial, divino e verdadeiro, por um lado, e o que é temporal, material, passageiro, acidental, mundano e falso, por outro lado. Consequentemente, os fatos históricos têm pouca importância, assim como a individualidade e o desenvolvimento sociopolítico. O símbolo correspondente à concepção semítica do tempo seria a linha, mais ou menos, ondulada; o símbolo da concepção helênica-romana seria o círculo, que expressa seu eterno retorno e fecha em si todas as possibilidades da realidade.

O autor afirma que a concepção ocidental, moderna do tempo se emancipou e introduziu um elemento importante para o avanço da ciência e da tecnologia ocidental: a quantificação do tempo. O *kairos* qualitativo da tradição judaico-cristã foi substituído pelo *kronos* quantitativo do relógio e das máquinas, e o tempo acabou excluindo, cada vez mais, os ciclos naturais e cósmicos, virando um simples marco de referência da sequência das experiências humanas.

Na concepção andina do tempo, falamos de ciclos e *pachakutis*, mostrando outra racionalidade temporal, com paradigmas de tempos e de processos históricos totalmente diferentes. O pensamento andino não considera o tempo como algo externo ao que existe e vive. Nem tampouco, algo totalmente transcendental. O vocábulo *pacha* na língua Quechua-Aimara significa tanto tempo como espaço. Ou seja, o espaço é, necessariamente, temporal; e o tempo é, necessariamente, espacial. O tempo nos engloba, assim como nos engloba o cosmo e o

¹⁶ O jesuíta Pierre Teilhard de Chardin (1999) sustentava que a paleontologia indica um ponto final de chegada na direção da qual cada forma vivente está convergindo; e chama este ponto final de ponto ômega, afirmando que uma correta releitura dos textos sagrados leva a colocar a criação da vida no futuro e não no passado.

universo. Nesta língua, não existe uma palavra exclusiva para indicar a palavra tempo, no sentido ocidental. Não existe uma separação rígida entre o sincrônico (todos os eventos de um determinado ponto da suposta linha do tempo) e o diacrônico (todos os eventos que ocorrem em diferentes pontos do tempo).

Para o nativo Aimara, o tempo é como a respiração, a batida do coração ou o ir e vir das marés. O tempo é relacionamento cósmico. Esse princípio de inter-relacionamento é uma característica fundamental do pensamento andino: tudo está relacionado com tudo, espaço e tempo, passado e futuro, natural e divino, positivo e negativo (ESTERMANN, 1998, p. 95-99). A concepção andina do tempo não é linear, nem dialética, mas, essencialmente, cíclica. E essa ciclicidade não é individual ou pessoal; mas é, essencialmente, coletiva e cósmica. Não existem momentos ou seres isolados, tudo está espaçotemporalmente inter-relacionado com tudo. Consequentemente, esta concepção holística, cíclica e relacional implica que o passado se relaciona, constantemente, com o presente (aqui e agora), interagindo e conectando os eventos. Para o nativo andino, tudo está presente, tanto no passado como no futuro, e essa eterna presença tem a ver com o relacionamento universal, com a inter-relação de todos os elementos e acontecimentos da realidade. O tempo não avançou de um estado inicial a um estado final em uma só direção, mas pode progredir, também, na direção oposta; o presente não é, necessariamente, a superação do passado, e o futuro não é sempre a superação do presente. O tempo existencial é somente uma gota no mar das relações interdependentes. Um tempo andino se sobressai à dimensão qualitativa; existem momentos especiais e densos que aglutinam em si muitas dimensões que são como “nós” espaço-temporais poderosos. Rituais importantes como momentos de transição na vida comunitária agrícola, familiar, pessoal e astronômica representam esse tipo de nó temporal (*kairoi*).

Contrariamente à concepção ocidental, a andina concebe a história como uma sequência de ciclos e épocas, que terminam e começam por um *pachakuti*, um cataclisma cósmico no qual uma certa ordem (*pacha*) volta ou regressa (*kutiy*) a um caos cósmico transitório que sempre gera uma nova *pacha*. O tempo andino é, radicalmente, descontínuo e procede à maneira de saltos e revoluções cósmicas (*pachakuti*). A ideia ocidental de progresso, no sentido de avanço diacrônico na direção do melhor, superior e mais desenvolvido, choca-se, fundamentalmente, com a concepção cíclica andina de regresso a um estado mais perfeito e ordenado. Portanto, enquanto a ideia ocidental de desenvolvimento é baseada, principalmente, na ideia de acúmulo de capital, bens, comodidades e de aperfeiçoamento moral e individual (santidade, carreira etc.), para a cultura andina, evoluir significa restabelecer uma renovada ordem cósmica, equilibrada,

harmoniosa, regida pelos princípios da complementariedade, da correspondência e da reciprocidade, conceitos muito próximos da física quântica e dos princípios da visão holística da complexidade.

O paradigma científico baseado na razão e na objetividade pode provocar uma tendência a uma visão rígida, estável, dificilmente contestável; portanto, há uma atitude autoritária, rigorosa e, por vezes, arrogante. Para superar essa grave lacuna, é necessário recomeçar a pensar na direção oposta, percebendo a realidade não como elementos isolados, mas como partes interdependentes, interligadas e em interação constante. O pensamento não linear ou cíclico deixa fluir a intuição, a sensibilidade e a criatividade, gerando, portanto, uma inovação no processo de pensar.

Por exemplo, para os índios Lakota, todos os seres são interligados com vínculos familiares, um parentesco universal. Guy Gibbon (2003), professor de antropologia da University of Minnesota, no segundo capítulo do seu livro “The Sioux: The Dakota and Lakota Nations”, demonstra, usando restos arqueológicos, a história da linguagem e dos estudos biológicos do esqueleto, que a pré-história dos Lakota Sioux se iniciou no ano 9.500 a.C.

A grande nação Dakota que compreende sete grandes grupos originais tem três dialetos linguísticos: o Dakota, o Lakota e o Nakota. Dakota, traduzido para o português, significa “povo relacionado” (povo aparentado). Durante os últimos 50 anos, os nativos norte-americanos começaram a recuperar e a valorizar as suas línguas, cultura e espiritualidade após anos de repressão cruel. Esses grupos étnicos se tornaram conscientes do significado original de seus nomes, que se referiam à ideia de um só povo, fortalecendo a crença de que ‘somos todos parentes’. Na obra “Sistema de Parentesco dos Índios Cariris”, de Thomaz Pompeu Sobrinho (1947), o autor apresenta os resultados de pesquisas sobre a família Tupi-Guarani que revelam, surpreendentemente, uma grande semelhança com o sistema Dakota, com categorias de parentesco essencialmente idênticas, concluindo que existe um elo na organização social, fortuito ou não, de povos extraordinariamente apartados.

Qualquer dessas sociedades é, na expressão de Redfield, um “mundo de parentesco” (POMPEU SOBRINHO, 1947, p. 165), influenciando, naturalmente, nas relações interindividuais e, portanto, na organização social com caráter substancial.

O Doutor A. C. Ross (1998), autor do livro “Mitakuye Oyasin, We are all related”, estudando a história Lakota, descobriu vários elementos que estão presentes, também, na Psicologia Junguiana.

Na cultura Lakota, existem sete poderosos rituais que o Chefe Black Elk chamava de as Sete Formas de Orar ao Grande Espírito. Esses rituais ajudaram o povo Lakota a desenvolver um profundo senso do sagrado, interligando todos os seres ao mundo espiritual. Rituais tradicionais como a Sauna Sagrada, a Dança do Sol, a Busca da Visão eram meios para ajudar os homens sagrados a fazerem contato com o ‘outro lado’, o que Jung (2010) chama de inconsciente coletivo (ROSS, 1998, p. 13). Jung fala de um inconsciente pessoal e de um inconsciente coletivo que se mantêm em uma relação compensatória diante da consciência.

O inconsciente coletivo contém conteúdos coletivos e herdados, instintos e arquétipos. O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar” (JUNG, 2016, p.72).

Uma das metáforas preferidas para se referir ao inconsciente é o mar, com sua fluidez e calma e também com sua tempestuosidade. Ele pode ser tanto uma força criativa, quanto destrutiva. A imaginação ‘mitopoiética’ é a imaginação criadora de mitos, característica da mentalidade ancestral e reflete a estrutura arquetípica, pré-consciente da psiquê.

Na cultura tradicional Lakota, quando alguém busca um conhecimento ou uma informação, a fonte é procurada por meio dos rituais sagrados, que favorecem percepções extrassensoriais, consideradas comuns e frequentes.

Jung (2010) fala de memórias adormecidas do nosso passado ancestral, que são armazenadas nessa área do inconsciente coletivo e afirma que a mente tem habilidade para lembrar-se de tudo. Para Jung, terapia deve oferecer uma abordagem construtiva, facilitando o caminho para o *insight* do próprio paciente, definida como função transcendente ou curadora. A prática construtiva de Jung era reconectar o individual “com os deuses”, ou seja, com os arquétipos coletivos do inconsciente, ativando, assim, a função transcendente. Jung usou várias abordagens e técnicas diferentes para reconectar seus pacientes com os arquétipos vivenciados por meio de imagens, de sonhos, fantasias e símbolos, afirmando que estimular a criatividade tem um efeito profundamente terapêutico, promovendo um caminho de individuação. O processo terapêutico leva o paciente a descobrir o próprio centro psíquico. Quando o processo

arquetípico da função transcendente traz ao consciente um conteúdo anteriormente inconsciente a psiquê reencontra um equilíbrio saudável.

Jung (2010) vivenciou, pessoalmente, o fenômeno da imaginação mitopoiética quando decidiu explorar o próprio inconsciente, permitindo que uma corrente de fantasias e imagens surgissem enquanto estava fazendo um jogo de construção com pedras na beira de um lago. Ele mergulhou profundamente em si mesmo, descrevendo a experiência como uma viagem na extremidade de um abismo cósmico, sentindo que estava na terra dos mortos. Ali ele conheceu e conversou com os personagens bíblicos Elias e Salomé e com uma figura muito importante que se chamava Filemon. Jung conversava com ele e dava voltas pelo jardim discutindo questões filosóficas.

Do ponto de vista psiquiátrico biomédico, Jung estava conversando consigo mesmo, e Filemon era uma alucinação, um sintoma psicótico, semelhante aos delírios dos esquizofrênicos. De acordo com a estrutura do trabalho posterior de Jung sobre a psicologia analítica, Filemon pode ser denominado como uma imagem arquetípica do espírito presente no inconsciente coletivo, um conceito necessário na etnopsiquiatria para lidar com fenômenos típicos de visões, aparições e manifestações sobrenaturais.

O Hammer Museum apresentou o Livro Vermelho de C.G. Jung em um simpósio de psicólogos, no qual foi considerada a mais influente obra inédita na história da psicologia contemporânea por muitos estudiosos. Jung também considerava o Livro Vermelho como sendo seu trabalho mais importante, ou como ele descreveu, a "matéria-prima para o trabalho de toda uma vida", a sua alquimia pessoal (MAIDANA, 2012).

A figura de Filemon é a matriz da imaginação mitopoiética que foi suprimida da nossa era racional, embora essa imaginação esteja presente ainda, em todo canto, ela é temida e negada. Na matriz mitopoiética, os sonhos, como as visões, irradiam do centro arquetípico escondido do sentido. Jung acreditava que os sonhos, como vários sistemas de adivinhação, revelam realidades psíquicas e, às vezes, oferecem uma revelação profética. Tudo o que vem do inconsciente, seja uma ideia, imagem, seja ilusão, cria uma realidade psíquica. Imagem de sonhos ou imaginação ativa ou espíritos como Filemon não são, simplesmente, alucinações ou fantasias, a psiquê não se preocupa com as nossas categorias da realidade; para ela, tudo o que funciona é real. Nessa base funcional, Jung desenvolveu sua psicologia analítica para explorar a natureza da realidade psíquica.

Ampliando a percepção dos fenômenos extrassensoriais, o antropólogo Sidney Greenfield (2008), em seu livro *Spirits With Scalpels*, convida os leitores a acompanhá-lo em

uma aventura a uma terra onde os espíritos, incorporados em médiuns, cortam os pacientes com bisturis, faca de cozinha e até serras elétricas, para remover, às vezes com os próprios dedos, materiais infectos e tumores. As “cirurgias” são realizadas sem anestésicos e sem assepsia, e os pacientes não sentem dor, não desenvolvem infecções e se recuperam sem complicações. Greenfield afirma que, apesar de aceitar com naturalidade as práticas biomédicas, testemunhou formas de terapia que não podem ser explicadas em termos científicos tradicionais e se pergunta qual é a essência da relação entre a biologia e a cultura.

Depois de uma descrição de vários tipos de cura e de diversos métodos terapêuticos em todas as experiências religiosas populares brasileiras, incluindo igrejas católicas com seus santos populares, igrejas evangélicas, religiões afro-brasileiras, espaços espíritas, entre outros, Greenfield propõe uma nova abordagem biocultural para superar e transformar o paradigma cartesiano, um novo imaginário terapêutico que une corpo, mente e espírito. O autor observou que, quando estão doentes, os brasileiros buscam a medicina tradicional e, frequentemente, recorrem a espíritos e a outros seres supernaturais que pertencem às cosmologias dos diferentes grupos religiosos que competem entre si para captar adeptos. Todas essas experiências religiosas, em determinados espaços-tempos sagrados, prometem e realizam curas e rituais de alívio da dor e do sofrimento.

Para ASC, é muito importante conhecer as várias expressões da fé e da espiritualidade do povo, acolhendo-as como elemento fundamental do processo terapêutico e evolutivo da pessoa. A visão biopsicossocioespiritual fortalece todos os elementos da complexidade antropológica do ser em vista de um fortalecimento e de uma integração das várias dimensões; por isso, são necessárias uma abertura e uma tolerância em relação à diversidade de opções e de crenças dos participantes das várias atividades do MSM.

Demonizar ou discriminar a religião dos outros, além de ser um crime, segundo a legislação brasileira (BRASIL, 1997), é uma expressão de racismo estrutural que contribui para o desenvolvimento da Síndrome da Colonialidade Internalizada.

A grande contribuição de Greenfield é que, depois de ter observado os mais diversos fenômenos de cura em todas as várias expressões da religiosidade brasileira, chega a uma brilhante conclusão com a ajuda do psicólogo americano Ernest L. Rossi (1993), autor do livro “The Psychobiology of Mind-Body Healing”. Buscando uma explicação científica dos vários tratamentos considerados anômalos ou até impossíveis, proporcionados durante os vários rituais, Greenfield considera a psiconeuroimunologia, que combina psicoterapia com a fisiologia imunológica, um caminho interessante em busca das explicações desses fenômenos.

Ele propõe um novo imaginário para as ciências da cura baseado em um dispositivo de inter-relação e interação entre dois sistemas, compostos de subsistemas, chamados corpo e mente, até então considerados separados e distintos, na visão científica tradicional.

Rossi (1993, p. 27), por meio do trabalho de Bowers (1977, p. 231), explica que o corpo humano pode ser observado como uma rede de sistemas informacionais: genético, imunológico, hormonal etc. Esses sistemas têm seus próprios códigos, e a transmissão de informação entre eles precisa de um tradutor que permite ao código de um determinado sistema ser traduzido para o código de outro sistema. A mente, com a sua capacidade de simbolizar em formas linguísticas e extralinguísticas, pode ser considerada como um meio para codificar, processar e transformar informações intrapessoal e interpessoalmente; se o processamento e a transmissão da informação são comuns entre a psique e o soma, o problema corpo-mente pode ser reformulado como segue: como a informação recebida e processada no nível semântico, traduzida em uma outra informação pode ser recebida e processada no nível somático e vice-versa? Rossi afirma que o sistema límbico hipotalâmico seria o tradutor principal e que existem evidências do fluxo de informações da psique para os outros sistemas, como o sistema nervoso autônomo, endócrino, imunológico e neuropeptídico.

Rossi conduziu um estudo na Venezuela com crianças asmáticas, divididas em dois grupos. O primeiro grupo foi acompanhado com exercícios de imaginação criativa, relaxamento, terapia da autoestima; e o segundo grupo recebeu a atenção médica tradicional. Os resultados mostraram que, no primeiro grupo, o número de crises asmáticas e o uso de medicação foi, significativamente, reduzido, com uma melhora evidente da função pulmonar e uma redução da resposta alérgica. No segundo grupo, nada disso foi observado. Foram citados muitos outros experimentos e pesquisas que confirmaram a importância dos fatores socioculturais na questão da doença e da cura.

Rossi (2002-2001) afirma que recentes teorias e pesquisas em neurociência enfatizam que as características naturais inatas e as características adquiridas na experiência ou no comportamento estão sempre interagindo no processo de comunicação psicobiológica, por meio das dinâmicas psicossociais da expressão genética. Em uma série de artigos que tentam integrar a psiquiatria com o desenvolvimento dos estudos do cérebro e da genética, Eric Kandel (1999-1998) escreve que a regulação da expressão genética diante dos fatores sociais faz que as funções do corpo, como aquelas cerebrais, são sensíveis às influências sociais, que serão incorporadas biologicamente na alteração da expressão de genes específicos em células específicas de regiões específicas do cérebro. Essas alterações advindas por influências do

contexto social são, em seguida, transmitidas geneticamente. Nos seres humanos, a modificação da expressão genética, mediante a aprendizagem, é particularmente efetiva e gerou um novo tipo de evolução: a evolução cultural. A capacidade de aprender é tão altamente desenvolvida nos seres humanos que a humanidade muda mais por causa da evolução cultural do que por causa da evolução biológica (KANDEL, 1998).

Neste ponto, Greenfield (2008) se pergunta quais são os mecanismos que permitem o repasse das informações simbólicas da cultura e sua interação com as instruções transmitidas geneticamente para se converter, em seguida, em comportamentos sociais. A primeira resposta é que a informação flui, e o organismo humano é capaz de captá-la; a segunda é que uma classe de genes chamados *immediate-early* ou *primary response genes* seriam os mediadores específicos entre os comportamentos aprendidos no contexto psicocultural e todos os outros genes. Rossi (1998) explica que os *immediate-early genes* são ativados e desativados a cada segundo das nossas vidas em resposta às moléculas hormonais mensageiras que carregam informações importantes para o nosso processo de adaptação ao ambiente. Todo tipo de estímulo: comida, temperatura, sexualidade, estresse psicológico, trauma físico, toxinas, gerados no ambiente serão captados pelos genes induzindo-os, em poucos minutos, a um aumento da concentração genética, resultando, em uma ou duas horas depois, na formação de novas moléculas. Essas novas proteínas podem provocar mudanças no sistema nervoso central, convertendo a memória recente em aprendizagem duradoura (TULLY, 1996). Este ambiente não específico do indivíduo, que experimenta ativação e desativação de genes, inclui todos os eventos culturais.

As culturas, como Greenfield mostrou em seu livro, descrevendo kardecistas, católicos populares, umbandistas, pentecostais, candombleiros, possuem cosmovisões que incluem a compreensão do que existe e o que tem efeitos eficazes sobre a vida individual. Os símbolos sagrados sintetizam o tom, o caráter, a qualidade da vida, o estilo moral e estético; assim como as crenças religiosas e as práticas de grupo sintonizam as ações humanas para o aumento da harmonia cósmica. Essas crenças são algo mais que superstições, e, focando na informação que pode ser traduzida no cérebro de alguém que as aceita, essas informações podem ser traduzidas em produção de células e genes; e poderíamos, assim, descobrir que a crença e os rituais religiosos podem induzir à produção de células do sistema imunológico capazes de intervir no processo de cura de uma doença psicossomática. Segundo Kulcsar (1989, p. 70), os cantos monótonos, o jejum, as danças e os mantras criam uma condição sensorial e uma ampla abertura para o supernatural. E não é só questão de técnicas fisiológicas, o que é indispensável é a crença

absoluta do sujeito em um universo espiritual que ele deseja conhecer misticamente (ELIADE, 1976, p. 85).

Sargant (1997), em seu livro “Battle for the Mind: A physiology of conversion and brain-washing”, afirma que essas crenças podem ser manipuladas e usadas por diferentes grupos políticos, sociais ou religiosos para “converter” os adeptos e aumentar, proselitisticamente, o número das “ovelhas do rebanho”.

Este tipo de *brain washing*, induzido pelas *fake news* e pelo negacionismo, alimenta um “gado” submisso, obediente e fundamentalista, que pode, com convicção religiosa, pregar a subversão das instituições democráticas, a apologia da tortura e o uso indiscriminado de armas.

A Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC), do ponto de vista ético, visa ao empoderamento, à autonomia, à autorrealização e à liberdade de expressão da pessoa; por isso, sempre são oferecidas técnicas e vivências para fortalecer as crenças pessoais, sem cair na ambiguidade de usar a vulnerabilidade das pessoas para convencê-las sobre “verdades” e convertê-las a sistemas de pensamentos considerados melhores. Frequentemente, encontramos pessoas que foram condicionadas a pensar a dimensão transcendente como algo assustador, perigoso, aterrorizante, com figuras sagradas prontas para a retribuição divina de ações e comportamentos errados (MURDOCK, 1980).

Muitas vezes, o substrato de muitas patologias psicológicas e psiquiátricas se enraíza no medo e na culpa, gerados por sistemas religiosos condicionantes e repressores. O objetivo da ASC é gerar um relacionamento baseado na percepção do transcendente como amor incondicional, vivenciando o espaço-sagrado para a construção de um mundo pacífico e justo. Portanto, com Greenfield, acreditamos no papel positivo dos rituais de cura que podem transformar-se em procedimentos terapêuticos complementares, que podem suplantar a dor, combater infecções e converter o sofrimento existencial em novos comportamentos e em sabedoria, identificando, segundo o modelo de Rossi, um denominador comum entre a medicina ocidental tradicional e as abordagens holísticas, xamânicas, espirituais, que se baseiam em sistemas de crenças e culturas bastante especializadas e cosmovisões (ROSSI, 1993).

Estudiosas como Bourguignon (1977) demonstraram que a maioria dos seres humanos entra em estados alterados de consciência regularmente durante os rituais religiosos, e, em uma amostra de 488 grupos sociais, verificou-se que quase 90% mostraram evidências de comportamentos parecidos com o transe religioso. O psicoterapeuta brasileiro David Akstein, citado por Greenfield (2008), reconheceu o papel do transe e dos estados alterados de consciência nas práticas de cura das religiões populares brasileiras e escreveu sobre a

“terpsichoretrance”¹⁷, demonstrando um nível de inibição do córtex cerebral que facilita a sugestionabilidade e que tem um profundo e intenso efeito terapêutico nos participantes (AKSTEIN, 1977, p. 221).

Em seguida, Greenfield (2008) apresenta a experiência de Milton Erickson que observou, em seus trabalhos, que, durante uma sessão terapêutica, que durava mais de 90 minutos até duas horas, era perceptível uma mudança significativa na consciência e no estado de ser dos pacientes (ROSSI; ROSSI, 1996). Erickson chamava esse período de transe comum do dia a dia, descrito como tempo de abertura e vulnerabilidade às influências externas e de maior aceitação das sugestões propostas. A hipótese surpreendente de Rossi é que este ciclo de 90, 120 minutos da sessão terapêutica, é exatamente o tempo necessário para que se inicie o ciclo de produção de proteínas estimulado pela expressão genética no nível de “psychosocial genomics” considerada a base molecular do processo de cura mente-corpo.

No livro de *The Psychobiology of Mind-Body Healing* (1993), Rossi afirma que, quando uma pessoa acredita em algo, isso a ajudará a transformar a crença em informação que pode ser traduzida e ativar outros sistemas do corpo até o nível de células e genes, exatamente como os remédios farmacêuticos funcionam. Portanto, Greenfield (2008) conclui que existem evidências consistentes que sustentam a ideia de que, durante sessões terapêuticas espirituais, que demoram de 90 para 120 minutos, pode acontecer a tradução de informações que, do nível simbólico, passam para o nível psicofisiológico, favorecendo o processo de cura, ativando o sistema imunológico e outros sistemas biológicos que podem amenizar a dor física e o sofrimento psíquico.

Essas evidências permitem valorizar todas as PICS e as vivências socioterapêuticas usadas na ASC e fornecem uma maior consciência dos efeitos que são visíveis nas mulheres deste estudo. No MSM, vivenciaram experiências de autoconhecimento, autoaceitação e fortalecimento da autoestima. Esta experiência de *healing the illness* gerou uma transformação que abriu novos caminhos de autorrealização.

¹⁷ Terpsichore Trance Therapy, a New Hypnopsychotherapeutic Method' (Akstein, 1973). In this article, Akstein described how he had translated the ritual trance practices of the Umbanda- and Candomble- religions of Brazil into a more Western form of hypnotic psychotherapy. This method, called Terpsichore Trance Therapy (TTT) after Terpsichore, the Greek muse of the dance, involved concentration on a desired state ('mono-ideism'), followed by hyperventilation and extatic dancing on fast drum rhythms. Furthermore, we could verify, as Akstein had stated, that during a TTT session a large number of known trance phenomena occurred, ranging from sensory distortion and age regression to dissociation and posthypnotic amnesia.

Arnold Mindell (2007) traz uma questão instigadora se perguntando: quais são as forças inexplicáveis que governam ou dirigem as nossas vidas? É a psicologia, a física ou o xamanismo? A genética, nossos sonhos, os eventos externos ao mundo humano ou o cosmos?

Para responder a essas questões, o autor explora, transdisciplinarmente, conhecimentos de várias ciências, das crenças dos aborígenes e experiências xamânicas. Resume a sua proposta em um conceito fundamental que ele chama de *path awareness* (estar consciente do caminho a trilhar). Ele descreve sobre uma “habilidade inata” para buscar a direção, a capacidade de sentir e perceber para onde ir em determinados momentos de nossa vida. Ele encontrou analogias de *path awareness* nas partículas elementares físicas estudadas por Richard Feynman, no Taoismo de Lao Tsé e no xamanismo do mestre Don Juan (CASTANEDA, 2013), mas, sobretudo, nos costumes antigos dos nosso ancestrais. Nessa mistura de racionalidade, sentimentos e estados alterados de consciência, Mindell procura definir as bases de uma *hearth-based psychology* aplicável na solução de problemas pessoais, relacionais, organizacionais e questões mundiais. Os aborígenes falavam de *path awareness* em termos dos deuses das quatro direções e na geometria das pinturas de areia. Einstein falava da mente de Deus e da geometria do espaço-tempo. Mindell mostra como os ensinamentos de Don Juan estão conectados com as formulações da física quântica de Feynman, chegando à conclusão de que aquilo que acontece com as partículas elementares também pode acontecer com as pessoas.

A ASC é uma simples tentativa de compreender como as forças, presentes nos sistemas vivos das pessoas, da comunidade e da sociedade, podem, de alguma forma, se unir e, em um processo coletivo solidário, criar as condições para gerar novos caminhos, novos *paths awareness*, valorizando todos os recursos presentes nas raízes ancestrais, crenças, cosmovisões, diferentes expressões da espiritualidade, distintas visões políticas, ideológicas, de gênero, ecológicas. Nesta complexidade, existe um fio condutor: a busca de relacionamentos, baseada no amor, no respeito recíproco e na solidariedade.

A autopoiese comunitária, que resulta dessa complexa interação de forças humanas, naturais e supernaturais, gera novas maneiras de ser e de lidar com a realidade. Uma nova autoconsciência que permite ao ser humano orientar-se para o verdadeiro sentido da vida, à medida que, conectado à família, à comunidade e ao contexto sociocultural e ecológico em que vive, recria-se comunitária e continuamente, seguindo, instintivamente, a luz que clareia o caminho. Um processo sintrópico que leva o ser humano, espontaneamente, a buscar o aperfeiçoamento e a evolução biopsicossocioespiritual, contribuindo para a evolução ecofílica da natureza e do planeta.

A interação dos três pilares da ASC no contexto comunitário do MSM, caracterizado por seus valores e crenças, a sua missão e a sua história, gera uma espécie de campo mórfico (SHELDRAKE, 2013), que manifesta a emergência de novas soluções, novos caminhos para a evolução pessoal, comunitária e social.

Figura 22 – ASC: a Emergência de novas soluções.



Fonte: (MSM, 2019, p. 28).

4 POR ONDE EU ANDEI, QUE CAMINHO PERCORRI E QUEM ESTAVA COMIGO

A partir deste momento, passarei da primeira pessoa do singular para a primeira pessoa do plural. Troco o *Eu* pelo *Nós*, já que este estudo não pode ser considerado como obra de uma pessoa só; e nem poderia, já que está baseado nos fundamentos teóricos e epistemológicos da Abordagem Sistêmica Comunitária que se desenvolveu na práxis do MSM, e que já conta com mais de 26 anos de experiência, sendo uma experiência decolonial em essência. Esta é uma pesquisa aplicada, que visa aos novos conhecimentos dirigidos à solução de problemas específicos, aplicáveis no campo prático. Segundo Barros e Lehfeld (2000, p. 78), a pesquisa aplicada precisa “contribuir para fins práticos, visando à solução mais ou menos imediata do problema encontrado na realidade”.

Gil (1991) afirma que, embora as pesquisas geralmente apontem para objetivos específicos, estas podem ser classificadas em três grupos: estudos exploratórios, descritivos e explicativos. Do ponto de vista de seus objetivos, este trabalho se caracteriza como pesquisa exploratória, que, segundo Gil (1991, p. 46), visa “proporcionar maior familiaridade com o fenômeno estudado para evidenciar as suas peculiaridades e, assim, construir hipóteses e definir conceitos”. A pesquisa exploratória envolve levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que tiveram ou têm experiências práticas com o problema pesquisado; assim como a apresentação de exemplos que estimulem a compreensão, assumindo, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudo de caso.

Lakatos e Marconi (2008, p. 86) apresentam três finalidades da pesquisa exploratória: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o contexto, o fato ou o fenômeno pesquisado para realizar, no futuro, pesquisas mais aprofundadas e clarificar conceitos. Assim, a pesquisa exploratória parte de processos de investigação cujos objetivos são identificar antecedentes de campos teóricos (como nesta pesquisa, considerado o processo de decolonização) (SANTOS, 2021; SOUZA, 2021), que contribuirá para elucidar os aspectos gerais e específicos do fenômeno investigado (metamorfose existencial) (DU BOIS, 2021). Essa modalidade de pesquisa tem como objeto de investigação documentar experiências científicas relacionadas às hipóteses e às teses levantadas sobre o objeto pesquisado, além de contribuir com inovações, como as que se levantam aqui sobre a “autopoiese” no contexto da Abordagem Sistêmica Comunitária.

Estudada, também, no campo de investigação dos fenômenos humanos (GIL, 1991), importantes para quem trabalha com comunidades, a investigação exploratória colabora com

os estudos que lhes servem de bases investigativas, fornecendo-lhes outras possibilidades de entendimentos de fenômenos até então pensados e investigados sobre paradigmas e axiomas hegemônicos (SANTOS, 2021; SOUZA, 2021).

Na pesquisa qualitativa, também é muito importante o vínculo entre teoria e práxis e, às vezes, por excesso de práticas, fica difícil manter uma reflexão teórica e, epistemológica, com o processo das ações. No ensaio “Análise Qualitativa: teoria, passos e fidedignidade”, Maria Cecília Minayo (2012) busca aprofundar a reflexão sobre o processo de análise na pesquisa qualitativa. O verbo principal da análise qualitativa é compreender, exercendo a capacidade de se colocar no lugar do outro. Uma empatia subjetiva e contextualizada no processo histórico e cultural da pessoa. Em seguida, lembrando Gadamer (1999), observa-se que a interpretação deve ir além dos entrevistados e surpreendê-los, pois, quando eles deram seus depoimentos, não tinham consciência de tudo o que seria possível compreender.

4.1 Nosso cenário

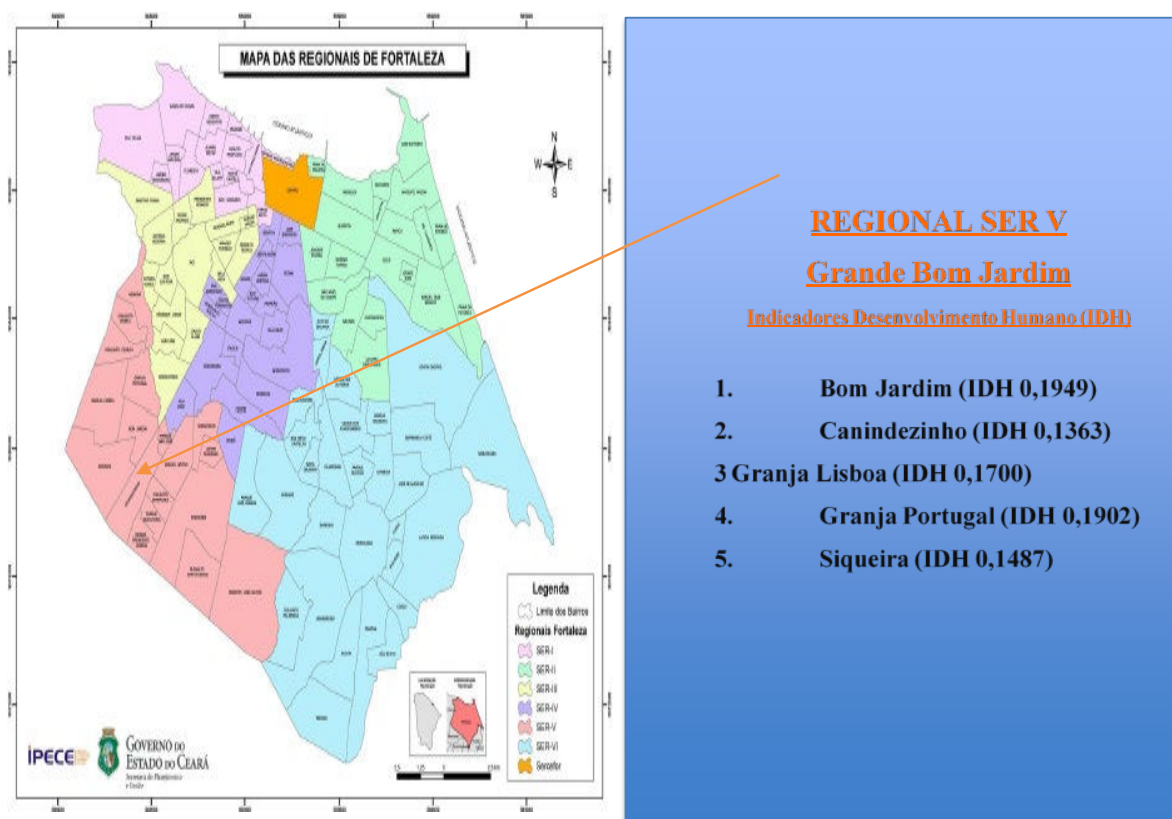
Como já mencionado, esta pesquisa foi conduzida no MSM, que, nos últimos anos, chegou a atender, anualmente, em média, 4,7 mil pessoas com cerca de 169 mil atendimentos/ano diversificados em ações sociais, culturais e terapêuticas, entre grupos fixos de pessoas e atendimentos pontuais nos vários projetos desenvolvidos por meio da Abordagem Sistêmica Comunitária. Esse expressivo número de atendimentos se dá, especialmente, pela incorporação do CAPS Comunitário ao leque de ações do MSM, a partir do dia 11 de novembro de 2005.

Inicialmente, os usuários das atividades do MSM eram, principalmente, os habitantes do bairro do Bom Jardim. Posteriormente, o êxito das atividades, o reconhecimento da população e a difusão pela mídia contribuíram para a expansão da área de abrangência da OSC, levando os seus espaços a acolherem pessoas dos bairros adjacentes e, em seguida, utentes advindos de toda a cidade. Hoje, há, também, o atendimento a parentes e amigos de usuários que vivem no interior do Ceará e em outros estados, além da acolhida a um segmento da população indígena, aldeados nos municípios vizinhos de Maracanaú e Pacatuba. Este trabalho sistematiza os pressupostos teóricos e metodológicos que fundamentam as atividades do Movimento Saúde Mental (MSM), compreendendo, simultaneamente, as atividades socioterapêuticas da Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC) e o processo evolutivo das mulheres participantes do estudo.

O território do Grande Bom Jardim, onde se iniciaram as ações do MSM, está localizado a sudoeste de Fortaleza, Ceará, na Secretaria Executiva Regional V¹⁸. A área de 18.700 hectares e extensão inclui cinco bairros: Granja Lisboa, Granja Portugal, Canindezinho, Siqueira e Bom Jardim. O número de habitantes do Grande Bom Jardim é de 204.281 mil habitantes, sendo a maioria de idade entre 0 e 29 anos (IBGE, 2010).

Apesar da presença de dezenas de associações comunitárias, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), segundo os dados do Anuário do Ceará de 2020, está entre os piores do Brasil (ANUÁRIO..., 2010) (Figura 23).

Figura 23 – Mapa das Regionais de Fortaleza: Grande Bom Jardim – IDH



Fonte: Anuário do Ceará (2010).

Em 1996, quando se iniciaram as primeiras atividades do MSM, o problema da saúde nas comunidades de baixa renda do Grande Bom Jardim era caracterizado por várias carências e limitações, com um número reduzido de postos de saúde e hospitais, que, inclusive, não

¹⁸ Disponível em: <https://www.anuariodoceara.com.br/noticias/novo-mapa-de-fortaleza-tera-aumento-de-regionais-de-7-para-12/> acessado 23/08/2022 A Regional V está sendo reorganizada no novo plano de regionalização com 12 regionais. Regional XII– Território 39: Bom Jardim, Bonsucesso, Siqueira, Granja Portugal e Granja Lisboa. Uma parte importante do GBJ foi separada na nova Regional X – Território 34: Canindezinho

davam conta da demanda. O sofrimento e os problemas psíquicos apresentavam-se em pessoas abaladas pelos grandes desafios da periferia como problemas financeiros, desarmonia familiar, altos índices de violência, e o mais grave: a perda da esperança por uma vida melhor. Um número sempre maior de pessoas apresentava sintomas depressivos, angústia, ansiedade, estresse, desânimo, ataques de pânico e fobias. Naquela época, a única perspectiva era o atendimento nos hospitais psiquiátricos, e o mais frequentado Hospital de Saúde Mental de Messejana, que evocava a referência ao estigma e ao processo de exclusão das pessoas que vivenciam um transtorno psiquiátrico.

Então, percebemos a importância de se criar um espaço de acolhimento terapêutico comunitário, e foi assim que nasceu o Movimento Saúde Mental. A questão específica atinge diretamente as pessoas como os transtornos mentais, causados pela estressante vida urbana que, até então, era entendida como uma demanda secundária se comparada à emergência de outros problemas sociais. Mas tudo está interligado, e a falta de respeito aos direitos humanos, por exemplo, termina gerando problemas de todo tipo nas pessoas, inclusive, o aumento de transtornos mentais. Daí a necessidade de uma atenção específica nesse campo. De fato, isso vai ser reconhecido muitos anos depois do trabalho iniciado no Grande Bom Jardim, quando a perspectiva da Abordagem Sistêmica Comunitária vai esclarecendo a importância da extensão das atividades para outras áreas do desenvolvimento humano, como o resgate da autoestima, a formação acadêmica, a prevenção à dependência química, o ingresso no mercado de trabalho e a geração de emprego e renda, o desenvolvimento das inteligências artísticas e o fortalecimento da identidade étnica, entre outros.

4.2 Sobre as mulheres participantes, entrevistas e análises

Participaram desta pesquisa 15 mulheres com idade entre 27 e 61 anos com histórias de vida ricas em informações (YIN, 1994). Todas foram participantes das atividades socioterapêuticas realizadas no Movimento Saúde Mental (MSM), no bairro do Grande Bom Jardim, na Regional V, periferia de Fortaleza, Ceará em épocas diferentes desde 1996 até 2020. Para serem incluídas na pesquisa, as mulheres aceitaram o convite de partilhar a experiência vivenciada por meio da ASC, mediante entrevistas que foram realizadas na sede do MSM a partir de março de 2021. As entrevistas semiestruturadas com roteiro em anexo (APÊNDICE A), foram filmadas, gravadas e transcritas na íntegra. Todas foram conduzidas por uma mesma colaboradora da pesquisa, que permitiu ao autor captar as preciosas informações advindas da comunicação não verbal das participantes. O autor participou como observador das mulheres

entrevistadas anotando as informações no seu diário de campo. A partir desse momento, a experiência da escuta atenta e empática favoreceu a percepção dos efeitos emocionais da Síndrome da Colonialidade Internalizada.

Neste conjunto de mulheres, a maioria era afrodescendente, duas se definem como indígenas, e as demais como pardas. A maioria dessas mulheres não tinha emprego ou renda fixa, e cinco delas tinham uma renda de até três salários-mínimos. Quanto à escolaridade, duas mulheres cursaram apenas o ensino fundamental, três terminaram o ensino médio e dez finalizaram o ensino superior. Todas elas se definem como heteroafetivas, mas a maioria sem um relacionamento conjugal estável.

Como critério de exclusão, não puderam participar mulheres menores de 18 anos e residentes fora da Regional V e mulheres que nunca participaram das atividades do MSM.

A Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC) tem proporcionado, desde 1996, uma série de atividades socioterapêuticas ao serviço da população de baixa renda e excluída do Bom Jardim. A sua metodologia é complexa e interdisciplinar, e desenvolve as várias dimensões da pessoa, considerando o ser humano como biopsicossocioespiritual. Essa complexidade pode ser observada e avaliada considerando as várias reações e manifestações provocadas pelo processo autopoietico comunitário, gerado nos grupos das atividades socioterapêuticas (MSM, 2019).

As informações coletadas nas entrevistas com as informantes-chave, a observação dos acontecimentos, o acesso ao acervo de entrevistas com profissionais envolvidos no desenvolvimento da metodologia socioterapêutica, artigos, trabalhos acadêmicos, histórias de vida, vídeos e outras fontes de coleta de dados completam as informações qualitativas necessárias para moldar um quadro em que emergem temas, padrões e sentidos involucrados nas vivências das participantes da pesquisa. Isso pode proporcionar uma validação e uma confirmação dos efeitos da ASC mais consistentes e realísticos.

Foram realizadas entrevistas narrativas, orientadas por um roteiro semiestruturado (APENDICE A). Também foi realizado um diário de campo para fins da observação participante. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APENDICE B) de acordo com os aspectos éticos previstos.

4.3 Analisando e Interpretando

A estratégia escolhida neste trabalho para a análise e o tratamento das informações é a Análise de Conteúdo (AC) na modalidade temática (MINAYO, 2006; BARDIN 2016), por meio da lupa teórica da Abordagem Sistêmica Comunitária e dos estudos decoloniais, tomando

como referência para a dimensão operacional da pesquisa, a investigação desenvolvida no bairro do Grande Bom Jardim, nos espaços terapêuticos do Movimento Saúde Mental.

Para Minayo (2006), uma pesquisa se divide em três fases: 1) a fase exploratória, 2) a coleta dos dados e 3) a análise dos dados. A Análise de Conteúdo (AC) recolhe vários recursos técnicos para avaliar os dados coletados, como os questionários, as entrevistas, as mensagens escritas ou transcritas depois da gravação. Minayo considera vários tipos de AC: de expressão, das relações, de avaliação, de enunciação e a categorial temática.

A Análise de Conteúdo visa identificar os núcleos de sentido que emergem na percepção da comunicação, tentando captar a comunicação não verbal, o não dito, o analógico que está presente atrás de um silêncio, de uma pausa, de uma repetição, de uma variação do tom da voz, ou uma dupla comunicação entre o falado e o expressado na comunicação corporal (MINAYO, 2006).

Para Bardin (2016), a Análise de Conteúdo “é um conjunto de técnicas de análise de comunicação, visando obter a descrição do conteúdo das mensagens, e indicadores quantitativos ou não, que permitam conhecimentos relativos ao tema em estudo”; além disso, visa perceber sinais ou signos que codificam o sentido presente nas falas dos participantes da pesquisa e que permitem reconhecer, prever e conhecer o objeto que está sendo trabalhado, observa-se se podem usar questionários de cunho mais quantitativo ou individuar modelos e padrões presentes nas informações recebidas na comunicação.

Para alcançar a finalidade e o propósito da AC, é necessário livrar-se do óbvio, do resultado desejado e não objetivamente presente, superar o “achismo” e as interpretações limitantes. A extração de inferências e de deduções que alimentam o sentido profundo presente nas informações recebidas pode sustentar e fortalecer os resultados esperados. Por meio do tratamento das informações encontradas nas entrevistas utilizando a análise de conteúdo AC, foi possível identificar núcleos de sentido que determinaram categorias emergentes das experiências de mulheres participantes das atividades socioterapêuticas e núcleos de sentido relacionados aos desafios enfrentados.

Tabela 1 – Núcleos de sentido relacionados aos desafios enfrentados.

NÚCLEOS DE SENTIDO	SUBCATEGORIAS
AUTOCONHECIMENTO AUTOACEITAÇÃO AUTOESTIMA AUTONOMIA AUTORREALIZAÇÃO	DESPERTAR: Sentimento de pertença, <i>Ubuntu</i> (eu sou porque nós somos) <i>Mitakuye Oyasin</i> . (somos todos parentes) Amor-próprio, espiritualidade Autovalorização, reconhecimento Autodeterminação, empoderamento, segurança Aprendizado, oportunidades, sonhos e propósitos realizados
TRANSFORMAÇÃO – METAMORFOSE ESTRUTURAL	
BARREIRAS E DESAFIOS (pontos que podem desfavorecer a participação na ASC)	Síndrome da Colonialidade Internalizada: sintomas depressivos e de transtorno pós-traumático de estresse, angústia, dor, sofrimento, vergonha, pobreza, racismo, exclusão e isolamento social, submissão, subalternidade, invisibilidade social, abuso, violência, falta de reconhecimento, condicionamentos familiares e sociais, falta de conhecimento e de informação. Questões de gênero e “coisificação” das mulheres

4.4 *Belittling*: um olhar por novos espelhos

A cultura dos Lakota Sioux apresenta vários símbolos, mitos e rituais que alimentam o caminho do autoconhecimento. O encontro consigo mesmo é necessário para que o verdadeiro guerreiro possa trilhar o Caminho Vermelho, que leva ao real sentido e propósito da vida e ao encontro com o Sagrado (ROSS, 1998).

O verdadeiro guerreiro ou guerreira, na cultura Lakota, não se limita a participar de uma guerra para defender o próprio povo, mas, sobretudo, ao sentido mais profundo de ser guerreiro, que é cuidar dos mais frágeis, vulneráveis, necessitados e, especialmente, das crianças e dos idosos (ROSS, 1998).

Para descobrir a própria missão e realizar os próprios sonhos, o jovem Lakota procura o ritual da Busca da Visão: quatro dias isolado na montanha, sem beber e sem comer, levando o Cachimbo Sagrado como instrumento para poder falar com Deus Pai Tunkashila, Criador do Universo. Este momento de silêncio e de isolamento, rezando e pedindo a Deus, fervorosamente, a busca de uma visão, favorece e proporciona experiências extrassensoriais que serão devidamente interpretadas pelos homens e pelas mulheres sagradas que conservam a sabedoria e os conhecimentos ancestrais para uma hermenêutica que traduz, na cotidianidade, o sentido mais profundo das vivências místicas (NEIHARDT, 2000).

Para chegar realmente ao encontro consigo mesmo, é necessário parar, olhar-se e espelhar-se em sua própria essência. Um olhar para dentro em que o indivíduo possa-se encontrar, se perceber, se decifrar.

Ao longo deste estudo realizado com um grupo de mulheres participantes do Movimento Saúde Mental, os resultados encontrados trouxeram núcleos de sentido que deram voz às experiências ricas, percebidas por 15 mulheres por meio das propostas socioterapêuticas sugeridas com a Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC) em um período mínimo de seis meses. Foram destacadas 05 categorias pela Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) bem evidenciadas como: Autoconhecimento, Autoaceitação, Autoestima, Autorrealização e Autonomia.

Para cada experiência categorizada, foram detectados sentidos, signos e significados que se relacionavam com vários assuntos que o processo de colonialidade determina na realidade das periferias brasileiras como: exclusão, exploração, marginalização, preconceitos (*belittling*), relacionamentos abusivos, miséria, racismo e discriminação de gênero.

Nas vivências terapêuticas, depois de um longo trabalho de silêncio, auto-observação e paciência, é possível alcançar uma nova consciência da própria verdadeira essência. Como em um corredor de vários espelhos, que permite a percepção de imagens distorcidas e reduzidas, finalmente, a pessoa consegue escolher o espelho ideal que traz a autoimagem autêntica, que corresponde a seu verdadeiro ser; o primeiro passo para superar a Síndrome da Colonialidade Internalizada; superar a sensação de ser inferior, reduzida, diminuída; ser feliz.

Para além das categorias emergentes, percebe-se a experiência nas falas das participantes, com a intensidade dos sentimentos e das emoções vivenciadas.

4.5 Sobre os aspectos éticos

Essa pesquisa atende aos critérios da Resolução MS nº 510/2016. O estudo foi submetido ao Comitê de Ética da Pesquisa da Universidade e obedecerá às regras estabelecidas pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e pela Declaração de Helsinque, que estabelecem normas para os procedimentos éticos em pesquisas envolvendo seres humanos.

Toda as participantes entrevistadas foram, previamente, informadas dos objetivos do estudo; foram assegurados o anonimato e a possibilidade de desistência. A fim de assegurar o anonimato, as participantes estão identificadas com o nome simbólico de uma erva perene. Todas assinaram o TCLE antes de participar de quaisquer momentos do estudo. O estudo está inserido no projeto de pesquisa aprovado pelo CEP/CONEP com CAAE: 13535413.3000.5054.

5 DECOLONIZAÇÃO DA SAÚDE MENTAL (Síndrome da Colonialidade Internalizada (SCI))

A Abordagem Sistêmica Comunitária é uma metodologia socioterapêutica multidisciplinar que integra os saberes e as bases teóricas de várias fontes como a psiquiatria, a antropologia, a terapia familiar, entre outras. A finalidade principal dessa abordagem é favorecer um processo evolutivo da pessoa inserida em seu contexto moral, local e social, que também evolui com os progressos do sujeito (KLEINMANN, 1980).

Um dos maiores obstáculos para a evolução biopsicossocioespiritual de uma mulher que vive uma realidade condicionada pelos indicadores de desenvolvimento humano entre os piores do mundo é a influência de um conjunto de sintomas e de atitudes que poderia ser denominado como Síndrome da Colonialidade Internalizada (SCI).

Eu acho que é aquela síndrome de que diz assim: eu nasci assim, eu cresci assim e vou morrer assim né, não se vê capaz de estar num lugar, que ela não se enxerga naquele lugar, por exemplo, na universidade, quando eu entrei, eu mesma, de certa forma até me excluía, porque eu não participava, não era daquele ambiente ali, de muitos filhinhos de papai que eu vi ali né[...]é porque as pessoas, de certa forma, absorvem aquilo, que se você é pobre, você vai morrer pobre né, você não tem meio de conseguir ascender socialmente e profissionalmente porque você nasceu ali, você é da favela, você é da periferia, você é da comunidade, então você vai ficar lá, não se enxerga em outro lugar, apesar de ter capacidade, inclusive quando chega as oportunidades muitos nem aproveitam porque não se acham capazes não preparam eles mentalmente e nem emocionalmente de que aquele lugar é deles, pertence a eles, a universidade é pública (PAPOULA, p. 6).

A falta de autoestima, de autonomia, de confiança, de autorrespeito e a usança de não se sentir reconhecida geram uma sensação de não merecimento e de indignidade (FANON, 2020). A Síndrome da Colonialidade Internalizada oriunda do racismo destrói, reprime e nega o bom, o belo e o verdadeiro da essência da pessoa. (SOUZA, 2021). Paralisa a emancipação e leva a pessoa a se conformar com uma condição de desigualdade como se fosse justo ou normal, uma aceitação da inferioridade que provoca atitudes de submissão, subalternidade, docilidade e resignação (SANTOS 2021).

[...] perceber que, na periferia, é mais difícil crescer, evoluir, porque as oportunidades são diferentes em primeiro lugar, mas quais são as crenças que as jovens têm e que impede de evoluir, bloqueia, escraviza, o que você acha que passa na cabeça das pessoas quando estão enfrentando um resultado, uma oportunidade e não acata essa oportunidade... (PAPOULA).

Neste estado de repressão e dominação, a pessoa se acostuma a conviver com a humilhação cotidiana, que pode chegar ao ponto de deixar uma mulher se sentir como a Geni de Chico Buarque na obra “O Malandro”, aceitar um processo de coisificação, um objeto que

satisfaz as necessidades alheias; ela aceita ser tratada como um animal. A manipulação hipócrita da sociedade orientada pelos valores colonialistas considera a pessoa em função da sua utilidade, pode condenar, julgar ou agredir de acordo com o contexto considerado imoral ou pode considerar a mesma pessoa importante, essencial, e até endeusá-la, se essa imoralidade é funcional a uma vantagem desejada (SOUZA, 2021).

[...] no relacionamento que eu tive né, que é o pai da minha filha, era um relacionamento abusivo né e chegava a ser um doença minha esperar alguém ligar, esperar alguém responder né e ficar naquela expectativa e aquela guerra psicológica né, de não responder, de ler não responder, essas questões de comunicação mesmo né, e aí eu entendi que eu valia muito mais do que aquilo né, e eu me valorizei como mulher tanto que eu consegui terminar esse relacionamento que era muito abusivo né, era um relacionamento de ter, adoecedor né, que eu acho, inclusive, que parte do que eu estava vivendo né, e tratando tinha muito sim a ver com essa relação né que eu tive e através desse empoderamento eu consegui romper e não me faz falta né, uma relação doente não me faz falta, então eu me tornei até mais exigente né, porque um menor sinal de abuso psicológico ou de algo tóxico eu já me afasto e não deixo, eu me protejo (ZINIA).

Obviamente, esta condição de insatisfação não gera o prazer de viver e, frequentemente, é associada a sintomas de ansiedade e depressivos, favorecendo o isolamento social e a falta de perspectivas. Frequentemente, a baixa autoestima está associada a uma incapacidade de perceber os próprios talentos e potenciais que anulam a autoconfiança necessária para enfrentar novos caminhos de crescimento profissional e acadêmico (FANON, 2020).

Mas por que uma mulher chega a esse nível de sofrimento invisível sem reagir? Qual é a causa dessa renúncia a uma vida digna, autônoma e plena? Para responder a essas perguntas, é importante refletir sobre a emergência da Síndrome da Colonialidade Internalizada como fruto do Colonialismo que escravizou, violentamente, os povos originários.

[...] eu não sabia o que dizer o que mais incomodava, porque tudo aquilo estava me incomodando, aí a gente ia escutando outras pessoas e tal, uma das coisas que me fez né, assim sempre vir, saber que eu melhorava é, você escutar a dor do outro, por mais que, às vezes, você pensava que estava sendo egoísta, porque você pensa não aquele ali tá pior do que tu mulher, te acalma né, eu não sei mas, às vezes, passava isso, talvez seja algum mecanismo que tem em nós né (TOMILHO).

No inconsciente coletivo de mulheres condenadas a viver na miséria, à margem da história, em condições frequentemente sub-humanas, (FANON, 2020) ressoam as consequências do maior genocídio da história que começou com a invasão dos primeiros navegadores europeus no final do século XV.

Foi a maior tragédia da história humana, o maior holocausto de que se tem notícia, com ao menos 30 milhões de pessoas mortas. Até 95% da população do continente, o que equivaleria a um quinto da humanidade, pode ter morrido no primeiro século e meio de conquista, durante o que Viveiros de Castro e Deborah Danowski chamaram

de ‘primeira grande extinção Moderna’: quando o Novo Mundo foi atingido pelo Velho como por um planeta gigantesco (MILANEZ; SANTOS, 2021, p. 38).

Viezzzer (2021) relata que teve acesso a um documento que afirma que esse genocídio teria eliminado de 90 a 95% dos povos originários das Américas. O que aconteceu com eles? A autora cita a Assembleia das Nações Unidas de 1948 que definiu o conceito de genocídio como:

Qualquer dos seguintes atos cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico ou religioso através da matança de membros do grupo; lesão grave à integridade da saúde física ou mental do grupo; sujeição intencional do grupo a condições de vida tendo de arcar com sua destruição física total ou em parte; imposição de medidas destinadas a impedir nascimento no seio do grupo; transferência forçada de criança do grupo para outro grupo (ONU, 1948).

Testemunhas oculares, como Bartolomé de Las Casas citado pela autora, listaram os horrores do genocídio, dos massacres, das condições desumanas da escravidão e dos trabalhos forçados, incluindo as graves consequências que afetaram as crianças e suas famílias. (VIEZZER, 2021)

A cobiça e a busca obsessiva por ouro e prata e outras fontes de riqueza transformaram os invasores em carrascos, sem piedade, que exterminaram os povos nativos encobertos pelos interesses maiores das Coroas e do Padroado que envolvia a Igreja na pretensão de evangelizar os pagãos. (DUSSEL, 1993).

Em 1500, no Brasil, calculava-se a presença de 5 milhões de habitantes, dos quais 4 milhões foram exterminados e “o genocídio provocado principalmente pela expulsão dos nativos de suas terras, o trabalho forçado, a mestiçagem induzida, guerras e, principalmente, as enfermidades epidêmicas” (VIEZZER 2021, p. 25).

A Síndrome da Colonialidade Internalizada se enraíza na dor e no sofrimento dessa tragédia histórica da escravidão dos povos indígenas, que os europeus provocaram, buscando novos mundos a fim de vivenciar novos tempos modernos.

[...] eu era uma pessoa muito submissa, muito tímida, que não... que vivia em função da família, do marido, tendo que pedir permissão [...] hoje eu vejo que eu, sou uma pessoa que consegui é vencer muitas coisas né, que consigo é administrar a minha própria vida sem submissão, sem ter que estar pedindo permissão a ninguém daquilo que eu tenho que fazer né e quando eu quero fazer alguma coisa eu aquilo vai na minha cabeça e eu enquanto não consigo realizar eu né então eu sou muito feliz porque assim eu faço aquilo que eu gosto, eu estou fazendo, estou me amando a partir de tudo isso” (MALVA).

Para Enrique Dussel, a Modernidade nasceu na Europa, no ano de 1492, “en-cobrindo” os descobertos:

A modernidade originou-se nas cidades europeias medievais, livres, centros de enorme criatividade. Mas "nasceu" quando a Europa pôde-se confrontar com o seu "Outro" e controlá-lo, vencê-lo, violentá-lo: quando pôde se definir como um "ego" descobridor, conquistador, colonizador da Alteridade constitutiva da própria Modernidade. De qualquer maneira, esse Outro não foi "descoberto" como Outro, mas foi "en-coberto" como o "si-mesmo" que a Europa já era desde sempre. De maneira que 1492 será o momento do "nascimento" da Modernidade como conceito, o momento concreto da "origem" de um "mito" de violência sacrificial muito particular, e, ao mesmo tempo, um processo de "en-cobrimento" do não-europeu" (DUSSEL, 1993, p. 8).

O controle, a dominação, a violência fazem parte da memética (MASSIMINI; INGHILLERI, 1993) dos colonizadores que usam os colonizados para expandir o poder econômico e, assim, realizar o próprio desejo de onipotência, que cria o mito de uma superioridade, um complexo de autoridade e de chefe, (FANON, 2008, p. 94) para “en-cobrir” o outro.

Esta atitude acaba gerando um complexo de inferioridade nos dominados, não reconhecendo a sua humanidade, os seus valores, a sua cultura, a sua sabedoria e inteligência, o seu potencial criativo, demolindo a autoestima dos submissos, para dominar qualquer pretensão de autonomia com a força bruta, física ou moralmente.

[...] eu não andava sozinha, só andava se levasse acompanhada, eu não tinha vida, mais eu tinha perdido tudo que era de... aí chega um padre um médico na minha casa, só imagina uma favela, uma pessoa que te abraça que te trata por igual que não vê que tu é pobre que tu tá fedendo, que tu é negra, tu é fedorenta, ele não via nisso, não via nada disso, do mesmo jeito que ele abraça um, que ele me abraçou eu vejo que ele abraça todo dia as pessoas do jeito que ele abraça eu, uma jovem ou uma criança ele abraça um idoso, o amor é o mesmo. E esse abraço ele me viu, me mostrou uma luz que eu precisava ter um ouvido, mas um ouvido diferente assim como ele me trouxe para terapia, a terapia me ajudou muito, eu fiz terapia de autoestima fiz um monte de coisa e, quando eu cheguei, já estava bem melhor (ERVA GATO).

A redução da identificação dos indígenas como burros de carga nas minas e nos trabalhos forçados facilitou uma percepção ontológica distorcida dos “en-cobertos”, alimentada pela dúvida de que, realmente, os nativos tinham uma alma e poderiam considerar-se, verdadeiramente, como seres humanos.

A gênese da Modernidade foi alimentada pelos interesses econômicos europeus que, depois da conquista de Constantinopla, em 1453, por parte das tropas do império Otomano, tiveram uma diminuição drástica do comércio com a Ásia e, precisamente, com as Índias. Os mercadores ofereciam produtos sofisticados e exóticos muito procurados pelos nobres, como pedras preciosas, minerais, além das especiarias como drogas, condimentos, tintas, incensos, cosméticos, unguentos e perfumes especiais (VIEZZER, 2021, p. 28).

O estreito do Bósforo, considerado portal do Oriente, era o lugar de passagem marítima entre os dois continentes. Os otomanos aproveitaram-se da oportunidade e elevaram, exageradamente, os impostos sobre as mercadorias, causando a reação de Portugal e da Espanha que iniciaram a busca de um caminho marítimo alternativo.

Neste contexto, Cristóvão Colombo, navegador italiano experiente, foi escolhido como o primeiro explorador dessa nova rota marítima para as Índias, escolhendo, corajosamente, cruzar o Atlântico pelo Oeste. Colombo, em tempos de crenças apocalípticas e de terra plana, confiava na ciência, e, com o auxílio do médico e geógrafo italiano Toscanelli, depois de vários estudos e pesquisas, foi calculada, matematicamente, a rota possível, abrindo a esperança do sucesso da expedição.

No dia 12 de outubro de 1492, depois de uma não fácil travessia, o almirante, ao serviço dos Reis da Espanha, desembarcou na ilha de Guanaham, das Bahamas no Mar do Caribe. O primeiro contato com os habitantes foi caracterizado por uma acolhida pacífica e calorosa, que, segundo Bartolomé de Las Casas, deixou os invasores maravilhados pela simplicidade e pela confiança dos nativos (VIEZZER, 2021, p. 35).

Mas a Coroa espanhola tomou posse, decretando que as terras pertenciam ao Reino e que, portanto, os habitantes seriam considerados como súditos, perdendo, assim, os próprios direitos individuais e coletivos.

A gênese da Síndrome da Colonialidade Internalizada se enraíza nesses fatos, de dominação progressiva, que, gradualmente, destruíram a autoestima, a autonomia e a autodeterminação dos povos colonizados.

Uma vez ele me perguntou a mim qual era o meu sonho, qual é o teu sonho? E eu disse há eu não tenho mais sonho, já tive, já tive um sonho muito grande. E ele, não, mas todo mundo sonha e eu disse não, mas aí depois eu casei eu não tenho mais sonho e ele tem, sim qual era o seu sonho? E eu disse sim era de estudar, mas meu marido ele não deixa que uma vez eu pedi e ele não deixou (ERVA GATO).

Colombo voltou para a Espanha para anunciar a sua conquista e, antes de viajar, construiu um forte e designou 39 homens para manter a presença dos colonizadores. Para confirmar a descoberta de novos territórios, o navegador levou consigo 10 nativos e vários presentes recebidos por eles, incluindo colares de ouro para a rainha. Os monarcas ficaram entusiasmados com as perspectivas de novas riquezas e financiaram, imediatamente, a volta de uma nova expedição, provendo, também, mantimentos, armas e artilharia. Também foram enviados os primeiros missionários para a evangelização dos nativos, com a recomendação de que fossem bem tratados e defendidos em caso de maus-tratos. Colombo voltou para as ilhas

com 1500 tripulantes; sonhavam encontrar ouro e riquezas e, novamente, uma acolhida calorosa dos habitantes e dos colonos que tinham ficado.

No entanto, no dia 28 de novembro de 1493, pouco mais de um ano depois, os navegantes encontraram a fortaleza queimada e nenhum sinal dos moradores. Os colonos que ficaram na ilha iniciaram brigas entre eles e com os nativos. Exigiam ouro e abusavam as mulheres, agredindo os habitantes, que, cansados de ser ameaçados, destruíram a fortaleza e acabaram com os invasores (VIEZZER, 2021). Foi assim que o paraíso virou um inferno.

A dúvida ontológica dos teólogos sobre a presença da alma na essência dos nativos, na verdade, abria a dúvida se os índios deviam ou não ser tratados como seres humanos. Porém, apesar da Bula *Sublimis Deus* do Papa Paulo III, que declarava que os índios eram seres humanos dignos de ser evangelizados, iniciou-se a exploração intensiva e sistemática da mão de obra local. Impostos exorbitantes em ouro e algodão provocaram a revolta dos nativos que, mesmo assim, foram submetidos e escravizados com a violência. Viezzler cita Bartolomé De Las Casas (1951), que descreve as tentativas desesperadas de resistência dos nativos e a crueldade dos colonizadores:

[...] Os índios reagiram com todas suas forças para ver se podiam tirar de suas terras gente tão nociva e cruel que, sem motivo algum e sem que ninguém os tivesse ofendido, despojavam-nos de seus reinados e suas terras, de sua liberdade, de suas mulheres e filhos, de suas vidas e de sua forma natural de ser, sendo cortado ao meio da espada, desgarrados por cachorros, muitos queimados vivos ou esmagados sob a pata de seus cavalos (VIEZZER, 2021, p. 43).

A tragédia vivenciada pelos povos encobertos com essas manifestações de violência e falta de humanidade marcou profundamente o inconsciente coletivo das vítimas e, ainda hoje, ressoa no complexo de inferioridade das pessoas afetadas pela Síndrome da Colonialidade Internalizada.

[...]“A busca do ouro e da prata foi, seguramente, o motor central da conquista, mas em sua segunda viagem Cristóvão Colombo trouxe das ilhas Canárias as primeiras raízes de cana de açúcar [...] cultivado em pequena escala na Sicília e nas ilhas Madeira e Cabo Verde, e comprado por alto preço no Oriente [...] Durante pouco menos de três séculos a partir do descobrimento da América não houve, para o comércio da Europa, produto agrícola mais importante do que o açúcar [...] Multiplicaram-se os canaviais no litoral húmido e quente do nordeste do Brasil, e depois também nas ilhas do Caribe [...] cenários favoráveis à exploração em grande escala do ‘ouro branco’. Imensas legiões de escravos vieram da África para proporcionar ao rei açúcar a numerosa e gratuita força de trabalho que exigia combustível humano para queimar. As terras foram devastadas por essa planta egoísta que invadiu o Novo Mundo arrasando matas, malversando a fertilidade natural e extinguindo o húmus acumulado pelos solos. O longo ciclo do açúcar deu origem na América Latina, a prosperidades tão fatais como as que foram engendradas pelos furores da prata e do ouro...” (GALEANO, 2021, p.87).

Dessas plantações coloniais, gerou-se o latifúndio moderno, com suas trágicas características exploratórias, que provocam a marginalização e o subdesenvolvimento das famílias dos agricultores, pagos com diárias miseráveis ou com trabalho gratuito, em troca do usufruto de um pedacinho de terra (GALEANO, 2021).

Segundo o autor, o ciclo do açúcar arrasou o Nordeste do Brasil, que era a zona mais rica do país, transformando as matas tropicais em savanas, em monoculturas que empobreceram o solo. Um ambiente natural com um grande potencial de fartura e prosperidade foi destruído e “onde tudo brotava com vigor exuberante, o latifúndio açucareiro, destrutivo e avassalador, deixou rochas estéreis, solos lavados e terras erodidas” (GALEANO, 2021, p.91).

Durante a década de 1540, os colonizadores instalaram vários engenhos de açúcar que exigiam um trabalho pesado e de muitos braços para completar a produção. Os povos indígenas recusavam-se de realizar esse serviço insuportável. “Tudo que se referia ao trabalho nos engenhos era alheio à sua natureza. Eles não tinham interesse no lucro e nenhuma ambição quanto à riqueza material” (HEMMING, 2007, p. 85).

Os colonizadores não compreenderam que, para os povos indígenas, era mais importante a convivência pacífica baseada na partilha dos recursos naturais, na generosidade, na hospitalidade e na reciprocidade. Para eles “trabalhar durante horas prolongadas, expostos ao calor do sol, sem tempo para relaxar e gozar os prazeres da caça ou da vida em comunidade era intolerável. Em consequência, os colonos só poderiam obter mão de obra para seus engenhos pelo uso da força, e eles se voltaram naturalmente para a escravidão...” (HEMMING, 2007).

5.1 Colonização

Aimé Césaire (1955), estudando como funciona a colonização, descreve o asselvajamento eurocêntrico que desciviliza os colonizadores, que, frequentemente, se pintam como salvadores das pátrias invadidas. O autor descreve a metamorfose monstruosa e as atitudes que os exploradores assumem quando submetem os povos colonizados evocando palavras fortes como: brutalização, degradação, despertar do colonizador para instintos soterrados como cobiça, violência, ódio racial, relativismo moral, aceitação do estupro e da tortura como arma de guerra, que provocam uma regressão universal. Uma circularidade de violência e retaliação que desumaniza os envolvidos e que marca a percepção pessoal e coletiva das futuras gerações (FANON, 2020).

Existem detalhes dessa trágica história que é bom conhecer para compreender as raízes ancestrais das consequências existenciais do que se denomina, neste estudo, como Síndrome da Colonialidade Internalizada, que condiciona o inconsciente coletivo de mulheres descendentes de pessoas escravizadas (DU BOIS, 2021).

5.2 Colonialismo

A gênese do colonialismo foi caracterizada pela exploração selvagem e sem escrúpulos das terras e das populações do Novo Mundo, que virou a periferia da Europa agora considerada como o novo centro econômico e político. Assim iniciava a Modernidade, derramando o sangue de milhões de seres vivos, aterrorizando, explorando e escravizando os colonizados. (DUSSEL, 1993)

“Nossa história é a história de uma colonização feita por meio de repressão e controle violento de corpos e de comunidades”, afirmam os autores do livro *Guerras da Conquista*:

O processo colonizador introduziu uma forma de violência homogênea organizada em constante brutalidade e controle do Estado sobre a população sendo marcado por massacre e guerras em sequência até desembarcar na realidade atual, em que todos os anos, morrem aproximadamente 60 mil jovens de ‘morte matada’ em sua maioria negros e pardos como definem os boletins policiais (MILANEZ; SANTOS, 2021, p. 11).

5.3 Descolonização

O processo de descolonização e de transformação desse paradigma perverso requer a coragem de libertar o passado das interpretações e das narrativas funcionais ao manutenção da historinha da descoberta contada pelos colonizadores, que nega o sofrimento cotidiano dos oprimidos. Os autores afirmam, citando Ailton Krenak, que, na verdade, o Brasil foi construído sobre um cemitério, não foi descoberto, já existia. Foi invadido, foi inventado, e a dominação colonial continua, até hoje, com o racismo, o sexismo e o extrativismo. (MILANEZ; SANTOS, 2021.)

A recente execução do jornalista britânico Dom Phillips e do indigenista e funcionário da Funai, Bruno Pereira, mostra a gravidade atual da situação. Testemunhas relataram que os dois homens assassinados durante a exploração dos territórios indígenas, em busca de provas da presença de garimpos ilegais e outras práticas ilícitas, tinham sido ameaçados de morte após encontrar vários invasores ilegais armados. Em pleno século XXI, várias lideranças indígenas e ambientalistas foram mortas e executadas nos últimos anos, repetindo um paradigma colonial de invasão e de exploração que tortura e mata povos, esquarteja corpos, queima vidas e esconde

nas valas os resquícios de gente nativa, como aconteceu desde a invasão no século XV e, mais recentemente, durante a sangrenta Ditadura Militar (ARNS, 1985).

Invasão e grilagem de terras, queimadas para explorar novos territórios dominados pelo agronegócio, garimpeiros assediando as populações indígenas, massacres e pistoleiros contratados para eliminar as lideranças organizadas são algumas das manifestações do câncer colonialista ainda ativo.

Entretanto, apesar da dor, do sofrimento e do genocídio, a essência indígena ameríndia sobreviveu. É nisso que os autores estão interessados quando se perguntam: “Como essa resistência ameríndia atravessou anos em guerras sangrentas, sobreviveu a massacres e genocídios, e hoje, de outras formas, ainda constitui uma das principais forças políticas do Brasil em defesa da democracia, da ecologia, da diferença e da diversidade?” (MILANEZ; SANTOS, 2021 p. 22).

Para Krenak (2020), essa resiliência extrema é possível quando se vive “numa terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões.” Davi Kopenawa cita na sua obra fantástica chamada: “A queda do céu: Palavras de um xamã Yanomami”:

[...] um livro que tem a potência de mostrar para a gente que está nessa espécie de fim dos mundos, como é possível que um conjunto de culturas e de povos ainda seja capaz de habitar uma cosmovisão, habitar um lugar neste planeta que compartilhamos de uma maneira tão especial, em que tudo ganha um sentido. As pessoas podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta (KRENAK, 2020, p. 25).

Esta cultura forte, resiliente, capaz de suportar o insuportável, que sobreviveu a tentativas de aniquilamento, já tinha chamado a atenção de Américo Vespúcio, outro navegador italiano que chegou ao Brasil, em 1501.

A raiz da colonialidade continua seguindo o percurso das expedições. Este navegador, em 1503, escreveu uma carta ao príncipe de Florência, Lourenço de Medici, descrevendo, com admiração, a independência e a autonomia dos habitantes do Novo Mundo. Vespúcio ficou fascinado com a liberdade, a rebeldia e a anarquia dos indígenas, que compartilhavam tudo e que não precisavam de propriedade privada. Sem rei, sem templos e sem leis, não obedeciam a ninguém e eram senhores de si mesmos. Essa visão estava, claramente, em disputa com o modelo monárquico absolutista daquela época, baseado na arte do poder que Maquiavel resumiu na sua obra O Príncipe.

Milanez e Santos (2021) afirmam que: “a autonomia e a liberdade dos indivíduos indígenas causavam inveja aos europeus, que, de maneira etnocêntrica, entendiam, de forma distorcida, a memética indígena como falta de fé, de lei, e de rei.”.

Esta essência cultural extraordinária chamou a atenção também de Thomas More, que escreveu a famosa obra *Utopia*, inspirado nas leituras sobre as sociedades indígenas do Novo Mundo que tinham sido recentemente “en-cobertas” (DUSSEL, 1993). A ausência de propriedade privada, a relação de integração e de reciprocidade com a natureza e a corresponsabilidade coletiva foram os principais pontos de referência que inspiraram o escritor.

Este sonho de uma nova sociedade, mais humana e mais justa que Thomas More sintetizou em sua obra inspirou vários pensadores que refletem, até hoje, sobre a superação dos modelos econômicos exploradores que perpetuam os princípios nefastos do colonialismo. (YUNUS, 2008).

Para realizar essa mudança, é necessário decolonizar a cultura hegemônica e resgatar os elementos essenciais e cosmológicos das culturas indígenas, para repensar novos critérios de convivência pacífica, baseados na economia solidária, (YUNUS, 2008) nos princípios da equidade e da autossustentabilidade, cuidando da natureza e do meio ambiente e visando à conservação e à vitalidade do planeta. (PAPA FRANCISCO, 2015). Mas não é fácil desconstruir paradigmas cristalizados nos interesses das elites do mercado, que acabam favorecendo uma paralisia epistemológica (AIMÉ, 1955).

Boaventura de Sousa Santos (2021) afirma que: “a política dominante torna-se epistemológica quando é capaz de defender ativamente que o único conhecimento válido que existe é aquele que ratifica a sua própria supremacia”. Por isso, é necessário reinventar uma nova epistemologia explicitamente política, na perspectiva de uma mudança e de uma transformação que necessita de uma ação concreta, de uma união entre teoria e prática, e de uma práxis libertadora que abre novos caminhos de autonomia e de independência (FREIRE, 2000).

É essencial sair da dependência do pensamento crítico eurocêntrico, que gerou o colonialismo e que mantém vários elementos desse modelo cultural e econômico baseado na supremacia das elites. Para o autor, essa mudança se encontra no novo paradigma da epistemologia do Sul, que pretende encarar e desafiar o pensamento conservador eurocêntrico que define como epistemologia do Norte (SANTOS, 2021).

Trata-se de um esforço hermenêutico, de reinterpretação permanente do mundo, à luz do ponto de vista dos marginalizados e dos oprimidos. Uma tarefa coletiva que integra os esforços para a promoção dos direitos humanos e a participação ativa na transformação dos padrões excludentes em todas as esferas da vida. Os intelectuais da epistemologia do Sul

convivem com as retaguardas, preocupando-se de fortalecer os caminhos de emancipação e de superação da exclusão.

As epistemologias do Sul referem-se à produção e à validade de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causada pelo capitalismo, pelo colonialismo, e pelo patriarcado. Chamo o vasto e muito diverso âmbito dessas experiências de Sul anti-imperial (SANTOS, 2021, p. 17).

Para desconstruir e decolonizar a percepção do mundo e de si mesmos, introjetados por meio da manipulação da cultura dominante, é necessário facilitar uma percepção e representação da própria realidade que possa ser transformada mediante suas aspirações. O autor fala de epistemologias experienciais, que são o fruto de uma ação concreta nas práticas sociais que têm o propósito de reverter os paradigmas de submissão, de exploração e de dependência. (SANTOS, 2021).

O processo de decolonização traz uma possibilidade concreta de ressignificar as marcas da Síndrome da Colonialidade Internalizada, favorecendo a recuperação da consciência do próprio valor e da cultura de pertença. Sem as devidas providências de autoconhecimento, de autoaceitação e de autoestima, acontece uma autoexclusão por causa de complexos de inferioridade (MSM, 2019).

[...] eu estou muito feliz, primeiro porque tudo que eu adquiri de autoconhecimento dentro do Movimento é como se eu fosse uma nova LAVANDA, é como se eu fosse, não, eu sou uma nova LAVANDA, eu sou muito satisfeita. (pag.7) diante de toda a realidade da minha família, que a gente é... nós somos pessoas carentes da minha família né, eu hoje estou no patamar que eu posso dizer assim, eu estou no nível maior do que eles num sentido de evolução acadêmica, evolução mental, psicológica, me trabalhei né nas emoções e hoje eu consigo ajudar minha família com o aprendizado que eu tenho aqui entende... (LAVANDA).

[...] eu comecei a me sentir mais paciente, me sentir assim, com mais sabedoria, aprendi a respirar primeiro, para poder resolver alguns tipos de problemas, porque antes eu queria agir sem pensar, fazia as coisas sem pensar. Não, aí eu aprendi a respirar, a botar o pensamento assim, a alinhar o pensamento para poder agir, para poder solucionar algum problema (RANUNCULO).

[...] hoje eu vejo a vida de uma maneira muito diferente assim, apesar de estar acima do peso isso não me incomoda não é, os meus cachos né, do meu cabelo, da minha origem isso não me incomoda mais, pelo contrário, motivo de orgulho olha eu acho bonito né, os meus lábios que são traços de pessoas negras é os lábios mais grossos assim, hoje é motivo de só de alegria, de olhar no espelho e dizer assim cara eu sou bonita não é, eu vou para a praia, eu ponho um maiô, me sinto à vontade entendeu. Assim profissionalmente eu também estou muito feliz porque é tive acesso à escola né graças a Deus e depois eu dei sequência fiz uma graduação, depois eu fiz uma especialização, então assim tudo são coisas que eu tenho como grandes conquistas na minha vida não é, tem aqueles dias que a gente mulher se olha e não se acha tanto, mais tipo assim é, você ter a liberdade de escolher um batom e saber que você pode usar a cor que você quiser, porque você quer e não ter medo de ser julgada, por que aí... você vai parecer isso, você vai parecer aquilo, ou não combina com você, isso eu

não tenho mais, eu uso muito o que eu quero eu faço muito o que eu quero e nesse aspecto eu não ligo para opinião alheia não (COENTRO).

Para Santos (2021), o papel da epistemologia do Norte, que se considera a única referência válida, acaba sendo a fonte da manutenção e da multiplicação do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado, com todas as consequências manipuladoras e excludentes, com “A alienação, o estranhamento em relação a si próprio e a subordinação mental que esse estado de coisas provoca nas populações não ocidentais incluindo cientistas sociais”. O autor identifica a presença de uma linha abissal imaginária que separa as sociedades de matriz metropolitana e aquelas de matriz colonial afirmando que: “Estar do outro lado, do lado colonial da linha abissal, equivale a ser impedido pelo conhecimento dominante de representar o mundo como seu e nos seus próprios termos”. É importante restabelecer um equilíbrio dos conhecimentos, redimensionando as hierarquias de poder, valorizando as diferenças e as complementariedades, exaltando o enriquecimento intercultural e transcultural, em busca de uma compreensão epistemológica mais profunda e integrada.

[...] as epistemologias do Norte têm como premissa uma linha abissal que separa as sociedades e as formas de sociabilidade metropolitanas das sociedades e formas de sociabilidade coloniais e nos termos da qual aquilo que é válido, normal ou ético do lado metropolitano dessa linha não se aplica no seu lado colonial” que é considerado o lado da ignorância. e por isso se justifica o dualismo normativo metrópole/colônia que não permite ao contexto colonizado de representar o mundo segundo a percepção do próprio ponto de vista. As consequências epistemológicas desta exclusão permitem a reprodução do capitalismo, do patriarcado e do colonialismo em todas as suas formas de dominação estrutural, incluindo os conhecimentos populares. (SANTOS, 2021, p. 24-25).

5.4 Colonialidade

Aníbal Quijano (2005) define o conceito de colonialidade. O colonialismo histórico, gradualmente, desapareceu como consequência dos movimentos de independência e de emancipação, que levou à criação de novas nações que, aparentemente, teriam conquistado a liberdade e a autonomia, superando a opressão dos colonizadores. Mas o colonialismo continua manifestando-se, sub-repticiamente, nos modelos sociais excludentes, discriminantes, ainda baseados na inferioridade étnica e racial, incluindo a dimensão ontológica.

A colonialidade do conhecimento (tal como a do poder) continua a ser o instrumento fundamental para a expansão e o reforço das opressões geradas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado. A colonialidade é, em verdade, a continuação do colonialismo por outros meios, um outro tipo de colonialismo (SANTOS, 2021).

O contexto de marginalização, de exclusão, de exploração e desrespeito aos direitos humanos fundamentais contribui, gerando um inconsciente coletivo que se acomoda, se

acostuma com a falta de oportunidades, refletindo uma “normalidade” que provoca graves consequências na autoestima das pessoas. É necessário compreender quais são as causas dessa tendência a internalizar uma autoimagem subalterna, submissa, que aceita a inferioridade como *modus vivendi*, que acolhe a humilhação sem reagir. A resignação e o fatalismo provocam uma distorção até da imagem de Deus, que seria conivente com esse sofrimento, quase como se fosse uma justa retribuição divina das próprias falhas e pecados (MURDOCK, 1980). Eis a Síndrome da Colonialidade Internalizada.

O que é que mais escraviza as mulheres, que impede de se libertar?” “É a crença do medo, do medo, quando impõem um medo se impõe castigo, que está na própria bíblia né, se vem um medo, se vem um castigo e o castigo ele oprime né, ele impede de ir além, então essa é a crença que impede as mulheres né, que impõe e a falta do conhecimento, porque o Movimento é conhecimento né, “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”, então esse Movimento que ajuda cada uma das mulheres, cada uma das pessoas que participam a conhecer mais, a conhecer de si própria, a conhecer do outro e a conhecer do mundo, aqui se tem essa liberdade (ANEMONA, p. 8).

Resgatando a história do povo brasileiro, dos mais pobres, abandonados e excluídos, dos mais explorados, mortos e torturados, compreendemos que o fenômeno gerador dessa desigualdade e da injustiça estrutural consequente foi o colonialismo, que se iniciou com a invasão das novas terras que foram nomeadas como Américas por parte dos primeiros navegadores europeus (DUSSEL, 1993).

Spivak (2021) alerta, questionando a posição do intelectual pós-colonial, que não pode e não deve usar o nome do subalterno e do colonizado, falar em seu nome e, por meio dele, construir um discurso de resistência, tratando-o, assim, como um objeto do conhecimento para o interesse de outros intelectuais que gostam de falar pelos outros. De fato, mantendo o subalterno silenciado sem oferecer um espaço onde possa ser ouvido, reproduz-se a estrutura da exclusão e da desigualdade.

[...] e aí começou umas ideações suicidas, uma energia ruim né dominando todo meu corpo, ausência de vontade de viver, e aí eu comecei a pesquisar né maneiras de cuidar é na raiz, ver o que que estava acontecendo, o que que tinha ocasionado isso, porque que iniciou, porque, com a medicação, eu não estava vendo resultado e também assim a assistência do sistema (SUS) ela é muito, como é que eu posso dizer, é não existe ainda um tratamento direcionado, com acompanhamento terapêutico, que ele seja, que tenha um acompanhamento realmente onde a pessoa possa ter um desenvolvimento, onde possa identificar onde é a raiz, então só tem a parte medicamentosa, e isso fez com que eu pesquisasse formas terapêuticas de trabalhar isso né e aí numa matéria no Instagram eu conheci o Movimento Saúde Mental e fui direcionada não é para o Movimento, onde eu descobri essa raiz, não é essa causa do porquê que iniciou tudo isso, de onde era que vinha essa ausência de querer viver, de onde surgiu e aí onde tudo começou, onde toda a minha história foi ressignificada, onde eu comecei a reviver né novamente (ZINIA, p. 3).

[...] eu posso dizer, eu me descobri, eu me senti mulher, eu me senti preparada né, eu me senti viva né, a autopoiese que a abordagem sistêmica comunitária traz foi... eu sofri a autopoiese, eu fui como uma borboleta, uma lagarta né, depois fui me transformando e aí essa vontade de viver veio através da abordagem sistêmica que ensina que a gente deve viver em comunidade, que faz que a gente assuma a nossa ancestralidade, que reconheça a nossa sociedade como um todo, a nossa posição social... (ZINIA, p. 4).

Quando tentamos descrever a dor e o sofrimento das pessoas, é preciso lembrar a importância de construir um espaço de escuta, em que a pessoa possa ser ouvida, possa falar, possa expressar-se sem medo de ser julgada ou menosprezada.

[...] elas não se acham capazes né, chegam adoecidas, chegam, assim, se achando um nada, só que elas encontram pessoas que estão na mesma situação que elas, então, às vezes, ela deixa de olhar para o problema dela, olha para o problema do outro e quer ajudar o outro, ou seja, eu guardo a minha dor para curar a dor do outro, então ali ela já está se fortalecendo, sem necessariamente cuidar da dor dela, diretamente, mas ela está cuidando dela indiretamente ao cuidar da dor do outro, então eu acho que é e elas estarem ali juntas elas já se ajudam, se autoajudam (PAPOULA).

O cuidado com o espaço e o lugar de fala da outra pessoa garantem ao pesquisador a honestidade intelectual necessária para evitar falar em nome dos outros, filtrando os depoimentos por meio das próprias lúps e paradigmas (SANTOS, 2021).

Spivak reconhece a sua cumplicidade e questiona-se para evitar compactuar com o discurso hegemônico que mantém a distância “científica” com o objeto da pesquisa. O subalterno pode, de fato, falar? (SPIVAK, 2021, p. 13). Até o termo subalterno precisa ser definido, e Spivak retoma o significado que Gramsci usou em relação ao proletariado, ou seja, aquele cuja voz não pode ser ouvida. A tarefa do intelectual pós-colonial, então, é a construção de espaços de escuta, de partilha, de troca e de interação, para quem não tem voz. Falar, ser ouvido, desabafar com a certeza de que alguém, empaticamente, acolhe a partilha sem julgamentos e sem segundas intenções (MSM, 2019).

A Abordagem Sistêmica Comunitária nasceu por meio dessas práticas coletivas que moldaram uma metodologia socioterapêutica interdisciplinar que valoriza a cultura popular, oferecendo um espaço de protagonismo e de corresponsabilidade dos participantes, que aliviam o sentimento de exclusão crônica e que mobilizam recursos que ficam paralisados por causa do preconceito e da inferiorização (MSM, 2019).

É necessário superar a ilusão do intelectual que acha que pode falar e reivindicar algo em nome dos colonizados e trabalhar para que aconteça uma articulação entre os subalternos que, sendo ouvidos, aprendem a se ouvir e a compreender melhor as próprias necessidades. Spivak (2021) afirma, também, que a mulher subalterna é mais marginalizada por causa das

questões de gênero, e que isso gera uma exclusão mais profunda. No contexto patriarcal e pós-colonial, a mulher não pode falar. Por isso, segundo a autora, a mulher intelectual deve questionar a falta de autorrepresentação das mulheres e criar condições para que elas possam ser ouvidas e valorizadas, inclusive, no mundo acadêmico. De onde vem essa exclusão? Quando começou e por quê? Podemos falar de uma Síndrome da Colonialidade Internalizada?

Santos (2021) descreve esse fenômeno dos conhecimentos não reconhecidos determinado pelas regras ditadas pelas epistemologias dominantes:

[...] conhecimentos ‘inexistentes’, assim considerados pelo fato de não serem produzidos de acordo com metodologias aceitáveis ou mesmo inteligíveis, ou porque são produzidos por sujeitos ‘ausentes’, sujeitos concebidos como incapazes de produzir conhecimento válido devido à sua impreparação ou mesmo à sua condição não plenamente humana.” (SANTOS, 2021, p. 19).

Santos (2021) denomina como Sociologia das Ausências a transformação de sujeitos ausentes do mundo epistemológico em sujeitos que apresentam seus conhecimentos validados e reconhecidos, precedentemente excluídos por normas metodológicas redutivas, mas que podem contribuir para a emancipação sociopolítica dos oprimidos e reinventar uma libertação social, porque não pode existir justiça social sem justiça cognitiva. “A alienação, o estranhamento em relação a si próprio e a subordinação mental que esse estado de coisas provoca nas populações não ocidentais, incluindo cientistas sociais não ocidentais, são situações formuladas de modo eloquente”, valorizando as reflexões do sociólogo indiano J. Uberoi (1978):

[...] é possível fazer com que pareça haver apenas um tipo de ciência, a ciência ocidental moderna, a qual tem hoje o poder de mandar no mundo. Esse conhecimento científico e racional é o armazém da verdade, que existe por si mesmo e é *sui generis*, não havendo nenhum outro do mesmo tipo. Ao resto dá-se, na melhor das hipóteses, o nome simpático de ‘etnociência’ e, na pior de superstição falsa e de ignorância da mais sombria. A lógica implacável dessa situação geral de sofrimento espiritual, que vem prevalecendo de forma consistente no mundo não ocidental desde 1550 ou 1650, ou qualquer outra data histórica semelhante, produz inevitavelmente em mim, por exemplo, um vergonhoso complexo de inferioridade que eu nunca poderei ser capaz de ultrapassar, seja sozinho, seja em boa companhia. Trata-se de uma situação que destrói completamente qualquer originalidade científica. Com um único golpe, é capaz de matar toda a alegria interior do entendimento, quer individual, quer coletivo, que é a única coisa que verdadeiramente sustenta o trabalho intelectual local. É certo que, na natureza das coisas, não existe qualquer razão pela qual essa relação subordinada e colonial, mais ou menos interrompida no âmbito político por volta de 1950, continue a verificar-se ainda na ciência [...]. Parece-me que isso apenas substitui o problema da mente subordinada pelo da autoalienação intelectual; e eu não sei qual deles é o pior. Na minha opinião, este é o principal problema de toda a vida intelectual na Índia moderna e no mundo não-ocidental (SANTOS, 2021, p. 26).

A Sociologia das Ausências denuncia a presença da linha abissal que se revela como o impulso necessário para a superação dos guetos epistemológicos, favorecendo a complementariedade dos saberes e a decolonização das práticas de produção do conhecimento. O autor define essa copresença de diferentes abordagens e experiências de pesquisa como “ecologia de saberes”, que habilita o processo de transformação da injustiça estrutural (SANTOS, 2021).

Novos conceitos surgem em línguas não coloniais que representam a união de forças naturais e sociais que sintetizam fenômenos de transformação das hierarquias coloniais excludentes, como Ubuntu, por exemplo (NGOMANE, 2019), que, em Zulu, significa: “sou o que sou pelo que nós somos”.

Ubuntu é um estilo de vida, uma maneira de ser, em que todo mundo aprende junto para viver bem coletivamente, respeitando e valorizando a diversidade. Para vivenciar essa aliança comunitária, é necessário escutar o outro, perceber os laços afetivos entrando em sintonia com as pessoas na construção pacífica do bem comum, compreendendo que somos todos interligados e interdependentes. Coragem, compaixão e solidariedade são necessárias para reconhecer o valor da essência da pessoa que encontramos, construindo pontes e fomentando o diálogo para a resolução de conflitos.

[...] a abordagem sistêmica comunitária ensina muito isso né, porque ensina viver em comunidade, ensina se reconhecer como ser humano, ensina a entender que a nossa posição social não vai ser usada negativamente, muito pelo contrário a nossa posição social é uma posição à qual nós temos a oportunidade de mudar a nossa história e de buscar meios de ressignificar a nossa vida e assim a vida da comunidade, que é como ensina a abordagem sistêmica comunitária, que é o convívio comunitário e essa promoção da vida entre a comunidade [...] buscar essa descoberta e se deixar, se deixar cuidar né, o autocuidado é tudo e a partir do autocuidado a gente vai se empoderando (ZINIA, p. 4).

Mungi Ngomane (2019), ativista dos direitos humanos e neta de Desmond Tutu, que ganhou o prêmio Nobel da Paz em 1984, pelo seu trabalho para a superação da Apartheid na África do Sul, cita uma frase do famoso arcebispo: “quando queremos elogiar muito alguém, dizemos: ‘Yu, u nobuntu’, ‘ei, esta pessoa tem ubuntu’, que quer dizer que é generosa, acolhedora, benévola, solicita e compassiva” (NGOMANE, 2019).

A ecologia dos saberes permite a superação do epistemicídio provocado pela ciência moderna, acabando com um grande desperdício intelectual e político. O resgate dessas preciosas fontes de sabedoria ancestral favoreceu a reintrodução nas constituições de países como o Equador e a Bolívia, de conceitos culturais de grande potência transformadora e decolonizadora para a construção do *buen vivir*. Conceitos como a *Pachamama*, que vê a

natureza não como recurso para explorar, mas como um ser vivo fonte de vida no qual são reconhecidos os direitos de defesa e sobrevivência como o chacha *warmi*, que, em quéchua, expressa uma noção igualitária e complementar das relações entre sexos, favorecendo a emancipação das mulheres indígenas.

O Bom Viver é um conceito em construção, oriundo de um conjunto de conhecimentos dos povos andinos. O suma *qamaña* dos Aimará e o *sumak kawsay* dos *Quéchua* são experiências de convivência e de organização coletivas baseadas no bem comum, que reúnem um conjunto de significados como ‘vida plena’, ‘vida doce’, ‘vida harmoniosa’, ‘vida sublime’, ‘vida inclusiva’, e ‘saber viver’ (SOLON, 2019).

O Bem Viver não está preocupado com o progresso e o crescimento econômico exagerado, mas está ciente da importância do equilíbrio e da homeostase. “Na visão do Bem Viver, há uma luta contínua por descolonização[...]Descolonizar-se é dismantelar esses sistemas políticos, econômicos, sociais, culturais e mentais que imperam” (SOLON, 2019, p. 32).

Para construir o Bem Viver, é necessário descolonizar o nosso ser, aprender a pensar e sonhar independentemente da cultura dominante; renovar o nosso olhar e aprender a enxergar com novos focos. Trata-se de fortalecer as nossas raízes culturais, superando as categorias coloniais que amarram criatividade e imaginação. A coragem de dizer o que realmente pensamos, superando o medo de ser diferente (SOLON, 2019).

[...] dentro do Movimento, é algo que se trabalha muito essa autonomia, é se empoderar, porque as mulheres, não se empoderar somente da questão de saber que você tem resposta, pode participar, saber de tudo isso, como também na questão religiosa, muita gente, sou cristã evangélica e as pessoas às vezes diz, tu nem parece que é cristão evangélico e eu pergunto porque que eu não pareço? Porque você não traz, acredito que falem é da opressão, porque eu digo muito, a gente tem eu aprendi dentro do Movimento a questão do respeito, se empoderar não é você impor nada, é você saber que você pode participar de forma livre, leve e para que eu fique bem e o outro também, e nessa autonomia dentro das questões religiosas é algo tão lindo, que não se fala de religião, não se tem uma religião, se tem um amor comum, porque Deus ele é amor, então é isso que é trabalhado, o amor (ANEMONA, p. 6).

Como nos processos autopoieticos e socioterapêuticos da ASC, para a Epistemologia do Sul, é necessária uma cocriação de conhecimento entre os sujeitos porque não se trata de saber sobre, mas de saber com, unindo os saberes populares com os saberes acadêmicos. Por isso, não se valoriza somente o saber racional, mas se integra o conhecer como uma atividade corpórea que ativa os cinco sentidos, integrando os sentimentos e as emoções. Uma experiência que o autor define como o corazonar, um aquecimento da razão, que convive bem com afetos e intuições sem perder a razoabilidade (SANTOS, 2021, p. 37).

Todavia, infelizmente, a conexão entre a mente e o coração e as tentativas de construção de novos conhecimentos integrados na perspectiva da complexidade biopsicossocioespíritual se deparam com as consequências de um racismo estrutural que nega a equidade e dignidade de seres considerados inferiores e que incorporam a Síndrome da Colonialidade Internalizada:

[...] a imaginação humanista herdeira do humanismo renascentista não conseguiu perceber que, uma vez combinado com o colonialismo, o capitalismo seria intrinsecamente incapaz de abdicar do conceito de sub-humano enquanto parte integrante da humanidade. Ou seja, a ideia de que existem alguns grupos sociais cuja existência social não pode ser regida pela tensão entre regulação e emancipação, simplesmente porque não são completamente humanos. Na modernidade ocidental não há humanidade sem sub-humanidade. Na raiz da diferença epistemológica há uma diferença ontológica” (SANTOS, 2021).

A Sociologia das Ausências pesquisa o modo como o colonialismo produz exclusões abissais, tornando grupos de seres humanos invisíveis, descartáveis e inferiores. A Sociologia das Emergências busca valorizar os novos saberes que a Sociologia das Ausências consegue identificar no outro lado da linha abissal, capacitando e estimulando novas formas políticas de ser para a superação da exclusão.

A Abordagem Sistêmica Comunitária se insere, como metodologia socioterapêutica, nesses novos saberes que nascem para facilitar a decolonização da saúde mental e demonstra que, em determinadas condições de marginalização e de corresponsabilidade coletiva, a força da comunidade pode favorecer, autopoieticamente, a inovação das práticas de cuidado:

[...] novas avaliações de condições e experiências concretas que ressignificam subjetividades individuais e coletivas. Essas novas características, que surgem sob a forma de práticas materiais ou simbólicas, afirmam-se sempre de modo holístico, artesanal e híbrido, reconhecendo, assim, a presença multidimensional da exclusão e da opressão (SANTOS, 2021, p. 55).

Uma das características necessárias para produzir essas novas práticas emancipatórias e inclusivas é o caráter corpóreo do conhecimento. A epistemologia do Norte é fundada na ideia de sujeito epistêmico racional, que se elegera como relevante em relação ao objeto de estudo empírico que sempre está separado do pesquisador. A origem dessa separação entre corpo e alma faz parte da herança judaico-cristã, que condiciona a epistemologia eurocêntrica, não incluindo, na narrativa epistemológica, as percepções sensoriais e emocionais. Para Santos (2021), a dimensão somática do corpo é ocultada, tornando-se como uma presença ausente. Pelo contrário, para as epistemologias do Sul, trata-se de aquecer a razão, unindo a mente ao coração, o racional com as emoções, as percepções e os sentimentos, para que possa ser percebida a complexidade do ser.

Corazonar é o nome que dou ao aquecimento da razão. Uma razão que foi corazonada proporciona 'suficiências íntimas' para se continuar a lutar contra a opressão, contra todos os obstáculos. Ambos os conceitos – corazonar e suficiências íntimas - surgem das lutas dos povos indígenas e afrodescendentes da América Latina (SANTOS, 2021, p. 152).

A dimensão espiritual é intrínseca ao conceito de corazonar e alimenta a persistência e a perseverança para a superação da opressão. “Conceber o corazonar como uma emergência é vê-lo na expressão de híbrido alquímico emoções/afetos/rações e sentir/pensar inscrito nas lutas sociais.” Corazonar é se fazer próximo, desenvolver empatia pelo sofrimento injusto do outro, é ser-com, fomentando a comunhão e a solidariedade, e não, simplesmente, a filantropia. Agir criativamente, buscando novas soluções para os problemas emergentes. “Corazonar significa assumir uma responsabilidade pessoal acrescida de entender e mudar o mundo” (SANTOS, 2021).

A ASC é uma metodologia socioterapêutica baseada no princípio biopsicossocioespiritual que, como o corazonar, une as várias dimensões do ser humano para mobilizar as suficiências íntimas da pessoa, facilitando o processo de decolonização da saúde mental e de cura da Síndrome da Colonialidade Internalizada, como podemos observar nos depoimentos das mulheres envolvidas neste estudo.

[...] outra coisa muito importante é aquilo que eu faço aqui né sei que que tudo toda a experiência que eu vivenciei e vivencio é... é me mostrar quem eu sou também né a partir do... a MALVA todo mundo sabe quem é a MALVA aqui né, a MALVA é a MALVA do grupo tal[...]Influenciou muito né porque é assim eu pude voltar a estudar eu pude me formar né e eu pude realizar muitas coisas que eu antes eu não, eu era tão tímida que eu não tinha coragem de ir num médico sozinha e assim vencer né as minhas limitações reconhecer quem eu sou não, tudo isso é a partir da experiência com o Movimento; é um trabalho de autoconhecimento que a gente vem fazendo sempre e que assim, sei se eu não tivesse encontrado o Movimento, talvez eu fosse ainda aquela pessoa de vinte cinco anos atrás [...] porque eu vi que eu precisava também é melhorar algumas coisas em mim né, que eu não era só aquilo, que eu posso, eu podia muito mais (MALVA, p. 7).

[...] eu passei por três assaltos dentro de ônibus e o último foi horrível, aí foi juntando as coisas e comecei a ficar com medo até hoje, até hoje eu não ando de ônibus só, não tenho ainda coragem ainda não perdi esse medo [...] Melhorou muito, porque hoje em dia eu vou no mercantil só, saio só né, coisa que eu não fazia, só hoje eu faço, eu acho que devido né a cozinha cozinhar, também muita gente, a gente conhece né as histórias, a terapia como tinha a terapia gente vai né se conhecendo mais [...] bem agora, eu estou bem, minha autoestima também, hoje eu fico pensando assim, às vezes eu fico imaginando assim, que eu faço coisas que jamais né eu imaginava fazer, aí estou bem graças a Deus, questão de ansiedade graças a Deus estou bem. [...] Porque tipo assim, eu faço assim, na cozinha eu faço as coisas né aí as pessoas me elogiam, elogiam minhas coisas, é uma coisa que melhora minha autoestima entendeu, que elogia que eu sou rápida, que eu sou organizada, que é uma coisa que você já fica mais pra cima, coisa boa, eu acho bom quando eu, como eu sou organizada, me elogiam pelas coisas que eu faço na cozinha, as coisas que eu faço, isso já ajuda minha autoestima não é, muito bom [...] Agora está bem, porque eu durmo direito, eu não tenho aquela ansiedade como às vezes eu ficava com uma palpitação né, às vezes

ficava triste, com vontade de chorar, hoje não, hoje mais... muito bem (BORRAGEM, p. 3).

O caminho corazonado da resiliência, da determinação e da perseverança no caminho da superação, é iluminado pelas suficiências íntimas definidas como:

[...] um conjunto de recursos intrínsecos que se encontram na memória coletiva, uma reserva de sentidos a que se pode recorrer em momentos críticos para a construção de estratégias de vida. Trata-se assim de um conjunto de sentidos acumulados que dá forma a uma força social e cultural da memória coletiva...uma forma de libertar a força e o poder das nossas formas de pensar, fazer e nomear...” (SANTOS, 2021).

Para Santos (2021), suficiências íntimas representam uma maneira de resistir e de superar, que inclui a reexistência, a capacidade de se reinventar por meio da conscientização e do fortalecimento da própria identidade, fruto do autoconhecimento e da autonomia.

A partir de um outro ponto de vista, provocado pela dolorosa experiência pessoal das consequências cruéis da repressão colonialista, Fanon (1968), em sua obra “Os condenados da terra”, teoriza que essa nova existência do colonizado só é possível por meio da violência e se “os últimos serão os primeiros”. No prefácio do livro, Jean Paul Sartre explica como Fanon abre um novo capítulo na relação entre colonizadores e colonizados. Menciona todos os lugares comuns e os estereótipos que foram construídos ao longo da colonização, para justificar o processo de desumanização e de lavagem cerebral necessários para dominar, subjugar as populações invadidas, para reduzi-las à mão de obra sem direitos e sem reconhecimento social. “A elite europeia tentou engendrar um Indigenato de elite; selecionava adolescentes, gravava-lhes na testa, com ferro em brasa, os princípios da cultura ocidental”.

Para o filósofo francês, Fanon apresenta um diagnóstico escandaloso, com uma imagem da Europa agonizante que, de sujeito colonizador, passa a ser objeto passível de julgamento e condenação, permitindo ao Terceiro Mundo denunciar os crimes da agressão imperialista. “Nosso maquiavelismo tem poucos poderes sobre este mundo extremamente vigilante que desmascarou uma após a outra as nossas mentiras” (FANON, 1968).

As palavras de Sartre como europeu consciente dessa tragédia histórica evocam a responsabilidade dos colonizadores nessa empreitada anti-humanista, expondo as vísceras e as feridas profundas provocadas pela suposta civilização das nações consideradas subdesenvolvidas.

[...] ninguém pode sem crime espoliar seu semelhante, escravizá-lo ou matá-lo, eles dão por assente que o colonizado não é semelhante do homem. Nossa tropa de choque recebeu a missão de transformar esta certeza abstrata em realidade: a ordem é rebaixar os habitantes do território anexado ao nível de macaco superior para justificar que os colonos os tratem como bestas de carga. A violência colonial tem somente o objetivo

de garantir o respeito desses homens subjugados; procura desumanizá-los. Nada deve ser poupado para liquidar suas tradições, para substituir a língua deles pela nossa, para destruir a sua cultura sem lhes dar a nossa; é preciso embrutecê-los pela fadiga. Desnutridos, enfermos, se ainda resistem, o medo concluirá o trabalho: assestam-se os fuzis sobre o camponês, vem civis que se instalam na terra e obrigam a cultivá-la para eles. Se resiste os soldados atiram, é um homem morto. Se cede, degrada-se, não é mais um homem; a vergonha e o temor vão fender-lhe o caráter, desintegrar-lhe a personalidade...o resultado, nem homem nem animal é o indígena. Derrotado, subalimentado, doente, amedrontado, mas só até certo ponto, tem ele, seja amarelo, negro ou branco, sempre os mesmos traços de caráter: é um preguiçoso, sonso e ladrão, que vive de nada e que só reconhece a força (FANON, 1968, p. 10).

As consequências psíquicas são terríveis e podem desencadear fenômenos de alienação que, às vezes, perpassam a dimensão da espiritualidade com manifestações que recordam o fenômeno das possessões. “Em termos de psiquiatria, ei-los ‘traumatizados’...O Indigenato é uma neurose introduzida e mantida pelo colono entre os colonizadores com o consentimento dele. Reclamar e renegar, a um só tempo a condição humana: a contradição é explosiva.”

Eu disse eu quero, mas eu só não quero que o senhor me interne porque toda vida que eu ia para hospital que acabava os remédios controlados, eles me davam encaminhamento para me internar no hospital de louco porque sempre eu falava que tinha um peso na minha cabeça era como se fosse um chapéu de ferro e gente, era uma dor muito grande doía até a alma ele achava que era loucura porque eu mesma disse eu não sou louca. eu estou muito triste eu tenho uma tristeza que dói na alma”. (ERVA GATO, p. 2).

Fanon (1968) aposta no potencial revolucionário dos camponeses, que vivem em situações extremamente difíceis, e que não teriam nada para perder, se não uma vida de miséria, de exclusão e sem perspectivas de um futuro melhor. Para o autor, só a violência pode apagar as consequências das torturas físicas e psicológicas sofridas pelos oprimidos e “o colonizado se cura da neurose colonial passando o colono pelas armas” (FANON, 1968).

Em sua obra “Pele negra, máscaras brancas” (FANON, 2008), o autor reflete sobre o complexo de dependência do colonizado. Crítica e discorda do ponto de partida do psicanalista Mannoni, que defende a tese de que pode existir uma predisposição inata para o complexo de inferioridade dos colonizados. Fanon resgata a ideia central do trabalho de Mannoni que descreve o confronto entre os “civilizados” e os “primitivos” como a situação colonial, definida como “um conjunto de ilusões e mal-entendidos que somente a análise psicológica pode situar e definir.” (FANON, 2008).

Veementemente, Fanon afirma: “uma sociedade é racista ou não é” e continua dizendo que “é o racista que cria o inferiorizado.” É necessário superar a falsa ilusão que define como aceitável uma situação de dependência, que vivenciada sem grandes perturbações na convivência com os patrões, mitigaria a sensação de inferioridade. O complexo de inferioridade

e de dependência do oprimido é funcional ao complexo de superioridade e de autoridade do opressor, que retirou a dignidade e a autonomia do dominado. O inferior tenta ser parecido com o branco para que o branco possa reconhecer a sua humanidade perdida na repressão.

[...] começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, ‘que sou uma besta fera, que o meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo’. Então, tentarei simplesmente fazer-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer a minha humanidade (FANON, 2008, p. 94).

Fanon afirma: “para o negro, há apenas um destino. E ele é branco”. O absurdo é que, para ser branco, tem que renunciar à sua negritude, um atentado à sua própria essência, seus valores e crenças. Uma autoagressão com consequências psíquicas destrutivas. Não se trata só de uma questão individual, psicológica ou existencial. Para que o negro consiga superar o complexo de inferioridade, necessita tomar consciência do seu contexto socioeconômico. Existe uma dimensão subjetiva que é necessário trabalhar para que a pessoa possa evoluir, superando a inferioridade internalizada, mas não se pode evitar de integrar a questão objetiva das circunstâncias socioeconômicas, que o psiquiatra martinicano define como a sociogenia de um complexo psicoexistencial presente na convivência inter-racial. Para Fanon, “a alienação do negro não é apenas uma questão individual. Ao lado da filogenia e da ontogenia, há uma sociogenia [...], o que pretendemos aqui é estabelecer um sociodiagnóstico.” Por isso se trata de descolonizar e desalienar a mente.

De uma vez por todas, a realidade exige uma compreensão total. No plano objetivo como no plano subjetivo, uma solução deve ser encontrada [...] só haverá uma autêntica desalienação na medida em que as coisas, no sentido o mais materialista, tenham tomado os seus devidos lugares. É de bom tom preceder uma obra de psicologia por uma tomada de posição metodológica. Fugiremos à regra. Deixaremos os métodos para os botânicos e os matemáticos. Existe um ponto em que os métodos se dissolvem. Tentamos descobrir as diferentes posições que o preto adota diante da civilização branca. [...] Diante da convivência das raças branca e negra, pensamos que existe uma assunção em massa de um complexo psicoexistencial. [...] As atitudes que me proponho a descrever são verdadeiras. Eu as encontrei um número incalculável de vezes. Entre os estudantes, os operários, os cafetões de Pigalle ou de Marselha, identifiquei a mesma componente de agressividade e de passividade. Esta obra é um estudo clínico. Acredito que aqueles que com ela se identificarem terão dado um passo à frente. Quero sinceramente levar meu irmão negro ou branco a sacudir energicamente o lamentável uniforme tecido durante séculos de incompreensão (FANON, 2008, p. 29).

Para Du Bois (2021), que parte de uma experiência negra para compreender o mundo, a liberdade e a cidadania nunca foram independentes da condição negra. A subalternidade vem

mantida na estratificação das classes sociais em que a violência da escravidão vem substituída pela violência do racismo, que aprisiona dentro de uma autoimagem distorcida que gera o estigma da inferioridade.

[...] diante do preconceito inominado que tudo domina ele permanece indefeso, submisso e quase mudo; diante do desrespeito pessoal e da galhofa, da ridicularização e da humilhação sistemática, da distorção dos fatos e dos injustificáveis caprichos, do cínico desconhecimento do que existe de melhor e do ruidoso alarde sobre o que há de pior, do desejo onipresente de inculcar o desdém em relação a tudo que é negro, de Touissaint ao diabo – diante disso surge o desespero agoniado que desmobilizaria e desencorajaria qualquer nação, a não ser a hoste de negros para quem não existe a palavra ‘desencorajar’. Mas ao encarar tamanho preconceito seria impossível não surgir o inevitável autoquestionamento, a autodepreciação e a desvalorização de ideias que sempre acompanham a repressão e criam uma atmosfera de desprezo e de ódio (DU BOIS, 2021, p. 28).

Um dos conceitos fundamentais elaborados pelo autor é da dupla consciência, observando, também, que existe um véu que condiciona a percepção de si mesmos e, por outro lado, a percepção da realidade social assim como ela é. A consciência dual é a experiência de se ver com os olhos dos outros, já sentindo a carga do desprezo e da exclusão provocada pela diferença racial. Ser negro e ser respeitado como cidadão é uma experiência incompatível com as normas sociais, silenciosamente, impostas, nas quais o “estranho significado de ser preto” leva a uma cisão que não favorece uma autoestima saudável. Para o autor, o racismo é uma condição existencial que condiciona a formação de uma alma adoecida, despedaçada, fragmentada, que atinge os dois lados raciais.

Para superar a dupla consciência, é necessário um processo de fusão que, além de ser um esforço mental e emocional, requer uma consciência política, uma consciência negra, para restabelecer a justiça estrutural necessária para superar as consequências devastadoras da segregação racial. Trata-se de rasgar o véu que separa os mundos simultâneos das diferentes raças, separadas pela linha ou barreira de cor, e isso só é possível mobilizando os recursos intelectuais multidisciplinares das ciências sociais (DU BOIS, 2021).

[...] Gente eu era analfabeta de pai e mãe, eu não tinha autonomia de nada tudo que eu tinha era devido meu marido se eu precisasse de me dar um real, ‘para que tu quer?’ né que sempre pergunta, até as minhas roupas íntimas que comprava era ele porque eu não andava no centro, porque o dinheiro era dele [...] enxergar o tanto que a gente não é obrigada a ser escrava porque eu não achava que aquilo era uma escravidão, eu achei que era uma obrigação, eu casei pronto, o mundo morreu para mim, que só o que era vida era só meus filhos e o marido, eu não tinha mais direito de ver o mundo lá fora, é tanto que eu pedi para estudar, ele não deixou porque eu era uma senhora casada, não podia estudar e para mim estava tudo bom e quando a gente começa a enxergar que aquilo ali não é verdadeiro, você não casou mas você não é uma escrava, você não é uma propriedade daquele homem, poxa eu enxerguei o mundo lá fora, porque eu deixei de ser aquela escrava, deixei de ser aquela propriedade, ou você é isso e pronto, você é analfabeta você fica aí, você depende de mim... (ERVA GATO).

Nesta perspectiva, a Síndrome da Colonialidade Internalizada é identificada por meio das práticas socioterapêuticas que acolhem a complexidade do sofrimento psíquico da pessoa, que manifesta uma sintomatologia biopsicossocioespiritual, reflexo de uma dor existencial profunda. As PICS favorecem um processo de autoconhecimento que supera as barreiras de uma autopercepção distorcida e condicionada pelos preconceitos e pelos complexos de inferioridade, adquiridos pelos padrões de comportamento familiar e pela herança da árvore genealógica escravizada. Os progressos autopoieticos dos grupos terapêuticos permitem um processo de decolonização da saúde mental, estimulando a necessidade de reexistir, de se renovar e cuidar da própria essência, gravemente danificada pela alienação e pela violência do racismo estrutural oriundo do colonialismo. Permite adquirir a importância da consciência da circularidade do cuidado, para aprender a cuidar de si para cuidar dos outros. Isso facilita o processo de solidariedade e de corresponsabilidade, necessário para transformar o mundo colonizado, fragmentado, separado pela linha abissal da injustiça estrutural, em um mundo mais fraterno, mais justo e mais humano (MSM, 2019).

[...] eu estava passando um momento muito difícil na época, não estava bem, já tinha tido depressão, estava vindo mais forte né, e ela, e quando eu comecei a conhecer o Movimento foi muito importante porque eu não sabia quem eu era né, depois que comecei a participar, minha vida mudou muito, eu me conheci mais, eu comecei a gostar mais das terapias e aí foi me ajudando em tudo [...] A depressão sim foi a pior fase que eu já tive, porque eu não sabia né o que era, porque eu cheguei num estágio que eu não me conhecia quem eu era né, agora conhecendo outras coisas, isso já passou, hoje em dia já sei me cuidar mais, foi uma época muito difícil, essa época eu deixei pra trás né (ASTER).

[...] Bem, hoje posso dizer que eu sou outra pessoa, eu me conheço, assim... sei me cuidar, hoje sou outra pessoa [...] Tudo, tudo para melhor, porque eu agarrei toda oportunidade que não tinha né, ali que eu vi que tinha o acolhimento, como aprender né, aprendi outras coisas, que eu não sabia, hoje tem muitas, por exemplo eu não sabia fazer pão né, hoje eu já sei fazer outras coisas, não era só aquilo que... hoje eu vejo outro horizonte [...] porque nas práticas que eu aprendi me serviu, na época que começou a Pandemia. Como respirar, como lidar com o desconhecido, o medo, foi muito importante que eu aprendi lá, e eu levo para minha vida inteira, como me cuidar, como cuidar de mim mesma né, eu só posso cuidar de outra pessoa se eu me cuido primeiro, foi tudo de bom. [...] De experiência assim que eu acho que marcou toda a minha vida, que eu me conheci, foi participar da Gastronomia, que eu descobri que eu posso muito mais além, isso ficou muito importante (ASTER).

5.5 Degeneração de gênero: a mulher coisificada

A Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC) vem-se construindo perante o processo autopoietico que a comunidade vivencia nas várias atividades socioterapêuticas. As mulheres representam mais de 70% do público atendido. Neste estudo, escolhemos um grupo representativo de 15 mulheres que, nos depoimentos, contam a sua própria história e como a

sua participação nas várias atividades do Movimento Saúde Mental (MSM) proporcionou mudanças na sua qualidade de vida.

[...] Eu me senti muito acolhida. Eu sempre digo que o movimento é essa casa de acolhida né, eu passei por todo esse processo [...] na época eu fiquei muito preocupada porque eu tenho uma outra crença religiosa né [...] Aqui a gente acolhe pessoas de todos os credos né, de todas as crenças. Então, para mim é essa acolhida sabe, do jeito que eu era né, porque eu sou hoje totalmente diferente (SALVIA, p. 4).

Acolher é o primeiro passo da ASC e revela-se como um momento fundamental para que a pessoa se sinta à vontade, assim como ela é, sem ter que usar máscaras para esconder a própria origem, a própria essência. Uma acolhida empática e incondicional que promove o autoconhecimento, uma nova percepção de si mesma, que deixa florescer a vontade de se aceitar, de se valorizar e de se autorrealizar (MSM, 2019).

Do jeito que eu era, da forma né, muito inexperiente e assim, eles me acolheram pegando aquilo que eu sabia fazer de melhor né? [...] eu me senti muito "há é aqui o lugar". E aquela angústia que eu estava tendo, que eu falei, passou, porque eu "poxa aqui eu posso ser quem eu sou de verdade né, sem precisar ir para uma entrevista de emprego e dizer que eu morava, por exemplo, na Granja Portugal". Quando você diz no Bom Jardim, Bom Jardim e Granja, faz tudo parte do grande Bom Jardim, então, eu ia para alguma entrevista eu não dizia que eu morava no Bom Jardim, porque se não, era desclassificada na hora, olha "eu moro na Granja Portugal, é vizinho ao Conjunto Ceará, porque o Conjunto Ceará é um bairro bom né? Granja Portugal é vizinho, só que eu moro no Bom Jardim, então eu não precisava mentir, eu não precisava omitir quem eu era e hoje eu morro de orgulho de dizer que eu moro no Bom Jardim. Eu vou fazer entrevista em todo lugar pessoal diz e aí "Olha, sou a SALVIA, moradora do Bom Jardim". Então isso fez eu me empoderar sabe e pertencer a essa comunidade. Isso é muito bom. A gente se sentir livre né" (SALVIA, p. 4).

A coisificação da mulher é uma das causas principais do desenvolvimento da Síndrome da Colonialidade Internalizada (SCI), que foi identificada ao longo de mais de 26 anos de trabalho do autor deste estudo como padre e médico psiquiatra. Uma síndrome que proporciona uma degeneração de gênero, com uma série de consequências graves na autoimagem e na dignidade da pessoa.

Antes... eu libertei de certas coisas não é, que ele dizia que eu não servia mais. Depois do Movimento eu me libertei, eu posso, eu posso ir adiante, é tão provável que, quando eu terminei o curso na Gastronomia, eu fui fazer o Florescer, eu posso ir além, eu sou líder de mim mesma (ASTER, p. 7).

[...] aí eu comecei a pensar, eu não sou criança, eu sou adulta, entendeu, aí ele dizia não vai, aí eu não ia, eu vou sair, ele não vai, eu não ia, quando foi um dia eu disse eu vou sair, eu vou sair porque eu sou adulta, eu não sou escrava, pronto, aí saí. Pronto, hoje em dia saio, só digo vou sair, sair para onde, vou sair pronto só isso..." (CAMPANULA, p. 7).

Como Boaventura de Sousa Santos afirma frequentemente, uma das razões que provoca uma inferiorização da mulher é fruto do poder do patriarcado que rege a dominação autoritária masculina ao longo da história.

[...] Hoje eu sou outra pessoa né, na época, quando eu cheguei aqui, eu vivia num relacionamento abusivo né. É uma pessoa que, terminei a faculdade e aqui no movimento tive a oportunidade de fazer outra faculdade. No dia da inscrição, ele disse: ‘não, você já fez, já terminou sua faculdade, está bom, você não vai mais não’[...] naquele dia né, e já outras vezes eu ia para por exemplo para a biodança, eu vinha com a roupa de trabalho aí dizia olha hoje eu vou ter que trabalhar até tarde, porque eu tenho que fazer um relatório, mas era tudo mentira; eu ia para o Siqueira que é um espaço que nós temos, a pessoa me emprestava uma roupa eu fazia biodança, depois vestir a minha roupa e chegava em casa como se não tivesse feito porque ele não queria que eu fizesse as práticas, porque ele estava vendo que aquilo ali estava me deixando diferente, eu já respondia, eu já não tinha medo né, eu já... me emociona falar disso sabe, já não era mais aquela pessoa que dava um sim, sim, sim; se eu olhar para isso hoje né há catorze anos atrás me dizer poxa, quem eu sou hoje, eu que ia escondida fazer isso; mas o processo do autoconhecimento é incrível sabe, a Abordagem Sistêmica Comunitária, por isso que eu falo dela com tanto amor, porque é uma potência de transformar a vida de uma pessoa, uma pessoa que quer, que quer se ver, aí a gente passa a não ter medo, a querer fazer o que a gente quer, ajudar outras pessoas e crescer; quem eu era antes e quem eu sou hoje é outra SALVIA sabe, eu nem reconheço mais aquela (SALVIA, p. 7).

Gerda Lerner (2019), autora do livro “A Criação do Patriarcado”, descreve quais são as principais características desse fenômeno histórico de opressão e de exclusão da mulher. Para a autora, tudo iniciou negando o passado das mulheres que foram, sistematicamente, excluídas dos livros de história, sendo consideradas irrelevantes. Sem saber de onde vieram, sem um ponto de partida, não podem emancipar-se e acabam aceitando a ideologia de gênero imposta pelo patriarcado, que destrói a autoestima individual da pessoa considerada biologicamente inferior.

Ferrara (2019), “a partir de uma concepção interseccionalista”, pretende facilitar a compreensão da complexidade dos vários fatores que concorrem na geração das diferenças e das desigualdades sociais, incluindo as concepções do feminismo descolonial latino-americano e de suas autoras indígenas, negras e lésbicas. A autora pretende demonstrar:

[...] uma conexão entre teorias que evidenciam os sintomas do colonialismo nas sociedades atuais e teorias que apresentam reflexões sobre os mesmos traços associados aos sinais da histórica dominação masculina. Essa conexão é possibilitada justamente através da interseccionalidade, que é, em uma explicação breve, ‘a forma como, na constituição da subjetividade e da identidade dos sujeitos, diversas categorias como raça, classe, gênero, religião, idade, orientação sexual etc., se cruzam produzindo formas particulares de opressão ou privilégio. A interseção é responsável pela formação de um sujeito específico e, conseqüentemente, de determinados lugares sociais, de formas de ser e estar no mundo e relações interpessoais (OLIVEIRA, 2006, p. 66).

A encarnação desta dominação masculina vivenciada na atitude abusiva e repressiva do companheiro machista é sistemática:

[...] aí ele estranha né, porque ninguém manda em mim, só Deus, aí eu digo você não manda em mim, que eu não sou criança, eu não sou sua filha, eu não sou escrava e nem sou sua empregada, eu digo desse jeito e eu digo fui, e vou, que horas tu vem, eu digo não sei, eu sei que horas que eu vou, aí é desse jeito que eu respondo pronto. Ele disse assim, 'eu queria que tu voltasse a ser o que tu era...', eu digo eu não consigo mais é daqui para frente! (CAMPANULA, p. 8).

É porque a autonomia das mulheres, a independência das mulheres, assusta muito aos homens não é, por conta dessa sociedade machista que ainda é muito enraizada, eu tenho alunas que deixam de estudar com dezesseis, dezessete anos porque arranjam um rapaz que não deixa elas estudarem mais e para mim isso é um absurdo. Mas quando eu percebo algo desse tipo eu chamo, converso, eu não estou querendo decidir sua vida, você decide a sua vida porque você é dona da sua vida, mas pense bem (PAPOULA, p. 9).

Lerner (2019) descreve as influências do patriarcado na organização familiar, na economia, nas burocracias religiosas e administrativas, que acabam afetando, psicologicamente, as mulheres, programadas culturalmente para aceitar a superioridade masculina até nos espaços sagrados e na cosmogonia, com a supremacia da divindade masculina.

[...] Porque eu sentia muita vergonha e tinha inveja, se inveja fosse pecado eu pequei muito antes de aprender a ler, porque eu tinha inveja das pessoas que assinavam nome, podiam levar um filho para o médico, entendeu. E ele disse assim não "Erva Gato", mas você pode estudar, a gente tem um tem um projeto aqui faz alfabetização de adultos e você vai estudar, aí você não peça seu marido você comunica a ele, hoje eu vou para a escola eu vou no colégio vou estudar aí foi assim que eu fiz né" (ERVA GATO, p. 3).

O patriarcado procede de um estado arcaico em que a mulher virou um objeto de troca, uma mercadoria para criar e manter alianças entre grupos masculinos. "O primeiro papel social da mulher definido pelo gênero foi ser trocada em transações de casamento". A apropriação da sexualidade feminina precede a propriedade privada e a formação das classes sociais. A mulher, além da sua dimensão sexual, assume um valor especial por seu poder de reprodução, de gerar filhos, guerreiros potenciais ou mão de obra preciosa para a sobrevivência da família e do grupo.

O processo de dominação dos grupos masculinos sobre os grupos femininos estende-se aos grupos dos inimigos capturados, fenômeno que determinou o início da institucionalização da escravidão (LERNER, 2019):

Mulheres eram trocadas ou compradas em casamentos para benefício de suas famílias. Depois, elas foram dominadas ou compradas para a escravidão, quando seus serviços sexuais eram parte de sua mão de obra e seus filhos eram propriedade de seus senhores. Em toda sociedade conhecida, as mulheres das tribos conquistadas eram

escravizadas primeiro, enquanto os homens eram mortos. Somente depois que os homens aprenderam como escravizar as mulheres dos grupos que podiam ser definidos como estranhos, é que eles aprenderam a escravizar os homens desses grupos e, em seguida, grupos subordinados de suas próprias sociedades. Dessa forma, a escravidão de mulheres, combinando tanto o racismo quanto o machismo, precedeu a formação de classes e a opressão de classes. As diferenças de classes foram, em seu início, expressas e constituídas em termos de relações patriarcais. A classe não é um constructo separado do gênero. Em vez disso, a classe é expressa em termos relacionados ao gênero (LERNER, 2019, p. 291).

No entanto, existe uma diferença de papéis entre homens e mulheres na sociedade escravocrata. A exploração sexual da mulher é uma das características onipresentes em todas as épocas e, “para as mulheres, a exploração sexual é a própria marca da exploração de classe”, com diferentes graus de falta de liberdade, atuando como escrava, como concubina ou em algum caso como esposa “livre” até adquirindo direitos legais. Portanto, de fato, é o tipo de vínculo e de comportamento sexual com um homem, que define o status da classe da mulher. No caso do homem, a classe social é definida pelo poder econômico e pelas propriedades.

‘Mulheres respeitáveis’ ganham acesso à classe por meio de pais e maridos, mas quebrar as regras sexuais pode rebaixá-las de classe. A definição sexual de ‘desvio’ marca uma mulher como ‘não respeitável’, o que de fato confere a ela o mais baixo status social possível. As mulheres que se abstêm de serviços heterossexuais (tais como mulheres solteiras, freiras, lésbicas) estão conectadas ao homem dominante de sua família de origem e, através dele, recebem acesso a recursos. Ou, de outra forma, são rebaixadas [...] Mas a grande maioria de mulheres solteiras é, por definição, marginalizada e dependente da proteção de parentes homens. Isso se provou verdadeiro ao longo da história até meados do século XX no mundo ocidental, e hoje ainda é verdade na maioria dos países subdesenvolvidos (LERNER, 2019, p. 294).

Eu estou muito satisfeita não é, assim eu me vejo com quinze anos e eu percebo que era zero noção de tudo que eu poderia ser né, e a questão de ver a vida de outra forma me impulsionou a estudar né, a querer mais do que um casamento, porque no meu entendimento eu tinha que casar porque eu não era mais virgem não é, cultura né, não era mais virgem então para ser justificada e aceita eu tinha que ter um casamento e aí eu ingressei em um casamento muito ruim, um relacionamento que foi bem complicado para mim bem abusivo não é?(COENTRO, p. 6).

O paradoxo é que o patriarcado só pode funcionar se as mulheres colaboram e retroalimentam os comportamentos de submissão e de corresponsabilidade, admitindo uma inferioridade existencial em relação ao poder masculino. A falta de conhecimento da história das mulheres e de suas tentativas de emancipação, a falta da rebeldia necessária para reverter paradigmas obsoletos de dominação baseada na violência e nas relações abusivas, a corresponsabilidade na transmissão intergeracional dos padrões patriarcais de comportamento feminino e masculino são algumas das possíveis atitudes de mulheres conformadas ao modelo hegemônico. Recatadas e do lar.

A aceitação silenciosa da definição de “desvio não respeitável” no caso de não adesão ao papel heterossexual esperado, ou pior, a aceitação de privilégios ou recompensas para a adesão incondicional e obediente aos “chefes” perpetuam comportamentos funcionais à manutenção do sistema de dominação machista, sexista, homofóbico e racista (LERNER, 2019).

Os recentes escândalos dos diretores da Caixa Econômica Federal, envolvidos na exploração sexual e na chantagem sistemática de funcionárias da empresa, as dificuldades dessas mulheres em denunciar os responsáveis, por medo de represálias ou de ser expostas como “desviantes não respeitáveis” mostram, com clareza, a potência repressiva do modelo patriarcal. Uma atitude velada, mas sempre presente nos abusadores que pretendem explorar a mulher como objeto e propriedade privada, sem medir as consequências psicológicas de um assédio e de tais comportamentos abusivos e antiéticos, contando com a cobertura e a impunidade garantida com frequência.

A Síndrome da Colonialidade Internalizada está enraizada nessas atitudes da mulher submissa, que aceita a própria subordinação, admitindo uma inferioridade estrutural, como se essa diferença de valor fosse biológica e não histórica, deixando-se moldar e moldando a própria dimensão feminina, como subalterna e dependente.

[...] uma delas voltou a estudar, se separou, porque viu que o relacionamento era um relacionamento abusivo né.[...] infelizmente, como muitas mulheres que a gente vê lá, que os maridos a impedem de fazer as coisas por medo de perder não é, porque eles querem ter o controle delas, eles não veem elas pessoas, como companheiras, veem como objetos não é, como algo que eles têm que ter posse daquilo ali, isso é muito ruim, difícil, mas aos pouquinhos, a gente consegue e desmistificando esse machismo da sociedade como um todo e aqui no Bom Jardim então, apesar de já ter melhorado muito até, eu penso que seja por conta da presença do Movimento de Saúde Mental no Bom Jardim, porque quando o padre Rino chegou aqui antes; eu era difícil, muito triste, muito mesmo, mas já melhorou muito (PAPOULA, p. 9).

Por que que você acha que um curso, a capacitação, aliado com essas terapias do Movimento ajuda na vida das mulheres? Ajuda sim, ajuda na autoestima, ajuda a gente a saber que a gente é capaz, não é? A lutar pela gente mesmo, a se amar, e foi o que o CAPS mostra, o que os cursos mostram, o Movimento mostra isso para a gente, que a gente tem que se amar primeiramente. (CROCUS, p. 5).

A falta de consciência histórica das inúmeras tentativas de outras mulheres, de se organizarem para a superação dos modelos paternalistas e patriarcais, paralisa o potencial evolutivo e a emancipação. Nos processos autopoieticos da Abordagem Sistêmica Comunitária, por meio das dinâmicas e das vivências dos grupos socioterapêuticos, as mulheres resgatam a própria história, ressignificando o passado com as suas dimensões dolorosas, mas também com a descoberta de novas possibilidades. Constrói-se uma nova história, para a libertação das

mulheres das correntes da colonialidade. Nos relatos das mulheres deste trabalho, percebe-se como não foi fácil desvincular-se do padrão patriarcal, “desobedecendo às regras” e apropriando-se do direito de realizar os próprios sonhos.

[...] para você ter ideia, eu ouvi do meu ex-marido que eu era vagabunda desde pequena. Desculpa a expressão, mas foi assim que ele falou né, então, assim tudo pela pressa de um casamento para ser justificada entendeu, então, assim quando eu comecei a ver a vida de outra forma não é, não procurei o padre Rino eu já estava nesse relacionamento não é, e aí eu teimeei, casei, mas foi bom porque eu tive filhos né, mas assim depois também eu saí e hoje eu vejo a vida de uma maneira muito diferente (COENTRO, p. 6).

Como podemos perceber nos relatos das mulheres, a Síndrome da Colonialidade Internalizada manifesta-se nos vários âmbitos da vida, condicionando a autoestima, a autonomia, e a autoaceitação, mostrando as consequências da associação da opressão de gênero e do racismo multidimensional (SOUZA, 2021).

Hoje em dia, eu não ligo para o que as pessoas vão falar, se vão falar, se vão me criticar. Eu não ligo muito, eu estou bem comigo mesma, e as terapias me ajudaram muito. Junto com a psicóloga, com a terapia, eu fui me aceitando mais, não fui ligando assim para o que poderia ocorrer na frente, fui me preocupando com o que vai acontecer hoje, comigo hoje, como eu estou hoje, como eu vou estar hoje, e me ajudou muito (CROCUS, p. 3).

[...] a nossa vontade de ‘retuitar’ isso para comunidade também é tão grande, que você começa, a sua terapia passar a ser a trazer outras pessoas não é para que elas possam ser transformadas não é, para que elas possam se encontrar, para que elas possam reviver essa vontade de vida e na abordagem sistêmica comunitária ensina muito isso né, porque ensina viver em comunidade, ensina se reconhecer como ser humano, ensina a entender que a nossa posição social não vai ser usada negativamente, muito pelo contrário a nossa posição social é uma posição à qual nós temos a oportunidade de mudar a nossa história e de buscar meios de ressignificar a nossa vida e assim a vida da comunidade, que é como ensina a abordagem sistêmica comunitária, que é o convívio comunitário e essa promoção da vida entre a comunidade (ZINIA, p. 3).

Ferrara (2019) afirma que, “Com base na análise interseccional, portanto, pode-se associar a categoria de opressão gerada pelo colonialismo à gerada pela dominação masculina, situando a mulher colonizada em uma condição de dupla opressão.”

Assim, as mulheres exasperadas e indignadas por tanta injustiça estrutural começaram a se organizar, traçando novos caminhos de conscientização e de cura das consequências da colonialidade, visando à libertação do cabresto dessa dupla opressão.

Uma das vertentes desse processo de emancipação é a produção acadêmica, condicionada pela epistemologia do Norte (SANTOS, 2021), que, como vimos, contribui, passivamente, para a continuidade dessa opressão.

5.6 Decolonial e Descolonial

Vivian Matias dos Santos (2018), em “Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência”, vibra, afirmando em seu artigo, que: “Como maior contribuição, traz para o centro do debate a desobediência epistêmica como necessária à crítica feminista - como contraposição não somente ao sexismo de modo abstrato, mas que o compreenda como parte indissociável das relações raciais, étnicas, econômicas e epistêmicas”.

A autora, em sua trajetória acadêmica, define o “olhar decolonial” como o processo inicial e necessário para questionar o paradigma eurocêntrico dominante que exclui e discrimina epistemologicamente, e que, conseqüentemente, gerou a insubmissão da crítica feminista à ciência. Dos Santos (2018) percebe que, entre os autores decoloniais, não há consenso sobre o uso da palavra decolonial, ou o sinônimo descolonial, e pergunta-se como diferenciar essas duas expressões que carregam uma densidade teórica e política significativa.

Para a autora, o decolonial define um processo de colonização que se estende mesmo depois da saída dos colonizadores; vai além do contexto econômico e político e abrange vários aspectos existenciais da população colonizada, continuando um condicionamento cultural que perpetua os mecanismos de dominação de forma mais sutil.

A missão decolonial é aquela de desmascarar a colonialidade, fenômeno residual da presença dominadora, detectando e desarmando as armadilhas ideológicas e culturais que continuam sustentando os interesses dos opressores.

O descolonial seria uma contraposição mais direta ao colonialismo, “já que o termo descolonização é utilizado para se referir ao processo histórico de ascensão dos Estados-nação após terem fim as administrações coloniais.”

[...] a continuidade da estrutura de poder colonial e, portanto, da dominação colonial, por meio do que denomina colonialidade sendo, então, posta a necessidade de um movimento teórico-político de contraposição: o decolonial. Conforme Quijano (1992), a colonialidade, como permanência da estrutura de poder colonial, tem como principais alicerces: a “racialização” e as intrínsecas formas racializadas das relações de produção; o “eurocentrismo”, como forma de produção e controle das subjetividades, das existências; a hegemonia do “Estado-nação” que, como processo intrínseco, após o colonialismo, é construído como periferia. Assim, por estes alicerces, o empreendimento colonial permanece vivo, concretizando-se como colonialidade do poder, do saber e do ser (SANTOS, 2018).

É a energia da colonialidade que condiciona, por meio do poder e do saber hegemônico, os comportamentos, as atitudes, as reações e as percepções dos povos colonizados. Só assim se pode explicar como seres, com uma herança ancestral nobre e bastante desenvolvida, mulheres

que já foram descendentes de rainhas e princesas, possam sentir-se reduzidas ao nível de “Toco pra cachorro mijar” (SOUZA, 2021, p. 30).

Uma coisa muito pesada que ficou comigo por muito tempo, que está comigo ainda é que eu lutei bastante, reagi, bastante na hora da violência e no final quando ele conseguiu me amarrar e fazer o que queria, ele disse que não adiantava lutar, que não adiantou lutar tanto porque ele conseguiu o que ele queria e aquilo mexe comigo de uma forma que toda vez que eu vou fazer alguma coisa muito difícil eu fico pensando... e quando eu supero né eu penso, não, eu posso lutar, lutar e conseguir alguma coisa e conseguir o que eu quero. Então o que eu posso dizer é isso, que cada um tem que encontrar sua maneira de conviver com o que aconteceu com você (GERANIO).

A colonização desumaniza e é fundada no desprezo do ser humano nativo, acostuma o colonizador a ver o outro como animal, a se capacitar para tratar o subalterno como bicho e, finalmente, o verdugo se desfigura em animal sem traços de humanidade.

Entre colonizador e colonizado, só há espaço para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o desprezo, a desconfiança, o necrotério, a presunção, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas. Nenhum contato humano, porém, relações de dominação e submissão que transformam o homem colonizador em peão, em capataz, em carcereiro, em açoite, e o homem nativo em instrumento de produção. É minha vez de apresentar uma equação colonização = coisificação. [...] Falo de milhões de homens arrancados a seus deuses, suas terras, seus costumes, sua vida, a dança, a sabedoria. Estou falando de milhões de homens que foram inteligentemente inculcados o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, o ajoelhar-se, o desespero, o servilismo (CÉSAIRE AIMÉ, 2020, p. 24-25).

Os relatos de um grande cientista, como Darwin, criador do evolucionismo, traz-nos uma percepção, quatro séculos depois da invasão e do “en-cobrimento” das terras ameríndias, de como a coisificação do ser humano colonizado se manifesta nas atitudes cruéis, insensíveis, e insensatas dos colonizadores:

No dia 19 de agosto, finalmente, deixamos as praias do Brasil. Agradeço a Deus e espero nunca mais visitar outra vez um país escravocrata [...] Ouvi os mais terríveis gemidos e suspeitei que algum pobre escravo estivesse sendo torturado [...] Perto do Rio de Janeiro, morei em frente a uma velha senhora que guardava tarraxas para esmagar os dedos de suas escravas. Fiquei em uma casa onde um jovem mulato era diariamente e a cada hora maltratado, espancado e atormentado, de um modo suficiente para aniquilar o espírito do animal mais miserável. Vi um garotinho de seis ou sete anos de idade ser atingido três vezes na cabeça por um chicote de açoitar cavalos (antes que eu pudesse interferir) simplesmente por ter me alcançado um copo de água que não estava bem limpo. Vi seu pai tremer apenas com um relance do olhar de seu mestre [...] Vi, no Rio de Janeiro, um negro forte temeroso de se proteger de um golpe direcionado, como ele pensou, a seu rosto. Estive presente quando um homem de bom coração estava prestes a separar para sempre homens, mulheres e crianças de um grande número de famílias que por muito tempo haviam vivido juntas. [...] Em verdade, nem teria mencionado tais revoltantes detalhes, se não tivesse encontrado tantas pessoas cegas pela alegria de viver associada ao negro, a ponto de falarem da escravidão como um mal tolerável. [...] Esses atos são praticados e

mitigados por homens que professam amar o próximo como a si mesmos, acreditar em Deus e rezar para que Sua vontade seja feita na terra! (DARWIN, 2019, p. 311).

“[...] o racismo, sua gênese, como ele funciona, as máscaras que assume para sobreviver ou mesmo – o que é o mais importante - o efeito deletério que tem sobre as pessoas.” Não basta compreender como o racismo funciona, mas para o que serve? (SOUZA, 2021).

A única maneira de verdadeiramente explicar o racismo é compreendermos o que ele destrói nas pessoas. Por essa razão, é tão gritante a necessidade de reconstruir as precondições, historicamente construídas, afetivas e morais, para que a individualidade de cada um possa ser exercida com confiança e autoestima de forma a merecer o respeito dos outros. É isso ao final que o racismo destrói nas pessoas. Só assim poderemos reconhecer o racismo como o meio de opressão e humilhação social em grande escala que ele é (SOUZA, 2021, p. 9).

As marcas psíquicas da degeneração de gênero, que ainda hoje afetam o inconsciente coletivo de milhões de mulheres descendentes de escravas, afundam suas trágicas raízes na violência racista, sexista e misógina dos invasores europeus que colonizaram a Ameríndia. Algumas histórias revelam como mulheres mesmo nobres, cultas e muito reconhecidas por sua grande sabedoria foram enganadas, torturadas e justiçadas, para manter o controle e a submissão dos povos colonizados.

Viezzzer (2021) cita a rainha Anacaona, “Flor de Ouro”, descrita por Bartolomé de Las Casas como “mulher notável por sua beleza e inteligência, muito prudente e graciosa, palaciana em suas falas e em suas artes” e que era muito querida por seu povo e respeitada pelos espanhóis. Mesmo assim, em 1503, o novo governador da região, Nicolas Ovando, decidiu enfrentá-la armando uma traição. Foi assim que Anacaona foi justiçada, tornando-se símbolo de resistência do povo Taino.

[...] Anacaona e todos começam a gritar e a chorar, perguntando por que tanta maldade [...] gente armada coloca-se à porta da casa grande para que ninguém pudesse sair; tacam fogo, a casa arde e os senhores são queimados vivos em suas terras, feitos brasa, junto com a palha e a madeira da casa. A seguir, os cavaleiros espanhóis começaram a jogar lanças sobre quantos encontravam; os espanhóis que estavam a pé matavam inclusive mulheres, velhos e crianças inocentes [...] em sinal de respeito à sua dignidade de rainha, Anacaona foi enforcada ao invés de queimada... (DE LAS CASAS (1951, II, p. 237).

Por outro lado, a história oficial do Brasil, condicionada pela ideologia patriarcal e pela hegemonia colonial, omite a presença das mulheres indígenas no contexto da liderança ou de reconhecimento da sua importância sociopolítica. Como consequência, “devido a esta invisibilidade histórica, existem poucos relatos sobre a exploração das mulheres indígenas e a violência por elas sofrida em sua condição de mulher” (VIEZZER, 2021, p. 137).

A história romântica de *Iracema* de José de Alencar é uma referência cultural sobre a relação patriarcal entre os invasores e as colonizadas, que mostra a influência do padrão (e padrão...) patriarcal. O relacionamento entre *Iracema* e *Martim* com suas nuances sentimentais não é suficientemente realista para expor as violências inflitas nas nativas e as consequências da escravidão.

Para as mulheres afrodescendentes, a Síndrome da Colonialidade Internalizada enraíza-se em uma tragédia histórica ainda mais intensa e destrutiva, e as marcas psíquicas da escravidão iniciaram antes da deportação nos navios. A violência e a crueldade iniciavam com o desenraizamento cultural das vítimas, de sua própria região para outros lugares, com hábitos e costumes diferentes, com vários tipos de maus-tratos, que poderiam chegar à marcação com ferro e brasa. Em seguida, a travessia nos navios em condições desumanas “era tão marcante que as pessoas escravizadas vindas num mesmo navio se consideravam ligadas pelo elo psíquico de uma relação especial chamada ‘malungo’ ”. (BERGMANN, 1977).

Esta situação apocalíptica gerava desespero, apatia, anedonia e sintomas depressivos intensos, que inibiam a vontade de comer e provocavam o abandono da vida com a morte por inanição. “O banzo, nome que se dava a esta melancolia era temido pelos negreiros por causa dos prejuízos financeiros...”. Também, frequentemente, outras formas de suicídio como afogamento no mar “ou engolindo a própria língua para provocar asfixia” representavam o último ato de uma resistência extrema à escravidão (BERGMANN, 1977, p. 53).

Por isso, é importante compreender como, na colonialidade, as questões da raça, classe, do gênero, da sexualidade e dos saberes culturais estão todas interligadas.

Colonialidade” não se refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade e, atravessa também a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas reações intersubjetivas (HOLLANDA, 2020, p. 51).

5.7 O sistema moderno-colonial de gênero

Lugones (2020), investigando a interseção entre as várias instâncias da colonialidade, percebe que existe uma corresponsabilidade na omissão dos homens colonizados, que não assumem um papel de defesa e proteção dos direitos das próprias mulheres, e que, frequentemente, são cúmplices, repetindo os padrões de dominação e submissão do patriarcado da cultura hegemônica: “indiferença diante das violências que o Estado, o patriarcado branco e eles mesmos perpetuam contra as mulheres”. A autora quer compreender a razão e os motivos dessa indiferença, que paralisa processos e movimentos de emancipação e de evolução, que poderiam curar as consequências da Síndrome da Colonialidade Internalizada.

Para Lugones (2020), o conceito de interseccionalidade é um marco analítico fundamental para tomar consciência das causas da exclusão das mulheres não brancas (mulheres de cor)¹⁹, da história e das práticas de transformação sociopolíticas. Também considera essencial a referência ao conceito de “colonialidade do poder” (QUIJANO 2002), que é intrínseco aos efeitos da colonialidade do saber, da colonialidade do ser e da decolonialidade.

O “sistema moderno-colonial de gênero” é a definição que a autora encontra para definir os processos do fenômeno histórico que, de fato, leva a uma degeneração de gênero, reduzindo um ser humano feminino, biológica e ontologicamente idêntico a outro ser feminino, a um ser considerado inferior, submisso, subalterno, coisificado, animalizado, violentado, estuprado e, finalmente, assassinado, como os frequentes casos de feminicídio que outros crimes demonstram até hoje.

Tabela 2 – Número de Feminicídios Brasil x Ceará (2021).

Localidade	Número de Feminicídios
Brasil	1.341
Ceará	31

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022).

Tabela 3 – Número de Medidas Protetivas de Urgência Distribuídas e Concedidas pelos Tribunais de Justiça para mulheres vítimas de ameaças.

Localidade	Número de Medidas Protetivas Distribuídas	Número de Medidas Protetivas Consentidas
Brasil	463.096	370.209
Ceará	16.669	14.182

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022).

Tabela 4 – Número e Tipos de Crimes contra a População LGHBTQI+, referentes a 2021

Localidade	Lesão Corporal	Homicídio	Estupro
Brasil	1.719	179	179
Ceará	122	33	25

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022).

¹⁹ Intersecção das categorias raça e gênero, porque as categorias invisibilizam aquelas que são dominadas e vitimizadas sob a rubrica das categorias “mulher” e as categorias raciais “negra”, “hispanica”, “asiática”, “nativo-americana”, “chicana”; as categorias invisibilizam as mulheres de cor”. (HOLLANDA et al., 2020).

Tabela 5 – Número de casos registrados por Injúria Racial, Racismo e Racismo por Homofobia ou Transfobia, referentes a 2021.

Localidade	Injúria Racial	Racismo	Racismo por Homofobia ou Transfobia
Brasil	13.830	6.003	321
Ceará	106	283	-

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022).

Tabela 6 – Número de Suicídios Brasil x Ceará (2021).

Localidade	Número de Suicídios
Brasil	14.353
Ceará	726

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022).

Observar e compreender como funciona este sistema “moderno-colonial de gênero” pode levar à percepção da real profundidade e da intensidade da dominação colonial e seus efeitos destrutivos que geram a Síndrome da Colonialidade Internalizada. Ao reconhecer as feridas e as cicatrizes ancestrais, presentes no inconsciente coletivo do grupo de pertença, inicia-se um processo terapêutico que permite o resgate da dignidade, da autoaceitação, da autoestima, da autonomia e, finalmente, proporciona o processo de *healing the illness* (KLEINMANN, 1980) da Síndrome da Colonialidade Internalizada.

Para Lugones (HOLLANDA, 2020), o passo fundamental é aprender a não se deixar condicionar por esse sistema moderno-colonial, “enquanto promovemos uma transformação das relações comunitárias”. A influência desse sistema é baseada na distorção mitológica que potencializa os efeitos destrutivos da colonialidade:

A população mundial foi dividida em dicotomias: superior e inferior; racional e irracional; primitiva e civilizada; tradicional e moderna. Na lógica de um tempo evolutivo, primitivo se refere a uma época anterior na história das espécies. A Europa é concebida, miticamente, como preexistente ao capitalismo global e colonial, e como tendo alcançado um estado muito avançado nesse caminho unidirecional, linear e contínuo. Assim, a partir do interior desse ponto de partida mítico, outros habitantes do mundo, outros seres humanos, passaram a ser miticamente concebidos não como dominados através da conquista, nem como inferiores em termos de riqueza ou poder político, mas como uma etapa anterior na história das espécies nesse caminho unidirecional. Esse é o significado da qualificação ‘primitivo’ (HOLLANDAS, 2020).

Rocha (2019), refletindo sobre a relação entre biológica e biopoder, nos pensamentos de Oyèrónké Oyěwùmí e de Michel Foucault, relata que a organização hierárquica relacional no pensamento ocidental é determinada pela corporalidade e, consequentemente, os conceitos de gênero, classe e raça viram a referência para definir e decidir os critérios de vida e de morte.

É necessário refletir sobre a bio-lógica do biopoder para compreender que “as diferenças produzidas por nossos arranjos sociais e raciais são marcadoras de lugares de poder e subalternidade para os corpos na sociedade ocidental”, e é urgente ver como essa distorção perversa do valor essencial do ser humano, baseado na colonialidade, é corresponsável pelo extermínio de milhares de vidas (ROCHA, 2019).

Diante do cenário de um país (Brasil) que revela a sua face por meio do extermínio (seletivo) de corpos Outros: negros, indígenas, femininos e LGBTTT's, nos debruçaremos sobre o racismo, visibilizando-o como uma importante ferramenta para a eficácia da bio-lógica e do biopoder, que fazem desses corpos Outros hospedeiros de classificações como semi-sujeito ou não sujeito, as quais justificam e autorizam matá-los sem desencadear problemas maiores para o humanismo contemporâneo” (ROCHA, 2019).

Mas, antes da invasão dos colonizadores, a realidade era muito diferente, e as interações sociais dos povos originários eram baseadas em outros valores e crenças, que, de fato, quando resgatados, podem favorecer um processo de “re-geração de gênero” e a cura da Síndrome da Colonialidade Internalizada.

Por exemplo, na sociedade pré-colonial africana Oyó-Iorubá, o povo ancestral da pesquisadora nigeriana Oyěwùmí, corpo e gênero não estava presente como categoria referencial para definir a hierarquia do reconhecimento social (HOLLANDA, 2020).

Nesta cultura, a categoria escolhida para definir os representantes do coletivo é a senioridade, com sua experiência e sua sabedoria intrínseca. A autoridade se manifesta por meio da partilha dos pontos de vista, buscando uma síntese funcional e transitória que não depende da definição de gênero. Um processo muito parecido com a Autopoiese Comunitária.

Para Oyěwùmí (2021), a real intenção dos colonizadores eurocêntricos, com a imposição do sistema de gênero, é a subordinação total das mulheres, cognitiva, política, econômica e até na dimensão reprodutiva com o controle do corpo.

Em *The Invention of Women* [A invenção das mulheres], Oyèrónké Oyěwùmí se pergunta se o patriarcado é uma categoria transcultural válida. Ao colocar essa questão, ela não opõe o patriarcado ao matriarcado, mas propõe que “o gênero não era um princípio organizador na sociedade iorubá antes da colonização ocidental”. Não existia um sistema de gênero institucionalizado. Inclusive, Oyěwùmí diz que o gênero não ganhou importância nos estudos iorubás como um artefato da própria cultura, e sim porque a vida iorubá, passada e presente, passou a ser traduzida para o inglês para caber no padrão ocidental de separação do corpo e da razão. Admitir que a sociedade iorubá tinha o gênero como um princípio de sua organização social é outro caso de “dominação ocidental sobre a documentação e interpretação do mundo; uma dominação que é facilitada pelo domínio material que o Ocidente exerce sobre o globo (HOLLANDA, 2020, p. 64).

O colonialismo destruiu a autonomia das mulheres e alterou a configuração da cosmogonia dos povos que acreditam que a força primária do universo é feminina e que reconhecem uma entidade sagrada feminina como a potência geradora do healing the illness. (KLEINMANN, 1980).

Paula Gunn Allen (1992), autora do livro “The Sacred Hoop: Recovering the Feminine in American Indian Traditions”, caracteriza-se como ginocêntrica a cultura de vários povos indígenas norte-americanos, enfatizando a dimensão da espiritualidade que permeia todas as dimensões da vida comunitária e a centralidade da mulher no tecido social. “Nada é sagrado sem sua benção e seu pensamento”. Nunca esses povos foram patriarcais (ALLEN, 1992, p. 18).

As culturas indígenas ginocêntricas são a “medicina” necessária para restabelecer o equilíbrio para a conservação da natureza e para desenvolver a ecofilia, que supera a visão antropocêntrica dos recursos naturais, que está provocando a autodestruição do planeta, considerado como a Mãe Terra. A Vida é sagrada, está presente em todos os seres e tem que ser respeitada, cuidada e honrada como uma Mãe merece.

Allen (1992), poeta, escritora e ativista dos direitos humanos, era descendente dos povos nativos Laguna e Lakota Sioux, entre outras raízes familiares. Analisando a história dos povos nativos americanos, a autora observa que, antes da invasão dos colonizadores, a vida comunitária e social era orientada pelo princípio feminino da existência, com uma organização social ginocêntrica e com uma cosmogonia que era representada por entidades espirituais femininas. Entre os vários povos pesquisados, cita os Lakota Sioux com a história da White Buffalo Calf Woman, uma entidade mitológica sobrenatural, com poderes espirituais e de cura, que oferece aos Lakota os seus sete rituais sagrados. Cada ritual favorece o diálogo com os seres divinos e fortalece o caminho vermelho da evolução espiritual.

Allen (1992) reafirma que a organização comunitária ginocêntrica indígena, com as suas características socioculturais, incomoda, profundamente, os colonizadores, condicionados pelos princípios do patriarcado, que não toleram a presença da mulher nos espaços de poder e de decisão.

Na configuração ginocêntrica, a mulher pode ser líder, chefe, guerreira, curadora, Medicine Woman, decidir, livremente, aquilo que quer fazer e ser na vida, além de decidir se quer ou não quer ser mãe. A sexualidade da sociedade ginocêntrica é mais aberta e mais tolerante, incluindo as diversidades de orientação sexual. O prazer não é considerado um pecado, mas um presente divino, e a genitalidade não está circunscrita à função reprodutiva.

A estratégia dos colonizadores, com a cumplicidade das lideranças religiosas dos invasores, foi a reorganização da estrutura tribal seguindo o modelo piramidal do patriarcado, induzindo os homens nativos a exercer o controle sobre as mulheres, reduzindo ou eliminando o lugar de fala e de representação do feminino. Esse modelo piramidal do patriarcado está, ainda, presente na sociedade contemporânea e é vivenciado por mulheres que aceitam, passivamente, a dominação masculina, com as consequências psíquicas e emocionais que estão evidenciadas nas falas das mulheres participantes deste estudo:

Hoje eu sou outra pessoa né, na época, quando eu cheguei aqui, eu vivia num relacionamento abusivo né [...] Mudou minha vida, como eu disse, eu era uma SALVIA, hoje eu sou outra, com outros objetivos, uma outra forma de ver o mundo, de atuar no mundo porque antes eu estava aqui sobrevivendo agora eu vivo né e sirvo as pessoas e aí tem muito mais sentido porque eu me sinto útil, eu sinto que os meus dons, os meus talentos, eles estão a serviço do povo, aí faz sentido (SALVIA, p. 8).

[...] Às vezes, é as famílias né, as próprias famílias, às vezes o companheiro né, pessoas que não botam elas pra cima, deixa lá em baixo a autoestima e não acredita em si mesma né, que são capazes[...]. É porque, às vezes, muitas vezes o marido só quer deixar pra baixo né [...] às vezes, a convivência de muitos anos, às vezes, tem deles que falta de respeito né, aí você está gorda, aí não sei o que, você age né, fala coisas negativas, às vezes, tem pessoas, tem companheiros que não é de botar você para cima não é você vai fazer uma coisa, ele ao invés de lhe apoiar não, aí botam... há vai fazer isso, vai inventar isso não sei o quê, não vai dar certo e é logo negativo né não é, aí a pessoa[...]tem mulher que baixar a cabeça não é... Sim, por que eu e meu companheiro, quando a minha menina tinha cinco anos e o menino tinha três eu voltei a estudar né e ele pensava que era brincadeira que eu não ia, aí um dia que começou a aula não saí e disse, eu vou voltar a estudar, aí ele vai muito, não sei o que... mas se eu não tivesse... ele não me incentivou né, aí vai né... e já a minha mãe me incentivou, ficou com as crianças e foi onde eu fui terminar meu ensino médio, mas tem muito parceiro que não de ajuda né a você evoluir (BORRAGEM, p. 6).

[...] cuidou da minha família né, nesse período eu entendi que tinha uma pessoa que via a capacidade no outro, via que principalmente assim no caso da minha mãe né, que minha mãe foi uma pessoa criada muito inferior né e também essa questão do machismo que acontecia muito e ela foi uma pessoa que cuidou de treze filhos, criou onze e mais um marido alcoólatra, onde ela estava tendo crise de ansiedade muito forte que os nervos dela não respondia mais e ela já estava tendo umas crises tão forte que ela estava atrofiando os músculos, os nervos e quando o padre Rino atendeu a mamãe, eu não sei nem se ele possa lembrar até hoje, mas ela traz e conta para gente cada momento que fluiu na vida dela e ela passava pra gente, gente vamos estudar, vão se formar, coisa que ela não teve, ela passou para nós, a nossa capacidade, que ela disse assim, hoje eu posso não poder, porque hoje eu estou me limitando, porque eu vou criar os filhos de quem já teve e não estudou para estudar que ainda é tempo e ela ficava assim usando dessa ferramenta que ela ouviu para dar para nós o que ela recebeu né de auto estima... (ANEMONA).

[...] a árvore que corta a raiz não dá frutos né e Bom Jardim ele é parte da minha raiz né, aliás ele é a minha raiz nesse sentido de lugar no mundo né, porque eu cheguei aqui eu acho que eu tinha meses de vida e eu tive aqui toda a minha infância, adolescência, até chegar na fase adulta, então para seguir, chegar na fase que eu estou hoje eu tive que voltar aqui, fazer as pazes né[...]foi uma oportunidade de me reconectar com aquilo que eu era e eu não estava sabendo lidar né, como eu te disse eu fui para fora, morei em outros estados e eu precisei voltar não é para ver o Bom

Jardim de uma forma diferente e melhor do que isso, ver que ser daqui não é motivo de vergonha né, mas ser contrário é motivo de resistência né, é motivo de ter orgulho de dizer que eu sou o que eu sou, que eu tenho capacidade de chegar em qualquer lugar e tratar com qualquer pessoa né e aqui que está a base, é aqui que está, foi aqui que foram criadas as minhas feridas né, mas também foi aqui que foram tratadas as minhas feridas, então não tenho como ignorar (COENTRO, p. 9).

Allen (1992) pontua que as consequências desta inversão de papéis não influenciam meramente a questão do poder de decisão, mas toda uma visão de mundo, assim como as referências espirituais das entidades mitológicas tradicionais femininas que, gradualmente, serão substituídas por seres espirituais masculinos.

Por causa dessa metamorfose simbólica, as práticas educativas com as crianças indígenas, tradicionalmente compreensivas e integrativas das diferenças, tornam-se uma lavagem cerebral baseada na disciplina excessiva e na punição exagerada, que não admite o questionamento da autoridade. As características pacíficas do diálogo e da resolução de conflitos, da solidariedade, da partilha e da corresponsabilidade deixam o espaço para atitudes autoritárias e abusivas que se sustentam com grupinhos de privilegiados escolhidos para dominar os outros. A fofoca, a denúncia, o bullying e a violência física e, às vezes, a morte são necessárias para sustentar essa convivência adoecedora.

A criança deve renegar as suas origens, tem que aceitar a supremacia dos colonizadores, não pode mais falar a sua língua mãe, tem que renunciar os seus valores e crenças, tem que se submeter a rituais que definem um novo lugar no mundo, cortar os cabelos, abandonar o seu universo de brincadeiras na natureza, vestir roupas esquisitas, comer comidas estranhas e até sofrer abusos físicos, mentais e sexuais. Esta é a receita do genocídio cultural que afetou milhões de seres humanos nativos americanos.

A recente visita do Papa Francisco ao Canadá manifestou ao mundo a tragédia inacreditável das escolas residenciais. Sobreviventes dos antigos internados relataram as experiências devastadoras sofridas em nome de um “deus” cruel. As palavras do Papa Francisco resumem a profundidade e a intensidade dessas dores:

É necessário recordar como as políticas de assimilação e alforria, que incluíam o sistema das escolas residenciais, foram devastadoras para as pessoas destas terras. Quando os colonizadores europeus chegaram aqui pela primeira vez, eles se depararam com a grande oportunidade de desenvolver um encontro fecundo entre culturas, tradições e espiritualidades. Mas isso, em grande parte, não aconteceu. E voltam-me à mente os vossos relatos: de como as políticas de assimilação acabaram por marginalizar sistematicamente os povos indígenas; de como as vossas línguas e culturas, também através do sistema das escolas residenciais, foram denegridas e suprimidas; de como as crianças foram submetidas a abusos físicos e verbais, psicológicos e espirituais; de como foram levadas de suas casas quando eram pequeninas e de como isso afetou indelevelmente a relação entre os pais e os filhos, os avós e os netos[...] “Sinto pesar. Peço perdão, em particular pelas formas em que

muitos membros da Igreja e das comunidades religiosas cooperaram, inclusive através da indiferença, naqueles projetos de destruição cultural e assimilação forçada dos governos de então, que culminaram no sistema das escolas residenciais (PAPA FRANCISCO, 2022).

Figura 24 – Vaticano, povos indígenas.



Fonte: Vatican News (2022).

Patricia Gualinga (2020), do povo Kichwa de Sarayaku, da Amazona Equatoriana e ativista dos direitos humanos, aprecia a nova postura da Igreja Católica, que, por meio dos documentos proféticos e dos posicionamentos do Papa Francisco, alimenta uma grande esperança para o futuro dos povos indígenas. A Encíclica *Laudato Si*, com a sua proposta de uma Casa Comum autossustentável, comunga com os anseios dos sonhos e das visões dos xamãs e:

[...] trouxe a público a importância de cuidar da natureza, respeitar a terra e seus ecossistemas; reconheceu nossas culturas milenares e seu conhecimento ancestral”. Para nossos povos, isso significou que, afinal, alguém, com grande influência, tinha compreendido essas verdades eternas. Isso mostrou que todos partilhamos um mesmo espaço e devemos questionar o consumismo que destrói e viola os direitos humanos, os direitos da natureza e os de nossa gente (GUALINGA, 2020).

5.8 Regeneração de Gênero

Compreender essas verdades eternas é o primeiro passo para a regeneração cultural, que é necessária para a “re-generação” de gênero. A Síndrome da Colonialidade Internalizada afunda as suas raízes psíquicas nesses pântanos existenciais, nesses infernos ancestrais, nesses sofrimentos inacreditáveis que foram gerados pelo colonialismo, e que reverberam nos inconscientes coletivos das mulheres descendentes dos povos escravizados.

[...]eu passei no Movimento por várias etapas, eu que sou da roça é... muitas vezes as pessoas me viam como... sabe... e a gente quer do interior às vezes é conhecido como um “Zé ninguém”, e eu já me senti assim, porém, aqui no Movimento, eu fui valorizada né, dentro dessas questões, eu vim da roça então vai cuidar da horta, está

entendendo, a horta para mim era um fortalecimento de minhas raízes, você vai para horta, eu ia para horta, mas eu não ia só molhar a planta, eu ia transmitir o amor para as pessoas que chegavam, as crianças não sabiam que era um emboá, as crianças não sabiam que eram, eles tinham medo de uma borboleta, tinha criança que ficava em pânico e por vim da roça, por ter andado, por ter comido canapum, por ter comido frutas do mato que às vezes até fazia mal, mas minha mãe sempre dizia essa não pode, aquela pode, eu consegui incluir cem crianças dentro daquela horta, que chegavam com as bichinhas, já ainda hoje eu tenho foto deles com os bichinhos subindo no pé numa alegria porque tinha pânico e quando o bichinho começar a subir no pé e via que não fazia nada, ficava numa alegria que saia tia tira foto para mostrar para minha mãe que eu conheci. Então assim, o Movimento me fortaleceu no que eu era entende, enquanto os outros me desfaziam, me botavam para baixo, lá... aqui eu fui conhecido dessa forma, no Movimento eu fui valorizada. Outra coisa, minha família é artista, eu me descobri como artista aqui sabe, eu descobri a arte do cartão orgânico que hoje tem vários quadros do Movimento espalhados, transmiti esse conhecimento, então assim, vem muitas coisas de lá, lá da roça, eu era considerado um lixo, aqui no Movimento eu descobri que o lixo pode ser transformado assim como eu fui, então assim o cartão orgânico é feito de materiais do lixo, mas o lixo da natureza, o pessoal derruba um coqueiro eu pego vou lá e transformo, acho uma borboleta eu colo, o papagaio ou periquito sei lá o que for. Morre a pessoa me dá a pena e eu transformo aquela pena em vida nova. Então assim, o Movimento também né me fez me redescobrir como artista além de ser terapeuta hoje, que foi o que veio a mais, o artista que estava dentro de mim eu redescobri por conta do Movimento, eu não sabia que eu tinha. Sou cordelista, eu fiz o cordel do Movimento, também me descobri aqui no Movimento, então tudo isso assim foi o Movimento que cooperou para a minha vida. E você diz assim e o que é que tinha para trás, tinha muita coisa, mas o que eu sou hoje eu devo ao Movimento... (LAVANDA).

O respeito da dimensão transcendente nas práticas socioterapêuticas da ASC (a etimologia da palavra terapia vem do grego *terapeuein* que significa serviço sagrado), o encontro com o inconsciente individual e coletivo, proporcionado pelas vivências biopsicossocioespirituais, a consciência da importância do empoderamento e da construção de uma cidadania autônoma e independente, o sonho de um mundo mais fraterno, justo e solidário são os caminhos que o Movimento Saúde Mental trilha para o processo de *healing the illness*.

[...] existe um plano maior que diz olha, calma, o que eu tenho preparado para ti não é isso, é outra coisa né, vai no outro dia, faz isso. Então às vezes eu tenho três pacotes de biscoitos aí chegou uma pessoa lá fora e disse, me dê uma ajuda, há mais de que jeito, só tem três, vamos guardar, só tem três... a gente dá, no outro dia chega um caminhão de biscoitos! É algo que se você está conectado com isso vem a abundância sabe, aí você não fica mais escassez, na pobreza internalizada que é o que a gente vê, é uma conjuntura aqui do nosso bairro né, aí você se sente rica né, mesmo num bairro com os piores IDHs da cidade, você vibra na abundância e você oferece, às vezes você só tem isso, você dá, mas depois você ganha dez vezes isso e é um milagre, os milagres acontecem viu e eu sou prova de muitos deles (SALVIA).

A partilha das mulheres deste estudo mostra como as feridas existenciais e ancestrais marcaram, profundamente, a autoaceitação, a autoestima e a autonomia delas. O percurso socioterapêutico favoreceu vários processos evolutivos que, vencendo a Síndrome da Colonialidade Internalizada, com todas suas amarras e correntes, permite a retomada do

autoconhecimento e da autorrealização profissional, acadêmica e, sobretudo, da regeneração de gênero, superando a dependência das consequências tóxicas do patriarcado.

[...] foi uma busca, que foi outro processo de autoconhecimento que eu vinha fazendo paralelo né para encontrar as minhas raízes indígenas, aí eu disse agora eu entendo porque que eu me conecto com isso, aí é como se tivesse fechado um circuito assim, aí muita força sabe, muita energia, menina hoje eu não tenho medo de nada, assim que eu tenho que fazer eu vou fazer, é uma força que eu não sei de onde vem, mas tem, mas eu sei que é das minhas raízes, foi desse processo de empoderamento, por isso que eu sou fã da Abordagem Sistêmica Comunitária, porque quem bebe dessa fonte e quem se permite, muda de vida sabe, então aí eu entendi como era a dimensão da espiritualidade que não era a religião, que eu também saí daquela bitolagem de ser, aí eu tenho que servir essa religião, a esse povo, a isso, não, é uma dimensão que não tem as regras, a espiritualidade ela é uma conexão com o sagrado que não diz o que é certo o que é errado ele te acolhe é o que o Movimento faz, te acolhe independente da sua crença, não é, aquele meu medo que eu tinha no início, a espiritualidade faz isso também, aí nos dá uma injeção de força sabe, de autoestima, de coragem, e de gratidão pelo divino sabe que é sagrado. É isso! (SALVIA, p. 10).

5.9 Uma terra árida, quinze sementes e um jardim que floresceu

5.9.1 Autoconhecimento

Este processo de busca e de autoconhecimento para a evolução pessoal é presente em todas as culturas. Sócrates, quando falava *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo), falava, também, que sabia de não saber, aludindo aos mistérios da vida humana e à necessidade do autoconhecimento constante para poder compreender o Sentido da Vida.

Para cada uma das 15 mulheres participantes deste estudo, foi atribuído o nome simbólico de uma erva perene (ANEXO A), como sinal marcante que caracteriza sua personalidade, além de representar o princípio da criação feminina, que, na cultura nativa americana, significa resiliência e capacidade de sustentar qualquer desafio.

Trata-se de desvendar o véu que separa a ideia que temos de nós mesmos, construída nos relacionamentos sociais especialmente por meio das influências das pessoas significativas como traz Campanula ao dizer de forma clara: “...acho que me casei para fugir dos problemas, mas foi pior pra mim! O casamento só piorou a minha vida...”.

Na fala de Lavanda, 46 anos, as expectativas e os padrões culturais de comportamento podem-se modificar pela própria condição e levantam uma memória que machuca a autoestima, inclusive, quando fala com a voz embargada: “Quando eu era criança, era considerada macho e fêmea, quando descobri se era menina ou menino era com onze anos quando menstruei. Todo mundo ficou assim(...) ahhh. Até esse dia, era tão forte o macho e fêmea que até minha regra chegar eu não confirmei que era mulher entendeu?!”

Trata-se de filtrar os preconceitos, que reduzem e aniquilam o valor da pessoa, e verificar se existem complexos de superioridade que impedem de se relacionar, harmoniosamente, consigo mesmo e com o próximo, como reflete ZINIA de 37 anos, logo no começo de sua narrativa, dizendo: “uma energia ruim né dominando todo meu corpo, ausência de vontade de viver e aí eu comecei a pesquisar né as maneiras de cuidar é na raiz...entender a crise de ansiedade ...e uma vontade involuntária de não querer viver.”

É necessária uma boa dose de autoconhecimento para poder enfrentar os medos e os fantasmas inconscientes que bloqueiam ou atrapalham o processo evolutivo. Na cultura Lakota, existem 07 direções: os 04 pontos cardeais, Leste, Sul, Oeste e Norte; o Céu e a Terra, e a sétima direção, que é a direção da vida interior, do desenvolvimento da inteligência intrapessoal, do encontro com a própria essência e, como diria Jung, o encontro com o nosso verdadeiro Self. O Arquétipo dos Arquétipos em que o consciente e o inconsciente podem ser observados e integrados. Mas encontrar o lugar certo nem sempre é possível. Ser acolhida e orientada nesta condição de desespero é o que afirma com muita veemência a autônoma de 49 anos em processo de separação com uma filha em sua descoberta de autoconhecimento: “Chegar no Movimento Saúde Mental influenciou porque você vem com uma carga de estresse né que eu vinha...aqui eu aprendi a relaxar menina, dizer o que mais te incomoda e alguém te ouvir...eu até achava que era egoísta e ia enlouquecer a terapeuta... (TOMILHO).

Acolher o nosso presente, aprender a gostar de si, a se sentir bem consigo mesma do jeito que nós somos, realiza-se a passagem necessária para viver uma vida feliz, serena, aproveitando as oportunidades que ela nos oferece para crescer, “descobrir que, mesmo com desespero do momento, chegar em um lugar que seja bem acolhida pode fazer a diferença! Ainda não tinha encontrado o meu lugar né, mas achei quando cheguei aqui” (SALVIA, 35 anos). Uma possibilidade de evoluir e ser o melhor que podemos ser fica explícito na resposta dessa mulher: “...aqui eu posso ser quem eu sou de verdade”.

Esta aceitação abrange a dimensão física, que precisa desligar-se dos parâmetros inventados e impostos pelas culturas hegemônicas, suportadas pelas influências do mercado que visam classificar, esteticamente, de acordo com os padrões mais rentáveis. Porém, o esforço maior pode depender da cor da pele, do racismo estrutural que devasta o bom, o belo e o verdadeiro da pessoa.

Depois da Abordagem Sistêmica Comunitária, Coentro diz: “hoje eu vejo a vida de uma maneira muito diferente”, ela conseguiu rasgar o véu da ilusão que separava a sua verdadeira essência dos condicionamentos e preconceitos que bloqueavam o acesso a essa nova percepção como negra, valorizando-se e apreciando como ela é: “...hoje é motivo só de alegria, de olhar no espelho e dizer assim: cara, eu sou bonita não é, eu vou para a praia, eu ponho um maiô, me sinto à vontade entendeu!”. Eis o real sentido do autoconhecimento e da autoaceitação.

Para Erva Gato, mãe de cinco filhos, negra e analfabeta, o processo de autoconhecimento iniciou-se com um abraço acolhedor e sem preconceitos que favoreceu a superação do estigma da própria cor: “aí chega um padre e médico na minha casa, só imagina uma favela, uma pessoa que te abraça que te trata por igual, que não vê que tu é pobre, que tu tá fedendo, que tu é negra, tu é fedorenta, ele não via nada disso...E esse abraço ele me viu, me mostrou uma luz, que eu precisava ter um ouvido, mas um ouvido diferente, assim como ele me trouxe para terapia, a terapia me ajudou muito, eu fiz terapia de autoestima, fiz um monte de coisa e, quando eu cheguei, já estava bem melhor.”

O primeiro passo da ASC é acolher, incondicionalmente, a pessoa, para que possa perceber o seu valor independentemente de preconceitos e condicionamentos, que a cultura hegemônica transmite no inconsciente coletivo.

Aos 29 anos, a Crocus, que tem dois filhos e um companheiro, estava sem renda e em momento difícil, com fobia social. Chegou ao Movimento na busca de ajuda e preocupada com sua falta de estímulo. “Nada tinha muito sentido e, hoje, já consigo me estimular para me preocupar com o que vai acontecer comigo hoje, como eu estou e me aceitando mais. Me conhecer, saber como é que eu posso fazer e seguir em frente...”

Para Campanula, a possibilidade de descobrir uma nova chance de recomeço aparece logo na sua primeira fala: “...um dia me deu vontade de tomar um monte de remédio para morrer...aqui acolá fico pensando em qual sentido da minha vida...”

Parece que não saber como solucionar as angústias trazia a vontade de morrer para várias dessas mulheres em condição de sofrimento psíquico. A fala de Lavanda “...a angústia era constante, estava sempre querendo morrer, eu não queria viver eu só queria morrer”, traz, nesta fala, o desespero de não saber o que fazer, como fazer ou sequer como ser orientada.

5.9.2 Autoaceitação (*amor próprio e espiritualidade*)

Para se aceitar, é necessário se conhecer, ter proximidade com a nossa essência e sentir a vontade de acolher a nossa história, assim como ela é, percebendo que é a única que temos. Se não aceitamos a nossa história, não poderemos mudá-la, continuaremos vivendo nas decepções e nos fracassos do passado e não poderemos superar os medos do futuro. Campanula reafirma de forma clara: “...tento manter a calma para não fazer nenhuma besteira”.

Aceitar-se, neste caso, significa recusar os preconceitos e a tentativa de coisificar, animalizar e até demonizar a pessoa por causa da quantidade de melatonina presente nas epidermes. Como se percebe na fala de Coentro: “apesar de estar acima do peso, isso não me

incomoda... os meus cachos do meu cabelo, da minha origem, isso não me incomoda mais; pelo contrário, é motivo de orgulho; olha eu acho bonito né, os meus lábios que são traços de pessoas negras, os lábios mais grossos assim...”.

Aceitar-se, conscientemente, com todo o valor do ser humano, significa sair de uma relação de opressão para iniciar o caminho de emancipação e da libertação das correntes da escravidão, que continua com as máscaras da colonialidade. Para Salvia, o autoconhecimento foi o começo do caminho para realizar seus sonhos por meio da autoaceitação: “meu marido...não queria que eu fizesse as práticas, porque ele estava vendo que aquilo ali estava me deixando diferente, eu já respondia, eu já não tinha medo...”

Ademais, a triste realidade brasileira, caracterizada por recentes surtos de homofobia, transfobia, xenofobia, aporofobia, misoginia, feminicídio e outras perseguições marcadas pelas ideologias nazifascistas e da supremacia branca, alerta-nos da dificuldade real de milhões de brasileiros de se sentirem aceitos e tolerados, não favorecendo, assim, a própria autoaceitação.

Lavanda relata o sofrimento imposto pelos preconceitos da cultura dominante homofóbica: “quando era criança, eu era muito considerada a macho e fêmea né, eu brincava com os meninos, eu brincava de carrinho, eu brincava com coisas masculinas”. No sistema ginocêntrico da cultura indígena, crianças podem brincar e escolher seus brinquedos, suas cores e atitudes, sem ser julgadas, estigmatizadas e excluídas.

Para Branden (2002), sem aceitação, não há mudança. Valorizar-se, aprender a gostar de si mesmos, do jeito que somos, aprender a se perdoar, superando os sentimentos de culpa, é necessário para avançar no caminho da autoestima.

5.9.3 Autoestima (autovalorização – reconhecimento)

Autoestima vem do grego *autós*, que significa si mesmo, e do latim *aestimare*, que significa apreciar, gostar, dar valor e importância. Dar valor a si mesmo inicia-se no corredor dos espelhos do autoconhecimento, quando encontramos o espelho da nossa verdadeira essência, não deformada pelas influências dos preconceitos e dos condicionamentos. Mas a conquista da nossa saúde mental, que corresponde a uma autoestima saudável, continua com o encontro das lentes certas para observar o nosso verdadeiro valor. Superar a miopia da baixa autoestima e a hipermetropia de uma autoestima exagerada fazem parte do trabalho subjetivo de uma autovalorização autêntica e realística.

Para moldar uma autoestima saudável, é necessário implementar o autoconhecimento e alcançar a autoaceitação. O propulsor da autoestima é a confirmação, especialmente das pessoas

mais significativas da nossa vida. Os pais, em primeiro lugar, os educadores e as pessoas de referência na nossa evolução como parentes ou amigos. Se eu estou me vendo bom, capaz, sentindo-me confiante nas minhas habilidades, e alguém me confirma com uma frase ou com uma atitude de consideração, isso gera uma sensação de pertença ao meu ser, de satisfação em ser como eu sou e o prazer de viver.

[...] porque a gente tem a autoestima muito baixa, quem mora em periferia, porque a gente é muito desacreditado, então a gente precisa de alguém que mostre, olha não é o ambiente que te faz ser quem tu é né, tu precisa enxergar que tu é a partir das tuas capacidades e isso o Movimento de Saúde Mental faz muito bem (PAPOULA, p. 5).

Se, pelo contrário, vivenciamos uma ausência de confirmação, que, em casos extremos, pode chegar até à indiferença, a percepção positiva de nós mesmos é ameaçada gerando dúvida, confusão, insegurança, que acaba transformando-se em uma diminuição drástica de autoestima. Isso pode alterar a motivação e reduzir o potencial de realização das mudanças necessárias e dos processos evolutivos.

Entretanto, inevitavelmente, ao longo da vida, encontramos situações e pessoas que podem fragilizar a nossa autoestima baseada no reconhecimento alheio, e, por isso, é necessário trabalhar a nossa própria autoconfirmação, que, por meio da consciência de si, do próprio valor, das próprias potencialidades, encontra, nas experiências positivas do passado, nas conquistas e na sabedoria acumulada, as energias para sustentar o deserto existencial da desconfirmação.

Sempre que eu estava com momentos assim né, de baixa autoestima, de ansiedade e depressão eu sempre recorro ao Movimento, porque ele consegue me reerguer e mostrar quem eu sou e do que eu sou capaz (PAPOULA, p. 3).

Às vezes, é necessário observar possíveis excessos de autoestima que podem provocar imprudências ou decisões irrealistas, alimentar uma falsa autoimagem que não precisa melhorar, com um direito de ser reconhecido, mesmo não tendo as habilidades necessárias.

5.9.4 *Autonomia (aprendizados e sonhos realizados)*

A palavra autonomia vem do grego *autós*, de si mesmo, e *nomos*, que significa lei. Autonomia é a capacidade de se dar o nome, de dizer quem somos, de realizar um processo de identificação do nosso ser, que nos oferece a oportunidade de afirmar quem nós somos de verdade. Autonomia é a liberdade de manifestar a própria opinião sem a influência e o condicionamento alheio, que leva a uma ação assertiva e eficaz, realizando o próprio projeto de vida sem medo de julgamentos.

[...]o que eu entendo hoje é que, mesmo nos momentos ruins, eu consigo pedir ajuda, eu consigo dizer o que eu estou sentindo, eu consigo assim, eu vejo as coisas com clareza depois desse momento de terapia, com o envolvimento com o grupo de ajuda (GERANIO, p. 5).

Nascemos como seres dependentes dos cuidados maternos, familiares e sociais, e a tarefa principal da maturidade é alcançar a independência, uma autonomia que se manifesta nos vários níveis da vida pessoal, que incluem a dimensão financeira, afetiva, emocional, relacional e espiritual.

A autonomia retroalimenta a autoestima que permite maior proatividade, maior consciência do próprio potencial, maior confiança nos próprios valores e crenças, que estimulam a capacidade de lidar com dificuldades, problemas e frustrações, aprendendo a conviver com eles, enfrentando e superando os obstáculos, sem desistir dos próprios sonhos e propósitos. “...lembrei que, quando você respira, você acalma seu corpo, você acalma suas células, e tudo que você tem que equilibrar a mente, a respiração, os exercícios físicos, então sempre eu trazendo isso que eu tinha aprendido aqui para poder melhorar” (TOMILHO, p. 7).

A capacidade de determinar o que é melhor para mim, independentemente do que os outros pensam, é a maior expressão da autonomia. “Eu já falei tudo né, eu acho assim, porque hoje eu sou independente né, eu moro só já faz muito tempo, eu sou essa pessoa, essa terapeuta que por onde eu vou as pessoas me procuram...” (LAVANDA, p. 9).

Charlesworth (1996) recorda que é necessário introduzir uma perspectiva social para a autonomia, afirmando que ninguém pode desenvolver a liberdade pessoal e uma autonomia saudável se está em situação de risco ou de miséria, sem acesso a uma educação de qualidade ou vivendo sem o mínimo de qualidade de vida.

O autor, na introdução do livro *La Bioética em uma Sociedad Liberal*, descreve uma dicotomia entre uma sociedade liberal e democrática e outra que é caracterizada pelo autoritarismo, pela teocracia e pelo paternalismo.

Esse tipo de sociedade típica da cultura fascista favorece o assistencialismo e a dependência e não permite o desenvolvimento de uma real autonomia. O sujeito vive em função dos interesses da hegemonia e acaba virando um objeto que serve para a realização de um projeto social que perpetua a exploração à desigualdade e à exclusão.

Charlesworth (1996) afirma, ainda, que a ideia de autonomia pessoal se torna mais famosa quando unida ao nome de Emmanuel Kant, lembrando que a filosofia moral proposta por ele está baseada na ideia de que o agente moral seria o próprio legislador. Mas, na vida social, é necessário incluir o outro, e a minha autodeterminação não pode ser absoluta e precisa

sintonizar a ação individual com a dimensão coletiva, permitindo o respeito recíproco entre as pessoas.

Paulo Freire (1996), em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, reforça essa perspectiva comunitária, afirmando que a solidariedade é um compromisso histórico necessário para instaurar a ética universal do ser humano, e que o respeito pelo conhecimento e a autonomia do educando, assim como o reconhecimento da sua identidade cultural, são imprescindíveis para a produção de novos saberes. “...eu me sinto muito realizada, dizer poxa isso aconteceu comigo, eu aprendi essa técnica, a gente compartilha com outras pessoas e essas pessoas também aprendem, já passam para outras e vai mudando o mundo, isso é lindo!” (SALVIA, p. 9).

Para as mulheres do Bom Jardim, que, frequentemente, apresentam sintomas da Síndrome da Colonialidade Internalizada (SCI), conquistar a própria autonomia é extremamente desafiador. O inconsciente coletivo das mulheres de baixa renda se enraíza na cultura escravocrata dos colonizadores que, desde os primeiros tempos da invasão da expedição espanhola, comandada por Colombo, aniquilaram os sonhos de liberdade e independência com matanças, massacres, extermínio e genocídio.

Quando uma mulher que apresenta sintomas da SCI inicia um processo de autoconhecimento, encontra, em seu inconsciente, os fantasmas dessa tragédia humanitária que causou o maior genocídio da história com mais de noventa milhões de vítimas, a maioria inocentes, incluindo crianças, idosos e mulheres indefesas (VIEZZER, 2018).

Quando uma mulher tenta sair da dependência de uma relação abusiva, seja familiar, social, seja no mundo do trabalho, depara-se com uma série de dificuldades maiores, evocadas, inconscientemente, por essa trágica herança do passado, violento e destrutivo. Há a sensação de impotência, de inadequação; aceitação da dominação e da opressão. A aceitação da inferioridade, da humilhação, de uma docilidade resignada, em alguns casos, de uma vera e própria coisificação gera uma paralisia existencial, caracterizada pelo fatalismo e pela sensação de não merecimento.

[...] um tratamento psicológico, psiquiatra, terapeuta, não era nem cogitado, aliás a gente nem sabia que tinha acesso né, não tem aquela história certas coisas é coisa de rico não é... (COENTRO, p. 9).

A negação do reconhecimento impede qualquer movimento espontâneo na direção da autonomia e, por isso, é necessário antes trilhar o caminho do autoconhecimento e da autoaceitação, incluindo todas essas dores e feridas ancestrais. Ressignificar essas influências

inconscientes favorece a reconstrução de uma autoestima saudável, redescobrimo a potência e a beleza de ser negra, índia, mulata ou branca, sem nenhuma hesitação ou insegurança.

Ser! Ser si mesma assim como es! Redescobrir o prazer de viver e assim se deliciar com a capacidade de dizer não! Não quero mais isso pra mim. Ou alternativamente sim, eu quero, e não estou nem aí se meu marido ou a minha companheira não concordam. Eu sei quem eu sou agora, eu sei me dar o meu próprio nome, eu posso! Eu sou autônoma, pronta para me autorrealizar em todas as cores e energias da minha essência (ZINIA).

5.9.5 *Autorrealização: (quando a autonomia encontra a segurança)*

O ser humano nasce, permanece por um tempo e termina a sua experiência terrena, mas existe um tempo para a autorrealização. O autoconhecimento, a autoaceitação e uma autoestima saudável permitem ao ser humano buscar e encontrar um propósito, a realização de um projeto de vida que permite estabelecer a própria missão, de se sentir no lugar certo, de criar os sonhos que a vida colocou no caminho para o desenvolvimento integral do nosso ser. Encontra a autonomia.

A superação das barreiras que se opõem ao processo de autorrealização é uma tarefa árdua, que, às vezes, é condicionada pelas expectativas de outras pessoas significativas. Padrões culturais como o machismo ou o autoritarismo dos familiares ou as correntes invisíveis provocadas pela falta de equidade de oportunidades podem retardar ou até comprometer a realização do projeto de vida sonhado. “a gente não é obrigada a ser escrava porque eu não achava que aquilo era uma escravidão, eu achei que era uma obrigação, eu me casei pronto, o mundo morreu para mim, que só o que era vida, era só meus filhos e o marido, eu não tinha mais direito de ver o mundo lá fora... (ERVA GATO, p. 7).

Porém, perseverando no caminho da autorrealização, a pessoa que desenvolveu uma autoestima saudável, autoconfiança, paciência e perseverança descobre que é possível crescer, mudar, realizar sonhos e se sentir no lugar que a providência divina nos reserva na vida. “...passou por esse cuidado do acolhimento, por esse cuidado da autoestima de poder estar se ressignificando, se olhando, se cuidando, ele transforma e resgata o amor que a gente tem por viver e viver é tudo né, enquanto há vida tem jeito (ZINIA, p. 6).

Para isso, é necessário renunciar a antigas imagens distorcidas, velhas ideias como: isso não é para mim, não vai ser possível ou será que sou capaz?

A coragem e a ousadia, para perseverar no caminho da realização do nosso propósito, alimentam-se na certeza de que a nossa contribuição para melhorar o mundo pode fazer uma grande diferença. Algo que só nós podemos realizar e que, se nós não conseguimos fazer acontecer, ficará irrealizado por toda a eternidade; por isso a importância de juntar ao nosso caminho evolutivo de autorrealização a dimensão do serviço, da corresponsabilidade, da participação nos processos sociais e políticos, consolidando uma cidadania ativa e crítica. Oferecer o próprio tempo, a coisa mais preciosa que temos, para contribuir para o bem comum. Isso distingue uma autorrealização egoística centrada nos próprios interesses e caracterizada por privilégios pessoais, de uma autorrealização solidária que compreende que somos todos interligados. “Eu estou aqui gente, eu vim pro movimento ser cuidada, agora eu

cuido das pessoas que vêm para o movimento com muito amor, com aquele amor que eu recebi o primeiro dia, que eu recebi na minha casa na favela. Eu também cuido dou meus paciente eles me amam, eu amo muito eles e adoro o que eu faço; se tem uma coisa que eu mais gosto é cuidar, e eu nunca na minha vida eu ia saber que eu tinha capacidade de ser uma terapeuta, como é que eu ia saber que eu tinha essa capacidade? (ERVA GATO, p. 4).

Papa Francisco (2015) nos recorda o propósito da construção da Casa Comum, na qual todos somos parentes e corresponsáveis, incluindo todos os seres vivos da natureza.

“Ser-vir” para vir a ser o melhor ser que podemos ser. Esta dinâmica do dar e do receber, da reciprocidade, da presença responsável nos eventos comunitários e sociais pode favorecer um processo de autorrealização caracterizado pela solidariedade.

Assim a autonomia e independência são frutos significativos de uma autorrealização inclusiva, que respeita e valoriza o próximo, sem explorar, injustamente, os outros para realizar os próprios objetivos.

CONCLUSÃO

A conclusão deste trabalho é, na verdade, uma abertura ou a sequência de uma espiral que não se encerra. Ao longo da pesquisa e da reflexão, deparei-me, constantemente, com a sensação de viver em uma situação de mudanças constantes. Nada parece ser estável, tudo pode ser relativo, e as verdades se transformam em “trans-verdades” que dependem dos pontos de vista epistemológicos e das tentativas científicas de mostrar evidências. Deparei-me com um espaço em que uma comunidade de observadores e de participantes se reúne e consegue coconstruir uma nova realidade científica sem se preocupar, unicamente, com a objetividade, impondo uma única verdade, mas que favorece uma troca de pontos de vista, todos igualmente válidos e respeitáveis, em busca de uma síntese criativa que possa trazer novos conhecimentos e novas maneiras de lidar com situações problemáticas. E essa é, também, a essência da Abordagem Sistêmica Comunitária.

A complementariedade supera a distinção metodológica e epistêmica, aumentando, sinergicamente, a possibilidade de interpretação e compreensão dos fatos, abrindo novos caminhos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade tão necessárias nos novos cenários da saúde pública. Este espaço é encontrado pela mulher participante no Movimento Saúde Mental.

Não podemos esquecer a dimensão ético-política, visto que a pesquisa qualitativa está imersa no meio social, interligando histórias subjetivas de pessoas que merecem melhorar a própria qualidade de vida e ter acesso a serviços públicos de qualidade.

As 15 mulheres deste estudo, de fato, são as protagonistas desta ação realizada na comunidade, e, por meio da corresponsabilidade social, participam de uma experiência transformadora que visa construir novos caminhos de libertação integral, com estruturas eficazes e replicáveis. A este fenômeno denomino ‘autopoiese comunitária’, que foi devidamente aprofundado neste trabalho. As várias atividades são uma oportunidade para cuidar das várias manifestações clínicas de transtornos como ansiedade, depressão, dependência química, entre outros, e prevenir o desenvolvimento do transtorno pós-traumático de estresse.

A ASC favorece a integração entre o saber acadêmico e o popular em ações multidisciplinares e transdisciplinares, promovendo o protagonismo e o empoderamento da comunidade e suscitando a corresponsabilidade nas ações, construindo uma cidadania proativa. A ASC vem contribuindo para uma requalificação das práticas e das políticas públicas de saúde, inventando novos caminhos de cuidado que respeitam e valorizam a herança cultural e sagrada

dos povos brasileiros para aprimorar a saúde mental de pessoas dispersas em vários territórios, integrando a múltipla dimensão biopsicossocioespiritual.

Trata-se de um exercício de compreensão, de decodificação dos conteúdos que superam o meu ponto de vista, que é a vista de um ponto, e que se abre para uma interpretação sinóptica, admitindo a necessidade de auto-observar o observador em sua coerência científica com imparcialidade, objetividade baseada em algo que aparece com clareza, sem projeções ou manipulação das evidências. As inferências deduzidas por meio das entrevistas podem estimular extrapolações enriquecedoras de novos sentidos; porém, devem ser fundamentadas na realidade, para poder elaborar conclusões coerentes com o projeto de pesquisa e com a lupa teórica da Abordagem Sistêmica Comunitária, integrando a perspectiva da decolonialidade. Para alcançar o resultado, é necessária a organização dos dados, uma leitura flutuante e dedicada, uma reflexão demorada e o aprofundamento do significado e dos sentidos presentes nos dados coletados. Os núcleos de sentido surgiram neste processo de autopoiese comunitária, vivenciado pelas mulheres deste estudo, e apresentaram cinco categorias que permitiram a compreensão do caminho evolutivo da metodologia. Autoconhecimento, Autoaceitação, Autoestima, Autonomia e Autorrealização são a chave da transformação estrutural proposta pela ASC.

Finalizando este trabalho, recorro os desafios dos primeiros passos desta reflexão que se iniciou com a apresentação de dois trabalhos sobre a abordagem biopsicossocioespiritual no Congresso Mundial de Psiquiatria, em Madrid, em 1996.

Para o desenvolvimento da Abordagem Sistêmica Comunitária, foi fundamental o contato com as culturas de vários povos indígenas durante a minha formação: como os Navajo, os Cayapas, os Acholi, os Lakota Sioux, os Aimara, os Quéchua, os Anacé e os Pitaguary, entre outros.

Foi peculiar a experiência como padre e psiquiatra no contexto brasileiro, caracterizado pela miscigenação cultural, provocada pelos colonizadores europeus e por todas as graves consequências da colonialidade.

A partir do maior genocídio da história, até hoje, em nome do lucro e do poder da dominação, continua a tentativa de aniquilar os povos originários com todos os seus potenciais criativos e as sabedorias necessárias para a conservação do equilíbrio ambiental. Como vimos no desenvolvimento deste trabalho, as culturas indígenas trazem a riqueza de cosmovisões e cosmogonias que podem curar este mundo enlouquecido, que está trilhando o caminho da autodestruição.

É a potência do princípio Divino da Criação, que, nas culturas indígenas, é, simbolicamente, representada pela energia feminina, que, mitopoieticamente, providencia a força da vida em constante renovação e transformação.

A perspectiva ginocêntrica dos relacionamentos traz uma leveza nas interações e uma circularidade dos cuidados, que permite uma convivência mais equilibrada entre os gêneros e que redimensiona o autoritarismo do patriarcado.

A circularidade do cuidado permite ao observador colocar-se, empaticamente, no lugar do outro, como sujeito em sujeito, conexão que permite perceber, por meio da Trofolaxe Humana, as comunicações e as mensagens subliminais do inconsciente coletivo, as dores, o sofrimento ancestral, com a presença destrutiva do *Thánatos* do genocídio colonialista.

Assim, no processo autopoietico comunitário, escutando, empaticamente, as 15 mulheres deste estudo, foi detectada a Síndrome da Colonialidade Internalizada.

Não se trata de uma classificação da nosologia clínica clássica, apta para orientar a melhor medicação alopática. Aqui não falamos de *Cure the Disease*, mas cuidamos do *Healing the Illness*.

Vários fatores biopsicossocioespirituais podem influenciar a anamnese deste diagnóstico:

- O nível de racismo multidimensional experimentado;
- As condições socioeconômicas;
- As consequências da miséria e da desnutrição no desenvolvimento neurológico e do cognitivo;
- As oportunidades de acesso aos serviços públicos, de educação, de saúde, de cultura e de lazer;
- Uma pedagogia de gênero respeitosa das diversidades;
- A violência estrutural que perpetua a desigualdade;
- A experiência de uma espiritualidade libertadora ou repressiva, ecumênica ou fundamentalista, amorosa ou baseada no medo e na culpa.

Não se trata de um simples complexo de inferioridade de uma pessoa colonizada que sente inveja dos privilégios dos “gringos”, mas de uma síndrome que inferioriza, que relega no abismo de uma escravidão assumida inconscientemente, com uma conformação ao estado subalterno e submisso, sem perspectivas de emancipação. Tudo isso gera sofrimento psíquico, sintomas e transtornos de saúde mental. Gera o hábito da carência, da dependência emocional,

com vazios existenciais que não podem ser preenchidos, com a paralisia da prosperidade não merecida; uma pobreza e uma miséria que se internalizam como *modus vivendi*. *Eu não presto, eu não sou capaz, eu nunca vou conseguir*.

Uma negação da potência do Ser, um corte de asas metafórico, uma águia capaz de desafiar os céus majestosos, condenada a se sentir como uma galinha em um galinheiro de quintal; nada de mais adoecedor para uma mulher que vibra quando há uma dança ou um ritmo de tambor, ou uma pintura no corpo, ou quando evocam a sua verdadeira origem, o seu verdadeiro lugar no mundo.

É a saudade de uma nova terra, livre, na qual a mulher tem direitos e não sofre humilhação e preconceitos por sua cor, raça, orientação sexual, classe social ou posição acadêmica, na qual ela pode expressar-se, realizar sonhos e propósitos e ser a melhor que pode ser.

A Síndrome da Colonialidade Internalizada evoca a necessidade de requalificação dos profissionais de saúde mental. Exige a superação dos modelos ortodoxos e a construção de novas abordagens. Uma ortopraxia interseccional que olha para múltiplas categorias como cultura, raça, gênero, classe e epistemologia. Dependendo do contexto sociopolítico e acadêmico, pode-se determinar a composição e a intensidade das interferências dessas várias categorias.

Como foi observado, existem experiências de sofrimento psíquico peculiares interligadas com as consequências da colonialidade como o banzo, o mucambo ou outras tipicamente nordestinas como o lundum, expressão popular que significa estar amuado, com mau humor, zangado. Ainda temos *o quebranto, a espinhela caída, o calundu, o caruara ou treme-treme, o tangolomango* entre outros. Para essa complexidade etnopsiquiátrica, é necessária uma abordagem biopsicossocioespiritual como a ASC.

A Abordagem Sistêmica Comunitária, como experiência epistemológica do Sul, dialoga com as raízes culturais dos participantes das práticas integrativas complementares e proporciona vivências que integram seus valores e crenças. Uma ecologia de saberes que permite um processo de *healing the illness*, para contribuir para a renovação de uma saúde mental e coletiva libertadora. Políticas públicas inclusivas, que harmonizam os direitos humanos, que respeitam a diversidade.

Assim como as 15 mulheres que participaram deste estudo denominadas de ervas perenes vibrando na essência: Malva, Áster, Papoula, Gerânio, Campanula, Lavanda, Ranúnculo, Zínia, Tomilho, Salvia, Crocus, Borragem, Anêmona, Coentro, Erva Gato.

Símbolos de resiliência, de resistência, de re-existência, capazes de suportar, de sustentar, de superar o insuperável. Elas estão de parabéns. Ensinam-nos que é necessário ir sempre em frente, ir além, agarrar-se a uma oportunidade, aproveitar e “dar uma volta para cima”. Todas saíram do isolamento, da paralisia existencial, tomaram consciência do próprio valor, curaram-se de vários sintomas que reduziam a qualidade de vida e a autonomia delas. Mas, sobretudo, iniciaram a se curar da Síndrome da Colonialidade Internalizada, uma triste herança que afeta milhões de mulheres no mundo, que são a demonstração e a evidência das consequências nefastas do colonialismo.

Na verdade, somos tod@s parentes, uma grande família que merece paz, com uma Vida em abundância para tod@s os seres. “Oh, Mitakuye Oyasin”.

REFERÊNCIAS

- AKSTEIN, David. Socio-cultural basis of terpsichoretrancetherapy. **American Journal of Clinical Hypnosis**, v. 19, n. 4, p. 221-225, 1977. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00029157.1977.10403879> Acesso em: 1 set. 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARRETO, Adalberto. **Terapia Comunitária, passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LPR, 2005.
- BARROS, Aidil Jesus da Siveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica**. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind**. San Francisco, CA, USA: Chandler, 1972.
- BERGMAN, Jerry. Albert Szent-Gyorgyi's Theory of Syntropy and Creationism. Institute for Creation Research, 1977. Disponível em: <https://www.icr.org/article/136> Acesso em: 26 set. 2020.
- BERGMANN, Michel. **Nasce um povo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1977.
- BIRLA, Ritu. History and the critique of postcolonial reason limits, secret, value. **International Journal of Postcolonial Studies**, v. 4, n. 2, p. 175-185, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13698010220144180>
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: a metáfora da condição humana**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOFF, Leonardo. **O despertar da Águia: O diabólico e o simbólico na construção da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOFF, Leonardo; HATHAWAY, Mark. **O Tao da Libertação: diálogo entre ciência moderna e teologia**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BONVINI, O. *et al.* Healing the Illness or Cure the Disease? Toward a Bio-Psycho-Socio-Spiritual approach in a multi-ethnic context. In: World Congress of Psychiatry; LÓPEZ IBOR, Juan JOSÉ (Coord.). **Proceedings of the X World Congress of Psychiatry**, Madrid, Spain, August 23-28 1996. Seattle WA: Hogrefe & Huber; 1999.
- BOSI, Magalhães Maria Lucia. *et al.* Inovação em Saúde Mental: subsídios à construção de práticas inovadoras e modelos avaliativos multidimensionais. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1231-1252, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/hPRVYwSQdFp8pQGxpTV9Prx/?format=pdf&lang=pt>

BOSI, Magalhães Maria Lucia. Pesquisa qualitativa em saúde coletiva: panorama e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, Fortaleza, v.17, n. 3, p. 575-584, mar. 2012.

BOSI, Maria Lúcia Magalhães *et al.* Inovação em saúde mental sob a ótica de usuários de um movimento comunitário no nordeste do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 643-651, 2012. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v17n3/v17n3a10.pdf

BOURGUIGNON, Erika; EVASCU, Thomas L. Altered states of consciousness within a general evolutionary perspective: A holocultural analysis. **Behavior Science Research**, v. 12, n. 3, p. 197-216, 1977. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/106939717701200303>

BOWERS, Kenneth S. Hypnosis: An Informational Approach. **Annals of the New York Academy of Science**, New York, n. 296, p. 222-237, 1977. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.1977.tb38174.x>

BRANDEN, N. **Autoestima e os seus seis pilares**. Trad. Vera Caputo. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Aprovar diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **DOU**, 16/10/96. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri. **Quem canta o Estado-nação?** língua, política, pertencimento. Trad. Vanderlei Zacchi, Sandra Goulart Almeida. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.

CAPRA, F. **A teia da vida**: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2000.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**: A ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1999.

CAPRA, F. **O Tao da física**. São Paulo: Cultrix, 1983.

CAPRA, F. **Scienza universale**: Arte e natura nel genio di Leonardo. [S.l.]: Ed. Rizzoli Milano, 2007.

CAPRA, F.; LUISI, P. L. **Visão sistêmica da vida**. São Paulo: Cultrix, 2014.

CASTANEDA, Carlos. **A Erva Do Diabo Os Ensino de Dom Juan**. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

CAVALCANTE, Antonio Mourão; BONVINI, Rino. Psiquiatria, outros olhares Reflexões teóricas de um modelo de intervenção. **Psychiatry On Line**, v. 7, n. 4, p. 30-35, 2002. Disponível em: <https://priory.com/psych/mour0402.htm>

CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O Fenômeno Humano**. Trad. José Luiz Archanjo. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Trad. Magda Lopes. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DARWIN, Charles. **Viagem de um naturalista ao redor do mundo**. Vol. 2. Andes, Ilhas Galápagos e Austrália. L&PM editores, Porto Alegre, 2019.

DE LAS CASAS, Bartolomé. **História de las Indias**. Mexico: Edicion Fondo de Cultura Economica, 1951. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/historia-de-las-indias--0/html/d31cc52d-acd9-4776-a069-ee37b963f399_12.html#I_0_ Acesso em: 16 ago. 2022.

DE SOUSA, Antônio Elizeu; DA COSTA, Liduina Farias Almeida. Abordagem Sistêmica Comunitária: Avaliação de um serviço socioterapêutico de saúde mental em Fortaleza. **Conhecer: Debate entre o Público e o Privado**, v. 7, n.18, p. 72-90, 2017. Disponível em: <http://seer.uece.br/?journal=politicaspublishasemdebate&page=article&op=view&path%5B%5D=3459>

DI CORPO, Ulisse; VANNINI, Antonella. **Sintropia**. In: *Origini della vita, evoluzione e coscienza alla luce della legge della sintropia*. **Syntropy**, [S.l.], n. 1, p. 9-19, 2011.

DU BOIS, William Edward Burghardt. **As almas do povo negro**. São Paulo: Veneta, 2021.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. Trad. Perrone-Moisés, Beatriz, Benedetti, Ivone Castilho. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ENGEL, George L. The need for a new medical model: a challenge for biomedicine. **Science**, v. 196, n. 4286, p. 129-136, 1977. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/847460/>

ESTERMANN, Josef. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ESTERMANN, Josef. **Filosofia andina: estudio intercultural de la sabiduría autóctona andina**. Quito (Equador): Edicion Abya Yala, 1998.

ESTERMANN, Josef. **Si el sur fuera el norte: chakanas interculturales entre andes y occidente**. La paz, Bolivia: Edicion Iseat, 2008.

ESTERMANN, Josef., **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1968.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

Ferrara, Jéssica Antunes. Diálogos entre Colonialidade e Gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254394> Acesso em: 02 ago. 2022.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANCISCO, Papa. **Carta encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social**. Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html Acesso em: 15 ago. 2022.

FRANCISCO, Papa. **Carta encíclica Laudato si. Sobre o cuidado da casa comum**. Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acesso em: 15 ago. 2022.

FRECSKA, Ede; KULCSAR, Zsuzsanna; **Social Bonding in the Modulation of the Physiology of Ritual Trance**, Ethos: Journal of the Society for Psychological Anthropology 17 (1):70-87 (1989)

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 24. ed. Trad. Moacir Gadotti, Lillian Lopes Martin. São Paulo: Paz e Terra S.A., 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GABOARDI, P. *et al.* A Cross-Cultural Experience of Supportive Psychotherapy with a Bio-Psico-Socio-Spiritual Approach. In: World Congress of Psychiatry; LÓPEZ IBOR, Juan JOSÉ (Coord.). **Proceedings of the X World Congress of Psychiatry**, Madrid, Spain, August 23-28 1996. Seattle WA: Hogrefe & Huber; 1999.

GADAMER, H. G. **Verdade e Método**. 3. ed. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petropolis: Vozes, 1999.

GALEANO, Eduardo. **As Veias abertas da América Latina**. Trad. Sergio Faraco. L&PM, 2021.

GIBBON, Guy. **The Sioux: The Dakota and Lakota Nations**. Dakota: Blackwell Publishers, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Maria Gabriela Curubeto *et al.* **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Maria Gabriela Curubeto *et al.* O compartilhamento do cuidado em saúde mental: uma experiência de cogestão de um centro de atenção psicossocial em Fortaleza, CE, apoiada em abordagens psicossociais. **Saúde e Sociedade**, v. 21, p. 152-163, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000500013&lng=en&nrm=iso Acesso em: 02 ago. 2022.

GOMES, Romeu et al. Êxitos e limites na prevenção da violência: estudo de caso de nove experiências brasileiras. **Ciência & saúde coletiva**, v. 11, p. 1291-1302, 2006. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v11s0/a18v11s0.pdf

GÓMEZ, Gregorio R.; FLORES, Javier Gil; JÍMENEZ, Eduardo García. **Metodología de la investigación cualitativa**. Málaga: aljibe, 1996.

GREENFIELD, Sidney M. A Faith-Based Mental Health and Development Project for Slum Dwellers in Brazil. **NAPA Bulletin Special Issue: Intersections of Faith and Development in Local and Global Contexts**, v. 33, Issue 1, p. 91–104, May of 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1556-4797.2010.01042.x>

GREENFIELD, Sidney M. **Cirurgias do Além: Pesquisas antropológicas sobre curas espirituais**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GREENFIELD, Sidney M. **Spirits with scalpels: The culturalbiology of Religious Healing in Brazil**. California: Lef Coast Press, Walnut Creek, 2008.

GROF, Stanislav. **A mente holotrópica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GROF, Stanislav. **Além do cérebro: Nascimento, morte e transcendência em psicoterapia**. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.

GROF, Stanislav; GROF, Chistina. **A tempestuosa busca do ser**. São Paulo: Cultrix, 1998.

GROF, Stanislav; GROF, Chistina. Emergência espiritual: a compreensão e o tratamento das crises transpessoais. In: WALSH, Roger; VAUGHAN, Frances (Org). **Caminhos além do ego: Uma visão transpessoal**, São Paulo: Cultrix, 1997.

HALEY, J. **Psicoterapia familiar: um enfoque centrado no problema**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

HEMMING, John. **Ouro Vermelho: A Conquista dos Índios Brasileiros**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

HOLLANDA, Heloisa, B. **Pensamento feminista hoje perspectivas de coloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

JAMES, D.C. Coping with a new society: the unique psychosocial problems of immigrant youth. **J. Sch Health**. [S.l.], Ano 67, n. 3, p. 98-102, mar, 1997.

JAMES, W. **As variedades da experiência religiosa**. São Paulo: Cultrix, 1995.

JANTSCH, Érich. **The Self-Organizing Universe: Scientific and Human Implications of the Emerging Paradigm of Evolution**. New York: Pergamon Press, 1980.

JOHNSON, Steven. **Emergência a vida integrada de formigas cérebros cidades e softwares**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

JUNG, C.G **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** / C.G. Jung. Tradução Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2016. Título original: Die Archetypen und das Kolektive Unbewusste. ISBN 978-85-326-4531-9 – Edição digital

JUNG, C.G. **O Livro Vermelho**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2010.

KAISER, Rudolf. **Dio dorme nella pietra**. 2ª ed., Como, Itália: Red edizioni, 1997.

KHUN, Thomás. **A Estrutura da Revolução Científica**. [S.l.: s.n.], 1962.

KINOSHITA, R.T, **Autopoiese e Reforma Psiquiátrica**. São Paulo: Hucitec Editora, 2016

KLEINMAN, A. Neurasthenia and Depression: A Study of Somatization and Culture in China. **Culture, Medicine, and Psychiatry**. [S.l.], Ano 6, n. 2, p.117-189, 1982.

KLEINMAN, A. **Patients and Healers in the Context of Cultures. An Exploration of Borderland between Anthropology and Psychiatry**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1980.

KLEINMAN, A. **Rethinking Psychiatry, From Cultural Category to Personal Experience**. New York: The Free Press, 1988a.

KLEINMAN, A. **The Illness Narratives: Suffering, Healing, And The Human Condition**. . [S.l.]: Basic Books, 1988b.

KLEINMAN, Arthur; KLEINMAN, Joan. Somatization: The Interconnections in Chinese Society among Culture, Depressive Experiences, and the Meaning of Pain. *In: **Culture and Depression***. Berkeley: University of California Press, p.429-490, 1985.

KOESTLER, Arthur. **The Ghost in the Machine**. [S.l.]: Penguin Group, 1990.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton; **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade **Técnicas de pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1993.

LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAZLO, Ervin. **A Ciência e o Campo Akashico**. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

LAZLO, Ervin. **The systems view of the world: The natural phylosophy of the new development in the sciences**. New York: George Braziler, 1972

LAZLO, Ervin. **Um Salto Quântico no Cérebro Global**. Sao Paulo: Cultrix, 2012.

LEAL, Vinicius Barros. **A colonização portuguesa no Ceará: o povoamento**. Ed. fac – similar – Fortaleza: Tipoprogresso, 2007.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. Em busca de uma fundamentação para a Memética. Artigos • Trans/Form/Ação 36 (1) • Abr 2013. <https://doi.org/10.1590/S0101-31732013000100011> acessado 01/03/2022

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**; tradução Luiza Sellera. São Paulo. Cultrix, 2019.

LOVELOCK, James. **GAIA: A New Look at Life on Earth**. Oxford: Oxford University Press, 1979.

LUGONES, Maria. “Rumo a um feminismo descolonial”. Tradução de Juliana Watson e Tatiana Nascimento. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.

LUHMANN, Niklas. **Social systems**. Stanford: Stanford University Press, 1995

MASSIMINI, Fausto; CARLI, Massimo; CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. The systematic assessment of flow in daily experience. *In*: CSIKSZ ENTMIHALYI, Mihaly; CSIKSZENTMIHALYI, Isabella Selega. **Optimal experience**: Psychological studies of flow in consciousness. New York, NY, US: Cambridge University Press, 1988.

MASSIMINI, Fausto; INGHILLERI, Paolo. **La selezione psicologica umana**: Teoria e metodo d'analisi. Firenze, Arcipelago Edizioni, 1993.

MATURANA, Humberto. **A Ontologia da Realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Trad. José Fernando Campos Fortes, 3ª. Reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MATURANA, Humberto; DÁVILA, Ximena Yañez. **Habitar humano em seis ensaios de biologia cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco **De máquinas e seres vivos - autopoiese: a organização do vivo**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana**. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **Autopoiesis and cognition**, The realization of living. Dordrecht, Holanda: Reidel Publishing Co, 1979.

MIGNOLO, Walter, D. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **RBCS** Vol. 32 nº 94 junho/2017: e329402

MIGNOLO, Walter, D. **The darker side of western modernity**. Duke University press. Durham & London, 2011.

MILANEZ, Felipe; SANTOS, Fabricio Lyrio; **Guerra da conquista: da invasão dos portugueses até os dias de hoje**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2021

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (Org.). **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, mar. 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (Org.). **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. 9ª edição revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec; 2006. 406 p.

MINDELL, Arnold. **Earth-Based Psychology: Path Awareness from the Teachings of Don Juan**, Richard Feynman, and Lao Tse. Chicago, IL: Independent Publishers Group, 2007.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias: Funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

Misto, tradução Magda Lopes; consultoria, super visão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MORIN, E. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, D. F. (Org.). **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artmed, 1996a.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 11. ed. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, E. **O método 5: A humanidade da humanidade, a identidade humana**. Porto Alegre: Sulina, 2002

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários para a Educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2ª ed., São Paulo: Unesco/Cortez Editora, 2000.

MOVIMENTO SAÚDE MENTAL, **Abordagem Sistêmica Comunitária**. Cartilha produzida pela equipe da coordenação do MSM. Fortaleza, 2019. MSMC_CARTILHA 22x24 FECHADA 13.08.2019.pdf - Google Drive acessado em 01/09/2022

MOVIMENTO SAUDE MENTAL, **Relatório atividades**. Produzido pela equipe da coordenação do MSM. Fortaleza, 2021. <http://movimentosaudemental.org/wp-content/uploads/2022/06/RELATORIO-MSM-2021.pdf> acessado 01/09/2022

MURDOCK, G. Peter. **Theory of Illness, a World Survey**. Pittsburgh, USA: University of Pittsburgh Press, 1980.

NEIHARDT, JOHN G. **Alce Negro Fala A História da Vida de Homem-Santo dos Sioux Oglala**. Ed. Antígona, Lisboa, Portugal. 2000.

NGOMANE, Mungi. **Ubuntu, la via africana alla felicità**. Rizzoli: Milano. 2019.

OLIVEIRA, Vanilda Maria de. **Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes, lesbianidades em Goiás**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. 2006. 2 set. 2022.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das Epistemologias africanas**. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oyèrónké_oyèwù mí_- _conceitualizando_o_gênero.os_fundamentos_eurocêntrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf Acesso em: 2 set. 2022.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. **The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses**. Minnesota: University of Minnesota Press; First edition, 1997.

PETTIGREW, Andrew M. The character and significance of strategy process research. **Strategic Management Journal**, v. 13, n. S2, p. 5-16, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/smj.4250130903>

PILCH, John J.; NEYREY, Jerome H. Sickness and healing in Luke-Acts. **The social world of Luke-Acts**. Models for interpretation, p. 181-209, 1991. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcajpcgleclfindmkaj/https://religion.emory.edu/faculty/robbins/Pdfs/NeyreySocialWorldLukeActs.pdf>

POMPEU SOBRINHO, Thomaz. Sistema de Parentesco dos Índios Cariris. **Revista do Instituto do Ceará**. p. 163-180. 1947. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1947/1947-SistemaParentescoIndiosCariris.pdf> Acesso em: 28 ago. 2022.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Unesp, 1996.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del Poder y Clasificación Social**. Buenos Aires: CLACSO, 2014. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano-clasificacion-social.pdf> Acesso em: 02 ago. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-racionalidad. In: BONILLO, Heraclio (comp.). **Los conquistados**. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, pp. 437-449. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <https://idoc.pub/documents/anibal-quijano-colonialidade-e-modernidade-racionalidade-dvrlrgdkk9p4z> Acesso em: 02 ago. 2022.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4109238/mod_resource/content/1/12_Quijano.pdf
Acesso em: 02 ago. 2022.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. *In: Novos Rumos*, ano 17, n. 37, p. 4-28, 2002. Disponível em: <https://doceru.com/doc/1xnc81> Acesso em: 1 ago. 2022.

REALE, G.; ANTISERI, D. **A História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

REALE, G.; ANTISERI, D. **A História da Filosofia: Filosofia pagã antiga**. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2007.

ROCHA, Aline Matos. The bio-logic of biopower: the (dis)position of the body in oyèwùní and Foucault. **Problemata: R. Intern. Fil**, v. 10. n. 2, p. 29-42, 2019. Acesso em: 02 ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.7443/problemata.v10i2.49121>

ROSEMBERG, M. **Society and the Adolescent Self-Image**. Princeton University Press, Princeton, 1965.

ROSS, Allen. **Mitakuye Oyasín: We are all related**. Denver, CO 80248: Wicóni Wasté (means “beautiful life” in Lakota). Thirteenth Printing, December 1998.

ROSSI, Ernest L. The Deep Psychobiology of Psychotherapy. *In: Handbook of Innovative Therapy*. 2nd ed. Wiley: R. Corsini, 2001.

ROSSI, Ernest L. **The Psychobiology of Mind-Body Healing: New Concepts of Therapeutics Hypnosis**. Revised edition. New York: W. W. Norton, 1993.

ROSSI, Ernest L.; ROSSI, Kathryn L. **The Symptom Path to Enlightenment: The New Dynamics of Self-Organization in Hypnotherapy: An Advanced Manual for Beginners**. California: Pacific Palisades, 1996.

ROSSI, Ernest Lawrence. Mindbody healing in hypnosis: Immediate–early genes and the deep psychobiology of psychotherapy. **Japanese Journal of Hypnosis**, v. 43, p. 1-10, 1998. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1998-10083-001>

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SANTOS, Vívian Matias dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30200112>

SARGANT, William. **Battle for the Mind: A Physiology of Conversion and Brainwashing**. How evangelists, Psychiatrists, Politicians, and Medicine Men can change your beliefs and behavior. Cambridge, MA: Margaret Sargent, ISHK, 1997.

SHELDRAKE, Rupert. **Uma nova ciência da vida: A hipótese da causação formativa e os problemas não resolvidos da biologia**. Trad. Marcello Borges. São Paulo: Pensamento-Cultrix Ltda, 2013.

SOLON, Pablo. **Alternativas sistêmicas:** bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. São Paulo: Elefante, 2019.

SOUSA, Jessé José Freire de. **Como o racismo criou o Brasil.** Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 5. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

SUTICH, Anthony J. Some considerations regarding transpersonal psychology. **The Journal of Transpersonal Psychology**, v. 1, n. 1, p. 11, 1969. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/624453c9b6c551b1a271ead3b39973d9/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1816469>

SZENT-GYORGYI, ALBERT: Drive in Living Matter to Perfect Itself. **Synthesis 1**, v. 1, n. 1, pp. 14-26, 1977.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento Sistêmico: O Novo Paradigma da Ciência.** Campinas: Papirus, 2003.

VIEEZER, Moema; GRONDIN, Marcelo. **Abya Yala, genocídio, resistência e sobrevivência dos povos originários das Américas.** 1.ed. Rio de Janeiro: Bambual editora, 2021

VON BERTALANFFY, L. **Teoria Geral dos Sistemas:** Fundamentos, desenvolvimento e aplicações. Trad. Francisco M. Guimarães. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

VON FOERSTER, H. Entrevista a Guitta Pessis-Pasternak. In: PESSIS-PASTERNAK, G. **Do caos à inteligência artificial.** São Paulo: UNESP, 1993.

VON FOERSTER, H. **Observing System.** Seaside, California: Intersystems Publication, 1981.

VON FOERSTER, H. Reflexiones ciberneticas. In: FISCHER, H. R. *et al.* **El final de los grandes proyectos.** Barcelona: Gedisa, 1996b.

VON FOERSTER, H. **Sistemi che osservano.** Roma: Astrolabio Ubaldini, 1987.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J.; JACKSON, D. **Pragmática da comunicação humana.** São Paulo: Culturix, 1967.

WHEATLEY, Margaret J.; KELLNER-ROGERS, Myron. The irresistible future of organizing. July-August, 1996. Whitley, The Unplanned Organization: Learning from Nature's Emergent Creativity. **Noetic Sciences Review**, v. 37, 1996. Disponível em: <https://www.margaretwheatley.com/articles/irresistiblefuture.html> Acesso em: 15 nov. 2020.

WHEATLEY, Margaret. **Liderança e a nova ciência:** Descobrimos ordem num mundo caótica. São Paulo: Cutrix, 2006.

WIENER, N. **Cybernetics.** New York: Wiley, 1948.

WILBER, K. **A Theory of Everything:** An integral vision for business, politics, Science and spirituality. Boston: Shambhala, 2001a.

WILBER, K. **Espiritualidade Integral**. São Paulo: Aleph, 2007.

WILBER, K. **Psicologia Integral**. São Paulo: Cultrix, 2002.

WILBER, K. **Uma Breve História do Universo, De Buda a Freud**: Religião e Psicologia unidas pela primeira vez. Rio de Janeiro: Nova Era, 2001b.

WORSLEY, Peter. Non-western medical systems. *Annual Review of Anthropology*, p. 315-348, 1982. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.an.11.100182.001531>

YIN, Robert. **Case Study Research: Design and Methods**. 2. ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 1994.

YUNUS, Muhammad. **Um mundo sem pobreza**: a empresa social e o futuro do capitalismo. São Paulo: Ática, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTAS



FUNDAÇÃO EDSON QUEIOZ

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

Doutorando: Ottorino Bonvini (MSM)

Orientadora: Profa. Dra. Aline Veras Moraes Brilhante (UNIFOR)

Contexto da pesquisa:

- Movimento Saúde Mental (MSM) - Bom Jardim, Fortaleza, Ceará; Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC) e Práticas Integrativas de Cuidado (PICS)
- Um grupo de 15 mulheres que participaram das atividades socio terapêuticas do MSM, envolvidas direta ou indiretamente no desenvolvimento da ASC nos últimos 26 anos, participam do processo de Co-construção do resultado científico deste trabalho através do resultado das entrevistas.
- Este trabalho sistematiza os pressupostos teóricos e metodológicos que fundamentam as atividades do MSM, compreendendo simultaneamente as percepções deste grupo de mulheres.

Esta pesquisa:

A PRÁXIS DA ABORDAGEM SISTÊMICA COMUNITÁRIA COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DE MULHERES EM FORTALEZA, CEARÁ.

coordenada pelo Pe. Dr. Ottorino Bonvini tem como objetivos:

- Analisar a experiência de Saúde Mental de mulheres inseridas nas atividades socioterapêuticas, desenvolvidas no Movimento Saúde Mental (MSM).
- Descrever as percepções no cotidiano por meio da autoimagem das participantes;
- Avaliar o processo de evolução pessoal de mulheres participantes das atividades socioterapêuticas desenvolvidas pela Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC);

- Compreender o processo de decolonização na experiência terapêutica vivenciada pelas mulheres no (MSM).

Roteiro semiestruturado para entrevistas:

Identificação

1. Qual o teu nome?
2. Tens quantos anos de idade?
3. Tem relacionamento fixo?
4. Seu relacionamento é heteroafetivo ou homoafetivo?
5. Tem filhos?
6. Os filhos são seus e do seu (sua) companheiro(a) atual?
7. Qual seu grau de escolaridade?
8. Tem ocupação remunerada nesse momento? Se sim, qual?
9. Qual a renda familiar mensal em média?
10. Mora no Bom Jardim há quanto tempo?

Perguntas específicas

1. Por qual motivo você procurou as socioterapias do MSM?
2. Você já experimentou sentimentos negativos tais como: mau humor, desespero, ansiedade, depressão? Se sim, relate um pouco.
3. Como a experiência do MSM influenciou nesse aspecto?
4. Quão satisfeita você está consigo mesma e com sua autoestima?
5. Como a experiência do MSM influenciou nesse aspecto?
6. Como você considera que está sua Saúde Mental agora?
7. Como a experiência do MSM tem influenciado na sua saúde mental nesse momento da pandemia?
8. Quais são as experiências mais significativas da sua vida?
9. Como a experiência do MSM influenciou a sua vida?
10. Tem mais alguma coisa que eu não perguntei, mas sobre a qual você gostaria de falar?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIOZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

A pesquisa:

A PRÁXIS DA ABORDAGEM SISTÊMICA COMUNITÁRIA COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DE MULHERES EM FORTALEZA, CEARÁ.

coordenada pelo Pe. Dr. Ottorino Bonvini tem como objetivo:

- Analisar a experiência de Saúde Mental de mulheres inseridas nas atividades socioterapêuticas, desenvolvidas no Movimento Saúde Mental (MSM).
- Descrever as percepções no cotidiano por meio da autoimagem das participantes;
- Avaliar o processo de evolução pessoal de mulheres participantes das atividades socioterapêuticas desenvolvidas pela Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC);
- Compreender o processo de decolonização na experiência terapêutica vivenciada pelas mulheres no (MSM).

Com essas informações, gostaria de saber a sua aceitação em participar da pesquisa. É necessário esclarecer que:

1. A sua aceitação/autorização deverá ser de livre e espontânea vontade;
2. A identificação de todos os envolvidos que não querem aparecer publicamente será mantida em segredo;
3. Que você poderá desistir de participar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para você;
4. Será permitido o acesso às informações sobre procedimentos relacionados à pesquisa;
5. não haverá riscos ou desconfortos causados pela pesquisa;
6. Somente após ter devidamente entendido e esclarecido o que foi explicado, deverá assinar este documento que será emitido em duas vias.

Em caso de dúvida, poderá comunicar-se com o pesquisador Ottorino Bonvini, Movimento

Saúde Mental, rua dr. Fernando Augusto, 609, Bom Jardim, 60543-375, Fortaleza, CE.

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFC encontra-se disponível para reclamações pertinentes à pesquisa pelo telefone (85) 33668344 ou no endereço Rua: Coronel Nunes de Melo, 1127, Rodolfo Teófilo – Fortaleza.

Fortaleza, ____ de ____ de ____

Assinatura do sujeito da pesquisa

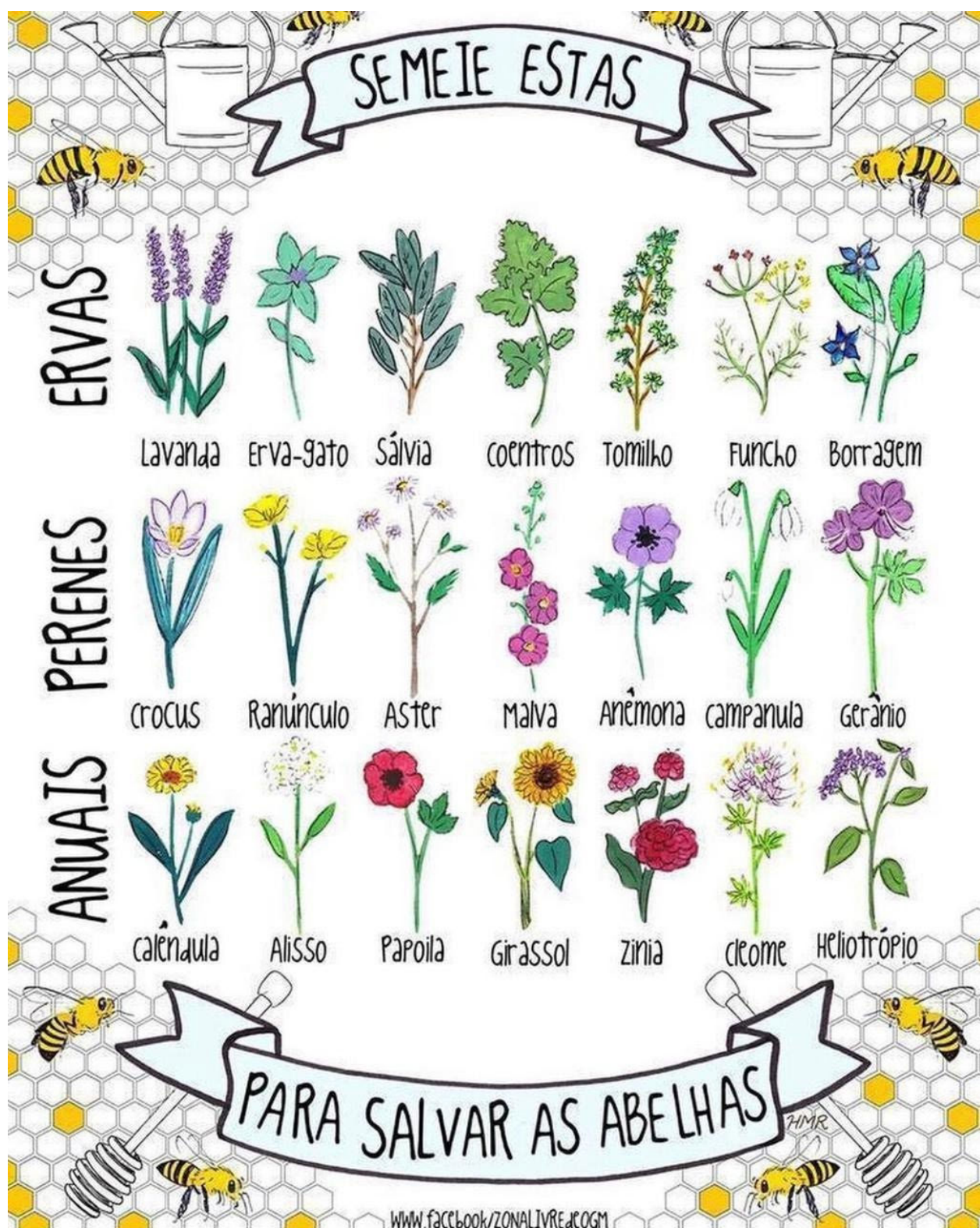
OU

Dr. Ottorino Bonvini Assinatura do pesquisador

Assinatura de quem obteve o TCLE

ANEXOS

ANEXO A – ERVAS PERENES



ANEXO B – MENU TERAPEUTICO

MENU TERAPÊUTICO

Grupos Terapêuticos

- Autismo
- Terapia Comunitária
- Bioenergia
- Constelação Familiar

Funcionam com suporte terapêutico, através de conversas, técnicas e vivências terapêuticas de autoconhecimento e valorização de si mesmos, ativando e desbloqueando luz e sombras.

São grupos voltados para a promoção do bem-estar biopsíquico-espiritual, muito importante para uma vida plena e feliz.

Na autoestima se reforça a confiança e o respeito em relação a nós mesmos.

Práticas Individuais

- **ACOLHIMENTO INDIVIDUAL:** Espaço destinado para receber a visita qualificada de usuários que chegam pela primeira vez nas ações socioterapêuticas, o fim de construir o plano terapêutico. Local: Pátio.
- **BIOMAGNETISMO:** Promove o equilíbrio do pH através da aplicação de lâminas. Canaliza fluxos, funções, bactérias e parâmetros. Método indireto, com duração de até 30min, ajuda a regularizar o funcionamento de órgãos e tecidos, controla para a homeostase do corpo e equilibra o emocional. Público-alvo: Pessoas de qualquer idade (crianças a conselheiras de idades).
- **QUICKMSSAGE:** Combinação das massagens orientais Shiatsu e Aroha, proporciona o relaxamento muscular com sessões de mais ou menos 15 minutos. Técnica realizada com o auxílio de cadeira específica para a prática. Massoterapeutas foram treinados e o dia inteiro tanto para os usuários do CAPS e da Pátio quanto para os profissionais destes equipamentos.
- **MASSOTERAPIA:** Técnica terapêutica nos músculos, articulações e tendões estimulando a circulação e imunidade, alivia de tensões, stress psicológico, controlando a dor e ansiedade.
- **REIKI:** Técnica de energização através das mãos canalizando a "Energia Universal" para o equilíbrio de sistemas físicos, emocionais e mentais proporcionando mais qualidade para os usuários.

ATIVIDADES GRATUITAS

MENU TERAPÊUTICO

PRÁTICAS DE ABORDAGEM SISTÊMICA COMUNITÁRIA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE



• **ESCALDA PÉS:** Banho dos pés com ervas em uma bacia que ajuda no alívio da dor, do cansaço, alivia a circulação, melhora o metabolismo e a imunidade do corpo.

• **ANGILOTERAPIA:** Aplicação no rosto desse material rico em óleos essenciais que geram o bem-estar e contribuem de forma positiva para a beleza e a saúde.

• **AURICULOTERAPIA:** Estimulação de pontos reflexos no ouvido para tratamento complementar de sintomas como dores crônicas, disfunções nos órgãos e de caráter psicológico.

• **SHIATSU:** Prática terapêutica com base na medicina tradicional oriental e cujo método principal é escanhar os seus pontos para um estado completo de saúde e de bem-estar.

• **VENTOSATERAPIA:** É um tipo de tratamento natural onde são usadas ventosas para melhorar a circulação sanguínea em um local do corpo. As ventosas criam um efeito de vácuo, que suga a pele, e resulta no aumento do fluxo de sangue naquele ponto local. Como resultado, existe uma maior oxigenação destes tecidos, permitindo a liberação de toxinas do sangue e do músculo com mais facilidade.

• **BARRA DE ACESSO:** A técnica, por meio de toques terapêuticos em pontos específicos da cabeça, elimina os arquivos mentais que já não fazem sentido. Ou seja, faz com que a pessoa tire de sua vida padrões negativos, ideias e crenças acumuladas ao longo do tempo.



www.movimentosaudemental.org

☎ Movimento Saúde Mental ☎ 85 9.8106.7178

Recife: Rua Dr. Fernando Augusto, 888 - São João - (81) 3471-0882
 Casa Forte: Rua Dr. Fernando Augusto, 885 - São João - (81) 3471-0882
 BSA: Estrada do Galvão, Rua Dr. Fernando Augusto, 490
 Pátio: Rua Dr. Fernando Augusto, 885 - São João - (81) 3471-0882
 Maracá: Rua Nogueira França Nogueira, 122, Maracá - (81) 3471-0882
 Santa Beatriz: Rua Dr. Fernando Augusto, 887 - São João



Menu Terapêutico

Atendimentos Diários

08h00 às 17h00

Reservar agendamento

- ✓ Angiloterapia
- ✓ Auriculoterapia
- ✓ Massoterapia
- ✓ Reiki
- ✓ Ventosaterapia
- ✓ Constelação Individual
- ✓ Escuta Psicológica
- ✓ Biomagnetismo

Segunda

Manhã

07h00 às 08h30 • Acolhimento

08h30 às 09h30 • Grupo Despertando a Memória Meditação (Autoestima)

09h30 às 10h30 • Dança Circular

10h00 às 12h00 • Grupo Movimentos Sistêmicos - Constelação Familiar

Tarde

14h00 às 17h00 • Terapia da Respiração - Casa AME

14h00 às 16h30 • Grupo Florescer - exclusivo para mulheres - (Autoestima)

Noite

19h00 às 20h00 • Grupo de Bioenergia - Adulto

Quarta

Manhã

07h00 às 08h30 • Acolhimento

08h30 às 10h00 • Grupo Empoderando (Autoestima) - Feminino

10h30 às 12h00 • Grupo Empoderando (Autoestima) - Masculino

10h30 às 12h00 • Yoga

Tarde

14h30 às 16h30 • Grupo Amando e Empoderando (Autoestima)

15h30 às 17h00 • Saúde em Movimento - Grupo on-line (Autoestima)

Noite

18h00 às 20h00 • Grupo Movimentos Sistêmicos - Constelação Familiar

Sexta

Manhã

07h30 às 08h30 • Meditação

08h30 às 10h00 • Saúde em Movimento - (Autoestima)

Tarde

14h30 às 16h30 • Escrita Terapêutica - (Autoestima)

15h30 às 17h00 • Trilhas (Jovens) - (Autoestima)

14h00 às 16h00 • Gastronomia Afetiva - ECA

Noite

09h30 às 10h30 • Terapias Integrativas e complementares

Terça

Manhã

07h00 às 08h30 • Acolhimento

08h30 às 10h30 • Resiliência Terapêutica

09h30 às 10h00 • Grupo Direta a Mente (Autoestima)

10h30 às 12h00 • Anotação em Grupo

Tarde

14h30 às 16h30 • Terapia Comunitária

15h00 às 17h00 • CINE Resiliência (Arterioterapia)

15h00 às 17h00 • Ateliê LORTQUA - (Autoestima) Espaço Mario Bonelli

Quinta

Manhã

07h00 às 08h30 • Acolhimento

08h30 às 10h00 • Terapia Comunitária

10h00 às 12h00 • Circuito de Cuidados

08h00 às 12h00 • Hortoterapia

Tarde

14h00 às 16h00 • Cine CAPS - Casa Ame (Arterioterapia)

14h30 às 16h00 • CNA com Histórias - (Biblioterapia)

Sábado

Manhã

08h00 às 09h00 • Bioenergia - adulto

Abraços e grupos on-line oferecidos na Pátio do São

Movimento Saúde Mental

☎ 85 9.8106.7178 Pátio

☎ 85 9.8103-5120 Casa AME